

MESTRADO
ARQUITETURA

Convento de São Francisco de
Coimbra: da construção no século XVII
à recuperação no século XXI
Ângela Dias Costa

M
2018



Ângela Dias Costa

Orientação por Professora Doutora Maria Sofia Teixeira Gomes Santos

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Convento de São Francisco de Coimbra:
da construção no século XVII até à recuperação no século XXI

Aos meus pais

Resumo

A presente dissertação tem como objeto de estudo o tempo de vida do Convento de São Francisco de Coimbra. Partindo do estudo da sua narrativa, desde a chegada dos frades franciscanos à cidade, no século XII, até ao abandono do edifício, nos finais do século XX, pretende-se fazer uma leitura crítica dos projetos de recuperação efectuados, no convento e na sua igreja. Estes projetos tinham como propósito a valorização do edifício, mas também a valorização do lugar onde este se insere.

O estudo foi dividido em duas partes. A primeira procura contar a história do edifício, começando pelo momento da chegada dos frades menores a Coimbra, passando pelas várias implantações, até estes se implantarem, pela segunda vez, na margem poente, no sopé do Monte da Esperança, no século XVII. Na segunda parte, pretende-se abordar o processo de valorização e recuperação de que o edifício e a sua área envolvente foram alvo, no final do século XX, prolongando-se o final desta ação até à segunda década do século XXI. Deste modo, tenciona-se abordar o concurso proposto pela Câmara Municipal de Coimbra (1996), descrevendo-o e caracterizando as diferentes propostas. O concurso teve duas fases. Na primeira fase de seleção, os candidatos foram admitidos, com base em parâmetros relacionados com os respectivos currículos. Na segunda fase ficaram apurados quatro equipas arquitetos: Reichen & Robert Architectes e Mário Bento, Gonçalo Byrne, Fernando e José Bernardo Távora e João Luís Carrilho da Graça. Foi o projeto do Arquiteto Carrilho da Graça que foi o escolhido para ser executado. O processo para a recuperação da Igreja do Convento processou-se de outra forma. O projeto foi atribuído, pela Diocese de Coimbra, a Gonçalo Byrne, não havendo concurso. De forma a construirmos um raciocínio crítico sobre as diversas propostas apresentadas e as intervenções realizadas, apoiámo-nos na leitura das teorias de intervenção no património edificado e, sobretudo, na história do edifício.

Assim, a presente dissertação propõe discutir as intervenções realizadas no edifício, reconhecendo a sua evolução no tempo e as diversas ocupações a que foi sujeito. A leitura crítica efectuada procura compreender a atitude dos arquitetos, perante a história do edifício, não só a que está ligada à vida religiosa, mas também à história, mais recente, relacionada com a ocupação fabril.

Abstract

This essay has as its subject the lifetime of Convent of São Francisco of Coimbra. Starting with the study of its history, since the arrival of the friars of the Franciscan Order in the city in the 12th century until the abandonment of the building, at the end of the 20th century, we intend to do a critical reading about recovery projects carried out in the convent and in the church. This project has the purpose to enhance the building and the place.

The study was divided into two parts. The first one tells the story of the building. It begins with the arrival of the friars in Coimbra and their establishments in the city, until their raise, for the second time, in "Monte da Esperança", in the west margin of the River Mondego, in the 17th century. In the second part, we intend to tell the story of the process of enhancement and recovery of the building and the surrounding area, from the end of the 20th century until the second decade of the 21st century. Therefore, we intend to approach the contest proposed by the "Câmara Municipal de Coimbra" (1996), to describe it and characterize the different proposals of the contest. The contest had two parts. The first part, candidates were admitted, based on parameters related to their respective curriculum. The second part, only four architects or groups of architects were admitted: Reichen & Robert Architectes and Mário Bento, Gonçalo Byrne, Fernando and José Bernardo Távora and João Luís Carrilho da Graça. It was the project of Architect Carrilho da Graça that was chosen to be made. The process for the recovery of the Convent Church has proceeded in another way. The project was gifted by the "Diocese de Coimbra" to Gonçalo Byrne. So, for this reason, there was no competition. To form a reasoning about the different proposals and interventions made in the building, we support our assignment on the reading of theories of intervention in buildings and, especially, in the history of the building.

So, the present essay aims at discussing the interventions made in the building, recognizing its evolution in time and the various occupations to which it was subjected. The critical reading seeks to understand the attitude of the architects towards the history of the building, not only the one related with religious life, but also the recent history, related with the factory occupation.

Agradecimentos

À professora Maria Sofia Santos,
pela orientação e pelo constante interesse.

Ao Professor Doutor Francisco Barata Fernandes,
pela abordagem ao tema das intervenções em património edificado, na sua disciplina opcional
designada “Património Arquitectónico” e que serviu de mote para o desenvolvimento da
presente dissertação.

Ao Arquitecto José Bernardo Távora,
pela disponibilidade, pela conversa e pelo material fornecido.

Ao Arquitecto Gonçalo Byrne,
pelo material e informações cedidos.

Índice

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução

I. Sobre as preexistências do Convento de São Francisco (séc. XIII-séc. XX)

I.I. A primeira fixação dos frades menores na Ermida de Santo Antão dos Olivais (1217-1247)

I.II. Da fundação do Convento de São Francisco da Ponte à nova construção (1247/8-1602)

I.III. Da fundação do novo convento de São Francisco à Extinção das Ordens Religiosas (1602-1834)

I.IV. A instalação de um edifício fabril (1875-1986)

I.V. O início do processo de valorização da margem poente do Rio Mondego (séc. XX)

II. “Concurso para o projeto de Recuperação do Convento de S. Francisco (para Centro de Congressos) e área ribeirinha envolvente” (1996)

II.I. O Programa e seus intervenientes

II.II. A proposta de Reichen & Robert Architectes e Mário Bento

II.III. A proposta de Gonçalo Byrne

II.IV. A proposta de Fernando Távora e José Bernardo Távora

III. Sobre a intervenção no Convento de S. Francisco (Arq. J. L. Carrilho da Graça, 1998-2016)

III.I. Uma primeira resposta ao concurso proposto pela Câmara Municipal de Coimbra

III.II. Da segunda proposta (publicada em 2003) até à conclusão da obra (2016)

IV. Projeto para a Igreja do Convento de S. Francisco (Arq. G. Byrne, 2009-2017)

Considerações Finais

Referências de Bibliografia

Referências de Imagem

Anexos

Cronologia do Convento de São Francisco

Trabalho realizado na disciplina de “Património Arquitectónico”, no ano lectivo de 2017/2018.

Introdução

Tema | Objeto | Casos de Estudo

O título “Convento São Francisco de Coimbra: da construção no século XVII até à recuperação no século XXI” enuncia o tema principal da presente dissertação. Pretendemos fazer um estudo aprofundado acerca do Convento de São Francisco de Coimbra, desde a sua fundação até ao início da sua recuperação em 2010, passando pelas várias fases que o marcaram e de alguma maneira o modificaram, enquanto edifício.

Assim, o tema que está presente nesta dissertação tem que ver com a leitura de dois projetos, o Convento de São Francisco e a igreja do Convento de São Francisco, de dois arquitetos diferentes, João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne, respectivamente. Deste modo, por serem duas intervenções em edificado já existente, realizadas por dois arquitetos, são duas leituras de como intervir num mesmo lugar.

O Convento de São Francisco de Coimbra começou a ser construído em 1602, na margem esquerda do Rio Mondego, depois da destruição de parte de um antigo convento franciscano, que se encontrava muito próximo, junto da ponte que fazia a travessia do rio. Esta primeira implantação na margem poente do rio, não resistiu às cheias constantes. Sabemos que o convento se manteve com a mesma função até à extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1834. A partir desta data, o convento franciscano teve os mais variados programas, desde sede de Junta de Freguesia até a um edifício fabril. A partir da compra do convento feita pela

Câmara Municipal de Coimbra, em 1986, inaugura-se o que se espera ser mais um novo ciclo para este edifício. Em 1996, é aberto um concurso para a sua recuperação. Todavia, só em 2010 começaram as obras no convento. O que nos parece mais relevante neste edifício é a esperança, já acima referida, muitas vezes fomentada pelos agentes políticos, que está presente nas reformas mais recentes efectuadas neste edifício, depois de tantos anos em que esteve inabitado. Uma esperança que se traduz no lugar, no programa, no projeto.

O convento iniciou, assim, um novo ciclo. Desde 1834 que este espaço já não era mais um lugar dedicado à religião. Depois de albergar um edifício fabril, a Câmara Municipal de Coimbra propunha um Centro de Convenções e Espaço Cultural. Deste modo, o Convento, com um novo programa, permitia aliar a cultura, a educação e a economia, possibilitando a dinamização da cidade. Esta nova visão programática permite ao edifício poder ter os mais diversos usos, sendo que não está confinado a uma única e específica utilização, tornando o espaço do convento mais ambivalente. Do ponto de vista da implantação, este edifício tem uma posição estratégica, uma vez que se encontra junto a uma importante via, a A31 (liga Coimbra-Sul ao IP3) e, ainda, encontra-se relativamente próximo do centro da cidade de Coimbra.

Em 1998, o concurso público “Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento de São Francisco” foi lançado pela Câmara Municipal de Coimbra. Vários foram os Arquitectos que concorreram e que contribuíram para o debate, nomeadamente Fernando Távora, Gonçalo Byrne e Reichen & Robert Architectes e Mário Bento. Apesar das várias controvérsias, foi o arquiteto João Luís Carrilho da Graça quem ficou com o projeto. Mais tarde, em 2009, a Câmara adquire a igreja do convento. Até então, a igreja estava sob o domínio da Diocese de Coimbra, que entregou o projeto da sua recuperação ao Arquiteto Gonçalo Byrne.

Concluímos que, o tema principal da presente dissertação é a elaboração de um pensamento crítico acerca dos dois projetos de intervenção realizados no convento, alicerçado numa leitura do Convento de São Francisco ao longo do tempo.

Motivações e Objetivos

O tema desta dissertação surgiu aquando de uma visita corrente à cidade de Coimbra. As intervenções no Convento de São Francisco, nomeadamente recuperação e extensão do convento e, ainda, as obras de recuperação da igreja, foram registadas pela população coimbrã após um longo período de encerramento, que se verificou desde o início do século XX. As obras que decorreram foram uma esperança para o edifício, como também para a cidade de Coimbra.

Ainda que o convento seja um edifício de muito interesse, é sempre colocado à margem de outros edifícios, igualmente emblemáticos e importantes para a História da cidade. A presença de dois Arquitectos que intervêm num mesmo lugar é um dos aspectos que mais distingue este edificado de outros presentes em Coimbra. A riqueza de ter duas “mãos” a projetar num mesmo edifício, pareceu-nos um aspecto importante e uma forte motivação para estudar o edificado.

Partindo do estudo dos dois projetos, pretendemos fazer a ligação ao passado do edifício, tanto recente como longínquo. Entendemos que apenas com uma boa compreensão do passado se poderá desenhar o futuro. Assim, tencionamos estudar a posição dos Arquitectos e interpretar as suas opções projetuais, naquilo que é o seu processo de trabalho.

Muitas vezes, como arquitectos, pensamos que uma pré-existência ou uma memória pode ser um condicionador e que nos pode impedir a criatividade, contudo ela deve ser um gerador de criatividade. No Convento de São Francisco, temos dois Arquitectos para uma mesma obra, embora tratem de espaços interiores diferentes. Os dois concursos propostos pela Câmara Municipal de Coimbra para as obras de recuperação do convento distanciam-se, temporalmente, cerca de onze anos. Com isto, quando o arquiteto Gonçalo Byrne começou as obras de requalificação da igreja, já as obras no convento tinham começado e, por este motivo, estaria já comprometido com as intervenções propostas pelo arquitecto Carrilho da Graça.

Com esta dissertação procuramos fazer uma análise crítica das duas intervenções no mesmo edifício, olhando para o facto de serem desenvolvidas por dois arquitetos, com diversas formas de pensar um mesmo lugar, fazendo uma reflexão entre o passado e o futuro. Pretendemos elaborar um raciocínio crítico dos projetos e retirar lições metodológicas de intervenção em património edificado, a partir da leitura dos mesmos.

Método

O processo de trabalho para a tese partiu da análise dos dois projetos, o Convento de São Francisco e a Igreja do Convento de São Francisco, como os conhecemos hoje. Posto isto, esta análise desencadeou uma leitura e pesquisa do processo de evolução ao longo do tempo, com o objetivo de podermos fazer uma leitura crítica dos dois objetos de estudo.

Começámos então, por uma leitura do objeto de estudo, como ele se encontra no presente, isto é, como o convento se encontra após ter sido intervencionado. Foram utilizados desenhos de projeto, fotografias e visitas ao lugar para elaborar o estudo que pretendemos.

Considerámos que para a leitura dos dois projetos em causa era necessária a compreensão da construção deste lugar ao longo do tempo. Por isso, pretendemos fazer um enquadramento do objeto de estudo no panorama cultural, localizando-os temporalmente (séculos XVII), bem como espacialmente (Coimbra, Portugal). O espaço e o tempo dos objetos dão-nos pistas relativamente ao modo como se pensava aquando do projeto no século XVII, relativamente ao tempo e ao lugar do seu desenho, o que no caso de Coimbra, poderá ser uma forma específica, que não se repete da mesma maneira, em mais nenhum território. Ao realizar uma cronologia, iremos não só perceber a relação do edifício com o tempo, mas também a sua relação com o espaço. Estes dois conceitos, o tempo e o espaço, vão ser tratados de uma forma mais abrangente ou mais precisa, dependendo da situação e a da sua conveniência para o discurso escrito.

O método de trabalho para a presente dissertação implicou uma primeira abordagem à realidade e às intervenções mais recentes. Posteriormente, procurou-se fundamento para a leitura dos projectos no tempo de vida longo do convento e da sua igreja, sobretudo, no que remete para o projeto e construção do século XVII.

Estrutura

A dissertação está dividida em quatro capítulos. A análise efectuada corresponde à leitura pelo tempo de vida do edifício, desde que foi construído, em 1602, até aos dias de hoje.

O primeiro capítulo da tese conta a história deste, antes das intervenções ocorridas no final do século XX. Este primeiro momento localiza-se, temporalmente, entre 1217 e 1996. Pretende-se fazer uma cronologia temporal e espacial do objeto de estudo. A narrativa do edifício conventual inicia com a chegada dos frades franciscanos a Coimbra em 1217 e com a sua primeira radicalização, em Santo Antão dos Olivais. Mais tarde, em 1247, instalaram-se junto à ponte, que fazia a travessia do rio, na margem poente do rio Mondego. Aqui ficaram, até princípios do século XVII. Em consequência das sucessivas cheias do rio, tiveram de se resguardar num local mais afastado do rio. O lugar escolhido foi o Monte da Esperança, na margem poente do rio. Construíram, então, no sopé da encosta, o novo Convento de São Francisco de Coimbra. Mantiveram-se neste local, até ao abandono dos frades menores, que ali habitavam, por altura da extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1834.

Para além da abordagem da ocupação religiosa, no primeiro capítulo, iremos também tratar da apropriação do edifício por parte de particulares. Quando o convento foi abandonado pelos religiosos, o espaço foi entregue a particulares que o transformaram em espaços fabris. Houve, portanto, algumas mudanças tanto exteriores como interiores no convento. Por fim, no último capítulo, procura-se fazer uma abordagem ao processo de valorização, que ocorreu na margem poente do rio, no século XX e que depois se refletiu e culminou com a recuperação do Convento de São Francisco.

Assim, à luz dos pressupostos dos dois projetos recentes, neste primeiro capítulo tencionamos fazer uma abordagem histórica, não só do edifício em si, mas de tudo o que o

circunda, destacando as distintas fases do convento. Deste modo, iremos proceder a uma contextualização do objeto de estudo na Arquitetura do seu tempo e integrá-lo na própria

cidade e tudo aquilo que esta contém. Incluir o objeto de estudo na paisagem de Coimbra parece-nos importante, uma vez que nos permite perceber a relação do edifício com a sua envolvente mais próxima e mais distante.

Este momento inicial permite-nos perceber ou criticar, no sentido de pensar as intervenções mais próximas temporalmente de nós, visto que o edifício sofreu várias modificações ao longo dos tempos. Para desenvolver o primeiro capítulo teremos de recorrer a bibliografia, a cartografia e iconografia antigas.

No segundo capítulo, pretendemos focar-nos na leitura do concurso proposto pela Câmara Municipal de Coimbra, analisando o seu conteúdo e as propostas apresentadas. Para além de analisarmos a proposta vencedora, parece-nos importante refletir sobre as outras propostas que participaram no concurso. Deste modo, conseguiremos ponderar as decisões que foram efectuadas pelo arquiteto Carrilho da Graça. Para além disto, dois intervenientes no concurso, Fernando e José Bernardo Távora e Gonçalo Byrne, tinham por esta altura realizado projetos em Coimbra. Alguns com proximidade ao objeto de estudo. Por este motivo conheceriam já bem aquele lugar. É sobre estas competências que nos interessa refletir: quatro arquitetos, um mesmo projeto.

Os terceiro e quarto capítulos são dedicados à leitura e análise das intervenções realizadas. No terceiro é realizado uma leitura do projeto do Arquiteto Carrilho da Graça, aprofundando vários temas, tais como: o espaço público, a inserção urbana, o novo volume, a fachada principal e o interior do edifício. O quarto capítulo, contém a leitura da intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne para a igreja. Aqui iremos debater-nos com alguns dos temas já analisados no capítulo anterior, como a inserção urbana, a fachada principal. Todavia, neste último capítulo importa refletir no espaço interior e a forma como este foi intervencionado. Para estes dois últimos capítulos, iremos recorrer às plantas gentilmente cedidas e a fotografias atuais para fazer a análise dos edifícios no presente, pouco tempo depois da sua intervenção finalizar.

I - Sobre as preexistências do Convento de São Francisco (séc. XIII-séc. XX)

I.1. A primeira fixação dos frades menores na Ermida de Santo Antão dos Olivais (1217-1247)

A cidade de Coimbra nasceu do cruzamento de dois grandes sistemas de mobilidade: o meio aquático, o Rio Mondego, que permitia conectar desde a sua foz e a zona do Dão, e a via terrestre Olissipo - Bracara Augusta, importante via romana, que ligava os atuais territórios de Lisboa e Braga, permitindo a ligação norte/sul do território nacional. A cidade desenvolveu-se no local mais propício para o atravessamento do rio, onde a menor altura da água e o relevo menos acidentado eram uma vantagem¹. O núcleo urbano está implantado num morro de calcário, com pendentes bastante íngremes, com a forma de um ovo, que se vira a poente. A grande desvantagem deste local é os assoreamentos que ocorriam no rio, que causavam muitas enchentes ao longo do tempo, o que provocou danos irreversíveis na cidade.

As primeiras notícias de assentamento vêm por parte dos romanos. Foram eles que construíram a primeira ponte, que permitia a conexão entre as duas margens do rio, através do atravessamento do mesmo². Também foi esta civilização que traçou uma via que estabelecia a

¹ "O núcleo primitivo da cidade lançou raízes no cabeço com 106 metros de altitude que se liga à serra do Roxo, através do dorso da Cumeada e das encostas do Tovim ao Dianteiro." Borges, Nelson Correia. *Coimbra e Região*. Lisboa: Presença, 1987, página 34.

² O povo romano foi, de facto, o primeiro a construir a primeira ponte sobre o Rio Mondego. Contudo, esta não conseguiu sobreviver até aos tempos de hoje. Em 1131, D. Afonso Henriques mandou construir uma nova ponte, que substituiu a antiga ponte romana; em 1513, D. Manuel I, ordena obras de restauro, na ponte mandada erguer em 1131. Em 1946, através do estudo e análise para a elaboração de um plano de urbanização na cidade de Coimbra, são propostas duas novas pontes, a primeira, a atual Ponte Europa; e uma segunda, que substituiu a antiga ponte mandada erguer por D. Afonso Henriques, "com características de via urbana que ocuparia o lugar existente.". http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=22431, consultado a 15 de agosto de 2018, às 10:41h.

ligação entre Bracara Augusta e Olissipo³, e que passava pela cidade de Coimbra. A extensão da cidade romana deveria ser relativamente reduzida e a sua forma prolongou-se mesmo até à época medieval, aquando da construção da muralha. A cidade definia-se por um centro, o fórum, implantado onde hoje é o Museu Machado de Castro, apoiado numa grande plataforma.

Mais tarde, este território foi ocupado por outros povos, destacando-se os povos visigodos. *Emínio*, nome que deram à cidade, cresceu de importância, transformando-se num importante centro administrativo. A partir desta ocupação, a cidade começa a crescer e a desenvolver-se e, por esse motivo, tornou-se a capital regional e sede do bispado de Conímbriga. Sabe-se que a cidade foi invadida, em 712⁴, pelos povos árabes, mais tarde reconquistada pelos cristãos⁵.

Com a retirada do povo muçulmano e a reconquista pelos cristãos, a cidade densificou-se e apresentava uma estrutura muralhada. A cidade possuía três importantes pontos de entrada, a Porta de Almedina, junto à via romana; a Porta do Sol, junto ao castelo; e a Porta de Belcouce, que se encontrava junto do rio. Para além das habitações que existiam para a população que vivia dentro da muralha, existiam alguns edifícios com carácter institucional como o castelo, o Paço dos Bispos, a Alcáçova fortificada e algumas igrejas paroquiais.

A cidade “é reconquistada pelos cristãos, para voltar a ser duramente penalizada com as destruições de Almançor, em 987”⁶. Contudo, o ressurgimento da cidade acontece com mais força, de tal forma que, no século XI, era a cidade mais importante a sul do Douro.

No século XII, a cidade dividia-se entre a Alta ou Almedina e a Baixa. A principal porta para a cidade era a Porta de Almedina, junto à atual Rua Ferreira Borges na baixa da cidade. O eixo que seguia daqui até à Sé de Coimbra (atual Rua do Quebra Costas) era um dos principais eixos da cidade⁷. A parte baixa da cidade entre o rio e as atuais ruas Ferreira Borges e do Visconde da Luz, estavam numa plataforma aluvionar, cuja cota foi subindo, ainda que não na

³ “A estrada romana que, com toda a probabilidade atravessava o rio em ponte de pedra, seguia o curso das atuais Rua Ferreira Borges, Visconde da Luz e Direita.” Borges, Nelson Correia. *Coimbra e Região*. Lisboa: Presença, 1987, página 34.

⁴ “712 - invasão muçulmana [a Coimbra]” http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2632, consultado a 15 de agosto de 2018, às 10:52h.

⁵ As invasões muçulmanas começaram em 711, “Estávamos no ano de 714. Já estavam na península cerca de 35.000 homens do exército muçulmano e as conquistas prosseguiram em todas as frentes com a queda, nas mãos dos invasores, de Santarém, Coimbra e Viseu.”, Velho, Álvaro. *A Ocupação Muçulmana da Península Ibérica* in http://alvarovelho.net/materiaishgp/PI-muculmanos/story_content/external_files/A_Invasao_Muculmana.pdf, consultado a 16 de agosto de 2018, 14:22h.

⁶ Borges, Nelson Correia. *Coimbra e Região*. Lisboa: Presença, 1987, página 36.

⁷ “A porta principal da cidade era a de Almedina. (...) Da porta de Almeida ao patamar da Sé subia um dos principais eixos da cidade, hoje conservado na rua de Quebra-Costas.” Alarcão, Jorge de. *Coimbra : a montagem do cenário urbano*. Fotografia de Filipe Jorge, João Boavida. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, página 84.

proporção do assoreamento do Mondego⁸. Na Alta habitavam a nobreza e o clero. Na Baixa encontrava-se o comércio, o artesanato e bairros.

O ano de 1130 é marcado por um forte crescimento demográfico da cidade⁹, mas também pelo começo da chegada de ordens religiosas, nomeadamente a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que começou a edificar, em 1131, o Mosteiro de Santa Cruz. No ano seguinte, começa a ser construída a Ponte Afonsina, que com a sua torre, permitia controlar as entradas da cidade. Estas duas edificações encontravam-se fora da muralha da cidade. Na Alta da cidade destacavam-se as construções de algumas igrejas paroquiais como a Igreja de S. João de Almedina, Igreja do Salvador, Igreja de S. Pedro, Igreja de S. Cristóvão, Igreja de S. Miguel e a Sé de Coimbra¹⁰. Esta última edificação e a Alcáçova¹¹ constituíam o núcleo central do planalto da Alta, sendo que o castelo se encontrava a este. O Paço Episcopal encontrava-se onde outrora tinha estado implantado o Fórum Romano e onde é atualmente o Museu Machado de Castro.

É por esta altura, da Coimbra medieval, e com a presença de uma comunidade religiosa forte, que surgem novas formas de pensar a religião católica, que se distinguem das já existentes. Este aparecimento deu-se por todo o continente europeu. Todavia, a cidade de Coimbra foi uma das primeiras cidades do território atual português a ser invadida por esta nova forma de pensar. Deste modo, em desacordo com o modo de vida levado pela sociedade sua contemporânea, Francisco de Assis de Itália e Domingos de Gusman de França formam uma nova espiritualidade, no século XIII, que muito se distingue da vida religiosa da época. Em consequência deste desagrado surgem duas novas ordens mendicantes, a Ordem de São Francisco (Francisco de Assis) e a Ordem de São Domingos (Domingos de Gusman). Na presente tese focar-nos-emos na Ordem Franciscana, uma vez que está intimamente ligada ao nosso objeto de estudo, embora existissem muitas semelhanças entre as duas.

Quando Francisco de Assis renuncia, no início do século XIII, à sua vida despojada, para seguir uma vida mais próxima do ideal de Cristo, constrói uma nova visão de vida,

⁸ "A parte baixa da cidade, entre o rio e as actuais ruas de Ferreira Borges e do Visconde da Luz, instalou-se numa plataforma parcialmente aluvionar, cuja cota foi subindo, ainda que não na proporção do assoreamento do Mondego." Alarcão, Jorge de. *Coimbra : a montagem do cenário urbano*. Fotografia de Filipe Jorge, João Boavida. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, página 15.

⁹ Entre o séc. XIII e o séc. XV, o crescimento demográfico estancou, em comparação ao forte crescimento do séc. XII, em consequência das cheias, da fome e do surto de peste de 1348, que abalaram a cidade.

¹⁰ "Na Almedina, destacam-se as igrejas paroquiais de S. João de Almedina, Igreja do Salvador, Igreja de S. Pedro, Igreja de S. Cristóvão, igreja de S. Miguel e a Sé." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011.

¹¹ "A construção original, a Alcáçova (palácio fortificado onde vivia o governador da cidade no período de domínio muçulmano), foi edificada sob as ordens de Almançor em finais do século X. A partir de 1131, o Paço Real da Alcáçova seria habitado por D. Afonso Henriques, tornando-se no primeiro paço real do país." in <https://www.vortexmag.net/o-palacio-mais-antigo-de-portugal/>, consultado a 16 de agosto de 2018, 15:07h.

sustentada por quatro pilares essenciais: humildade, simplicidade, pobreza e oração, o que provocou uma clara ruptura com a vida religiosa tradicional.

Os princípios franciscanos chegam à Península Ibérica e consequentemente a Portugal nas primeiras décadas do século XIII. O espaço de expansão da Ordem de São Francisco estava dividido em províncias por todo o Mundo, sendo que a Província de Espanha se encontrava dividida em três: Aragão, Castela e Santiago. O território, agora, de Portugal encontrava-se inserido na Província de Santiago e os conventos portugueses formavam a Custódia de Portugal ou de Lisboa. Esta, mais uma vez, dividia-se em duas partes: Lisboa, com sete conventos: Alenquer (1222), Estremoz (1255), Évora (1224), Leiria (1229), Lisboa, Portalegre (1275) e Santarém (1242); e Coimbra, com seis: Coimbra (1218), Covilhã (1235), Guarda (1235), Guimarães (1290), Lamego (1253) e Porto (1234)¹².

Ao contrário de outras ordens da época, esta nova ordem escolhia frequentemente lugares para se implantar em meios urbanos, onde a sua expansão e a sua difusão eram feitos de uma forma mais eficaz e mais rápida¹³.

Regularmente, os frades que vinham para as cidades, com o objetivo de expandir a sua religiosidade, fixavam-se em instalações precárias, longe dos centros urbanos. Assim aconteceu com os frades menores que vieram para Coimbra, nas primeiras décadas do século XIII. Inicialmente instalaram-se em Santo Antão dos Olivais¹⁴, local situado a nordeste do núcleo urbano consolidado.

A comunidade franciscana não foi a primeira a chegar ao lugar de Santo Antão dos Olivais. Já existiria aqui uma ermida dedicada a Santo Antão, desde os primeiros anos do século XIII¹⁵. Entre 1217 e 1218, instalaram-se junto da ermida os primeiros frades da Ordem de São Francisco, que chegaram à cidade de Coimbra¹⁶. Conforme referido acima, este local

¹² A ordem cronológica dos Conventos de São Francisco em Portugal é: Bragança (1214), Lisboa (1217), Coimbra (1218), Alenquer (1222), Évora (1229), Porto (1234), Covilhã (1235), Guarda (1235), Santarém (1242), Lamego (1253), Estremoz (1255), Portalegre (1275) e Guimarães (1290).

¹³ "Aqui radica a preferência dos Frades Menores pelos meios urbanos, onde é mais fácil e intensamente poderiam difundir a sua mensagem e garantir o indispensável à própria subsistência." in Marques, José. *Os Franciscanos no norte de Portugal nos finais da Idade Média*. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1982, página 7.

¹⁴ "Permaneceriam na cidade, nesses dias, alguns franciscanos, acolhidos ao eremitério ou hospício de Santo Antão dos Olivais." Gomes, Saúl António. *O Mosteiro de S. Francisco de Coimbra nos alvares de Quinhentos* in Arquivo Coimbrão : Boletim da Biblioteca Municipal, coordenação de Maria José Pinho de Miranda, volume 40. Coimbra: Biblioteca Municipal de Coimbra, setembro de 2008, página 386. Mais tarde, o nome de Santa Antão dos Olivais iria evoluir para Santo António dos Olivais, permanecendo até hoje essa designação.

¹⁵ "(...) a tradição religiosa deste local é bem anterior. Há notícia da existência de uma capela dedicada a Santo Antão, pelo menos no início do século XIII" in <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74011>, consultado a 15 de agosto de 2018, 10:16h.

¹⁶ "1217 - 1218 - Junto à Ermida constroem-se algumas celas e oficinas de madeira para se instalarem os frades [franciscanos]" in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2790, consultado a 15 de agosto de 2018: 11:27h.

não se encontrava junto da urbe medieval de Coimbra. Embora, nos tempos de hoje, seja um local inserido na cidade, nos séculos XII e XIII era um local distanciado, à margem do crescimento da cidade. Mesmo com este caráter de periferia da cidade medieval, está documentado que já existiam aqui pequenos aglomerados religiosos, comprovados pela presença do eremitério.

Quando a comunidade franciscana se instalou na margem poente do rio Mondego, em 1247¹⁷, este local, Santo António dos Olivais, não foi abandonado. Aqui, existiria um culto ao espaço que se acreditava ter sido a cela de Santo António. Deste modo, após a saída dos frades menores, instalaram-se, aqui, alguns devotos de Santo António.

Apenas no século XVI, entre 1537-1538, se iniciou a construção de um convento, ligado ao culto a Santo António, com a igreja construída no mesmo lugar da ermida existente¹⁸. Por esta altura, a custódia do convento regressa à Ordem de São Francisco, mantendo-se em seu poder até à extinção das ordens religiosas, em 1834.

A deslocação dos frades menores, para a margem poente do rio Mondego, deve-se, sobretudo, à distância que Santo António dos Olivais tinha do núcleo urbano, já consolidado de Coimbra. Em consequência desta distância, existia uma dificuldade em transmitir os seus princípios religiosos e em pedir esmolas, para que a continuidade da ordem fosse assegurada.

A aceitação dos frades menores nas comunidades onde se integraram mostra como elas necessitavam do seu aparecimento. Normalmente, quando uma nova ordem religiosa é fundada, esta é, naturalmente, o espelho da comunidade onde está inserida. Por este motivo, as ordens mendicantes “embrenhavam-se nas condições infra-humanas de maior parte da população no século XIII”¹⁹, onde o ideal de pobreza e humildade pretendia retratar a sociedade de então, aproximando o clero às classes mais pobres.

Desta forma, através deste novo ideal, com o intuito de fazer chegar a sua mensagem a mais pessoas, “a oração litúrgica, muito pouco expressiva, dá lugar ao “laude” que recorre à linguagem de todos os dias.”²⁰. Assim, visto que a maior parte da população crente não conseguia perceber a língua latina utilizada anteriormente em homílias, podem agora ter uma

¹⁷ “1247 - os franciscanos deixam o lugar para se instalarem no Convento junto à ponte de Santa Clara, passando a Ermida à posse do Cabido da Sé.” in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2790, consultado a 15 de agosto de 2018: 11:27h.
“1247 - 1248 - início da construção do primeiro convento de São Francisco, junto à ponte, do lado de Santa Clara.” in http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

¹⁸ “1537 - 1538 - Início da construção do Convento, por iniciativa do bispo D. Álvaro da Costa, com igreja edificada no mesmo local da Ermida, doada pelo Cabido, com aproveitamento de algumas estruturas da mesma.” http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2790, consultado a 15 de agosto de 2018: 11:27h.

¹⁹ Teixeira, Vitor Gomes. *O Maravilhoso no Mundo Franciscano Português da Baixa Idade Média*. Porto: Granito, Editores e Livreiros, 1999, página 6.

²⁰ Meireles, Maria Adelaide. *A arquitectura Gótica Mendicante em Portugal*. Dissertação para a Licenciatura em Ciências Históricas. Porto: FLUP, 1971, página 13.

vida religiosa mais ativa e mais próxima de Deus, onde a linguagem, vocabulário e composição têm um carácter mais popular.

Nas suas construções, os frades franciscanos implementam e transmitem os ideais que representam: simplicidade, pobreza, humildade. Constroem edifícios simples, sem grande exuberância e monumentalidade. Apesar das obras do convento serem financiadas, normalmente, por esmolas de pobres ou patrocínios de pessoas abastadas, a linguagem presente nas suas construções vai de encontro aos seus ideais de pobreza. Por este motivo, a opção pela sua linguagem trata-se de uma questão de gosto e de princípio e não de uma questão financeira.

I.II. Da fundação do Convento de São Francisco da Ponte à nova construção (1247/8-1602)

Outros aglomerados urbanos formavam-se para além dos limites físicos da muralha, muito por conta das chegadas de novas ordens religiosas, como é o caso da situação já referida do Mosteiro de Santa Cruz, na margem nascente do rio Mondego. Também com a chegada da comunidade franciscana e clarissa a Portugal e com a sua radicação na margem poente do rio, junto da ponte já construída, edificaram-se três edifícios religiosos: o Convento de Sant'Ana (1147-1184), ligada à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, Convento de São Francisco da Ponte (1247-1362) e o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (1286-1330)²¹.

O Convento de Santa Clara-a-Velha começou a ser construído depois do Convento de São Francisco, em 1286. A obra para este convento foi patrocinada por pessoas endinheiradas, como a religiosa D. Mor Dias²², que iniciou e criou a Ordem das Clarissas em Coimbra. Contudo, foi a Rainha Santa Isabel que dedicou a sua vida à ordem das clarissas em Coimbra e a este edifício, sobretudo depois do seu marido falecer, D. Dinis de Portugal escolhendo viver dentro da cerca do convento²³. Anos mais tarde da construção do convento, D. Isabel

²¹ "Aqui [na margem esquerda do rio] desenvolveu-se outro núcleo religioso forte, constituído pelos conventos de Sant'Ana (1174-1184) e S. Francisco da Ponte (1247-1362) e pelo mosteiro de Santa Clara-a-Velha (1286-1330)." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, página 25.

²² "A iniciativa coube similarmente a uma dama da nobreza, D. Mor Dias, (...)" Macedo, Francisco Pato de. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra: singular mosteiro mendicante*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte, Coimbra: FLUC, 2006, página 113.

²³ "D. Isabel, devota de Santa Clara e sobrinha-neta de Santa Isabel da Hungria, resolveu continuar o legado de D. Mor Dias." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, página 41.

"A consagração, no segundo testamento, do mosteiro de Santa Clara como herdeiro universal, revela a grande alteração sofrida por Isabel de Aragão após a viuvez." Macedo, Francisco Pato de. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra: singular mosteiro mendicante*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte, Coimbra: FLUC, 2006, página 127.

consegue uma ordem para poder alargar os terrenos do mosteiro²⁴, construindo o seu paço, um hospício e uma capela hospitalar²⁵. Existiria uma quinta perto da cerca do convento, a Quinta do Pombal (actual Quinta das Lágrimas), a quem a rainha pediu para que lhe fosse cedida água, de forma a abastecer o seu paço e o convento. Esta quinta era propriedade do Mosteiro de Santa Cruz²⁶.

O Convento de São Francisco da Ponte começou a ser erguido em 1247 na margem poente do rio Mondego, junto à ponte, já construída, que fazia a ligação entre as duas margens. Foi mandado construir por D. Pedro, filho de D. Sancho I. Com a impossibilidade de D. Pedro terminar a obra do convento, D. Constança, sua irmã, recebe a tarefa de o concluir. Falece em 1269 também sem terminar a obra. Deixou em testamento²⁷ dinheiro, para que a construção fosse concluída. Podemos deduzir que as obras do convento se prolongaram por vários anos.

Após o estabelecimento dos frades menores na cidade em instalações precárias, estes iniciam a procura de um lugar para a construção do seu convento definitivo. Seguem princípios de implantação, que são comuns aos primeiros conventos construídos. Por norma, implantam-se junto de cidades, mas fora da muralha que conforma a urbe, muitas vezes junto de portas de acesso a esta. Contudo, a sua implantação permite-lhe distanciar-se do núcleo urbano, para poder ser avistado a partir deste. A implantação a uma cota baixa, com proximidade de uma linha de água ou de uma estrutura viária importante era uma questão relevante, visto que lhes permitia fácil acesso e mobilidade, que não teriam se se implantassem dentro da muralha. Para além disto, o atendimento aos mais desfavorecidos, que viviam fora da muralha, era facilitado.

Da implantação do primeiro Convento de São Francisco da Ponte apenas sabemos que a sua localização se encontra junto da ponte de pedra²⁸, mandada construir por D. Afonso Henriques. Contudo, Sandra Silva Lopes²⁹ aponta para uma implantação mais precisa, através

²⁴ "Alargou primeiramente o sítio por terras vizinhas, conforme foi demarcando a grandeza do seu generoso ânimo, e pela mesma medida se obrarão os edifícios novos, melhorando ou desfazendo os velhos." Fr. Manuel da Esperança. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, ... Livro VI, cap. XVII, p. 33 -34 citado em Macedo, Francisco Pato de. *Santa Clara-a-Velha de Coimbra: singular mosteiro mendicante*. Dissertação de Doutoramento em História de Arte, Coimbra: FLUC, 2006, página 127.

²⁵ "Em 1322, o papa João XXII escreveu uma bula onde referia a construção do Paço da Rainha e a permissão para a fundação de um Hospício." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, página 41.

²⁶ "A fronteira ocidental do mosteiro seria uma via existente (...) e a Quinta do Pombal, propriedade do Mosteiro de Santa Cruz, a quem a Rainha pediu, em 1326, a cedência de água de duas fontes para abastecer o mosteiro e o paço." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, páginas 45 e 46.

²⁷ "Foi D. Constança Sanches, sua irmã natural, quem ficou encarregue de concluir a edificação do convento. Ela não conseguiu, pois faleceu em 1269, deixando em testamento trezentas libras para a igreja e cinquenta para um altar dedicado a Santa Catarina.", Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbra*. Prefácio Nelson Correia Borges, Fotografia Manuel Dias, Coimbra: GAAC, 1998, página 14.

²⁸ "O nome do convento deveu-se à sua localização geográfica, já que se situava junto à ponte, na margem esquerda do rio Mondego." Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbra*. Anexos, Coimbra: GAAC, 1998 (1ª edição 1972), página 13.

²⁹ Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbra*. Anexos, Coimbra: GAAC, 1998 (1ª edição 1972).

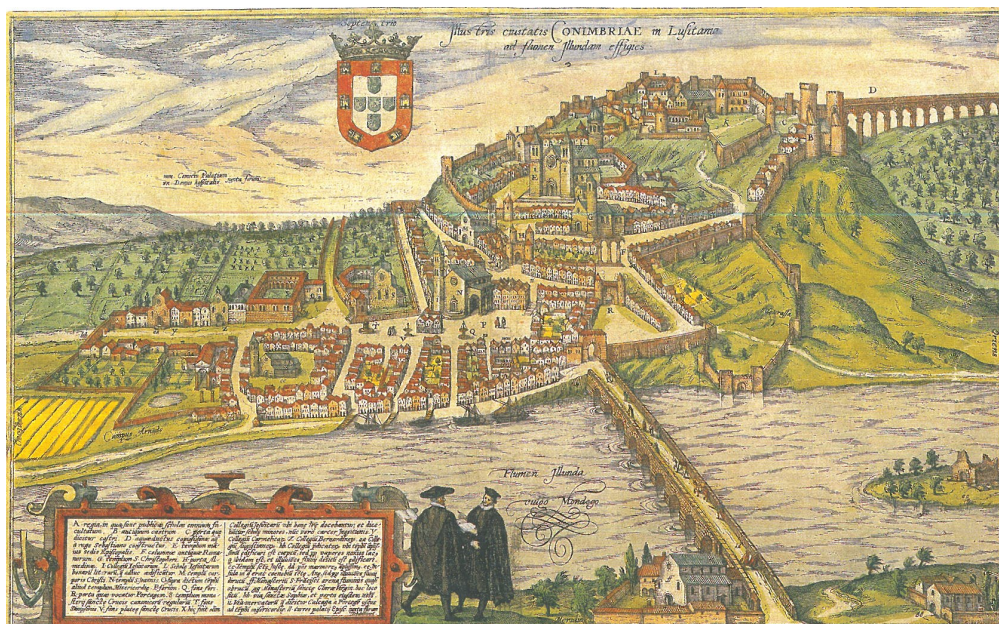


Figura 1- Sandra Dias Lopes afirma que o Convento de São Francisco é o volume que se encontra mais à esquerda, enquanto que o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha se situa à direita. Coimbra na época medieval. [G. Braun e F. Hogenberg]; [finais do século XVI]

da leitura de uma gravura (Figura 1)³⁰, onde assume que o volume situado à esquerda da ponte é o Convento de São Francisco da Ponte. O edifício que se encontra à direita da ponte construída é o Convento de Santa Clara-a-Velha. A forma como este último volume está representado, dá-nos pistas acerca da posição do convento franciscano. Nesta gravura, o convento das clarissas é representado de diferente forma, em relação à realidade: a sua posição está rodada. A fachada principal, que na imagem se encontra virada para o norte/noroeste, na realidade orienta-se a nordeste. Desta forma, como na gravura enunciada, os volumes orientam-se da mesma forma, levantamos a hipótese de ambos terem a mesma orientação. Assim, a orientação da fachada principal do Convento de São Francisco da Ponte seria a nordeste.

Considerando esta orientação como uma possibilidade de implantação do Convento de São Francisco da Ponte de Coimbra, iremos analisar e comparar as primeiras edificações franciscanas, no nosso país, desde de Bragança (1214) até Portalegre (1275).

As orientações das primeiras radicalizações dos frades menores em Portugal não têm uma uniformidade e, por este motivo, apresentam diversas orientações. Contudo, as orientações de Coimbra (1217/2018), Alenquer (1224), Guarda (1236) e Lamego (1253) apresentam algumas similitudes. Não se sucedem temporalmente, pelo que o motivo para esta semelhança poderá estar na sua localização no território nacional. As quatro localizam-se no centro do país.

No caso de Alenquer, este localiza-se a sudoeste relativamente à mancha urbana da cidade. A sua fachada principal³¹ orienta-se a nordeste. Como a planta da igreja é em cruz grega, entrada é feita lateralmente. Assim, a cabeceira da igreja vira-se para sudeste. Pela sua tipologia de planta, este complexo conventual distingue-se das primeiras implantações franciscanas em Portugal. Na Guarda, encontra-se entre o sul e o sudoeste, relativamente à cidade. O convento desenvolve-se longitudinalmente em relação à via existente. Desta forma, a sua implantação é muito semelhante à de Alenquer: a cabeceira da igreja orienta-se a sudeste. A entrada para a igreja faz-se a noroeste. Em Lamego, o convento está embrenhado na mancha urbana. Contudo, situa-se também na zona sul da mesma. A igreja desenvolve-se perpendicularmente, em relação à via existente. Assim, a cabeceira da igreja orienta-se a sudoeste.

³⁰ A hipótese levantada pela autora é dada pela legenda da gravura, "Cidade de Coimbra. (Convento São Francisco da Ponte na época medieval.)" Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã*. Anexos, Coimbra: GAAC, 1998 (1ª edição 1972), página 19. A figura 2, presente na página 43, não é a que está presente no livro da autora. Apresenta o mesmo conteúdo, mas tem melhor qualidade.

³¹ Por fachada principal entendemos a fachada a partir do qual é feito o acesso do exterior ao interior do convento, normalmente coincide com a fachada com a entrada para a igreja. No caso de Alenquer, a entrada para a igreja é feita lateralmente, sendo que consideramos que a fachada principal era a fachada lateral.

No caso da implantação do Convento de São Francisco de Coimbra, esta respeita todos estes princípios de implantação franciscano. O edifício conventual encontra-se fora do burgo da cidade, na margem esquerda do rio Mondego, sendo que a urbe se desenvolvia na margem direita. Por este motivo, a sua implantação pretendia competir com o cenário da cidade, que se encontrava na outra margem, a uma cota mais elevada, no sentido em que ambas procuravam o melhor lugar para se implantar. Encontra-se perto de uma linha de água, o Rio Mondego.

De acordo com a Figura 1, e tal como o Convento de Santa Clara-a-Velha, a fachada principal do Convento de São Francisco da Ponte colocava-se a este, em direcção ao morro da Alta de Coimbra. Este facto reforça a ideia, de que as novas ocupações da margem poente do Rio Mondego, no século XIII, queriam igualar-se e mostrar-se perante a margem nascente.

O convento franciscano apresenta uma maior proximidade com a ponte de pedra, construída anteriormente, quando comparado com o convento das clarissas. A proximidade a esta estrutura permitia-lhe uma maior conexão entre as duas margens e, também, uma maior aproximação à via traçada aquando da romanização, que o conectava a outros territórios.

A presença de uma linha de água próxima nem sempre ocorre, sendo que as implantações onde esta linha é mais clara são: Lisboa (Rio Tejo), Coimbra (Rio Mondego), Leiria (Rio Lis) e Porto (Rio Douro). São também nestas quatro edificações que se sente mais a clara diferenciação de cotas entre os vários espaços da cidade. Conseguimos observar um núcleo bem definido a uma cota elevada, normalmente encimado por uma fortificação e a implantação dos conventos a uma cota baixa.

Na altura da edificação do Convento de São Francisco da Ponte, na margem esquerda, este encontrava-se implantado cerca de vinte degraus acima do nível médio das águas do rio³². Todavia, com a passagem do tempo e com a acumulação de areias, o leito do rio elevou-se, ultrapassando o limite dos edifícios.

Pela sua proximidade, tanto o convento de Sant'Ana como o Convento de Santa Clara-a-Velha, também sofreram com as inundações do Rio Mondego. Este último convento, na primeira cheia do Mondego, em 1331, é inundado. É por esta altura que se constrói um piso elevado, para aí colocar o túmulo da Rainha Santa Isabel, com o objetivo de o proteger das

³² "Na altura da sua fundação, o edifício "estava sobranceiro ao rio em altura de vinte degraus (...)" Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã*. Anexos, Coimbra: GAAC, 1998 (1ª edição 1972), página 16.

inundações. Mais tarde, no século XVI, um sismo abala a cidade, destruindo o Paço da Rainha e o hospício.

A pendente do leito do rio, que vai de Coimbra até à sua foz (Figueira da Foz) é mínima e, por esse motivo, levou a que areias e terras arrastadas pela corrente se depositassem no leito do rio. Consequentemente, o leito do rio subia e causava inundações na cidade. Os edifícios implantados à beira-rio foram-se movendo, procurando alterações de cota. Ainda hoje a cidade sofre com este problema.

Tal como aconteceu com os mosteiros de Sant'Ana e S. Domingos, também o Convento de São Francisco da Ponte teve de ser desabitado, "contudo, só em 1594 o convento foi completamente abandonado por ser impossível de habitar (...)." ³³. Algumas partes do antigo edifício religioso foram reutilizadas no novo convento, outras foram-se destruindo pela ação do rio ou pelas obras na ponte, que fazia a passagem entre as duas margens. O Convento de Santa Clara-a-Velha só foi abandonado em 1647, alguns anos depois dos frades presentes no Convento de São Francisco terem sido transferidos.

³³ Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã*. Prefácio Nelson Correia Borges, Fotografia Manuel Dias, Coimbra: GAAC, 1998, página 17.

I.III. Da fundação do novo convento de São Francisco à Extinção das Ordens Religiosas (1602-1834)

A implantação do novo convento de São Francisco vai-se fazer bem perto da segunda fixação da comunidade franciscana, também na margem esquerda, junto do sopé do Monte da Esperança. Enquanto que o Convento de Sant'Ana se transferiu para a margem nascente do rio Mondego, o novo Convento de São Francisco e o novo Convento de Santa Clara mantiveram-se na margem poente, mais afastado do leito do rio e num lugar a uma cota mais elevada. A manutenção dos dois conventos nesta margem mostra como estes se pretendiam destacar e afirmar perante o resto da cidade. Com a nova implantação, os dois conventos ocuparam lugares de grande destaque na paisagem, querendo espelhar o que acontecia no outro lado da margem do rio Mondego.

Em 1602, a primeira pedra do novo convento é lançada, sendo que apenas sete anos mais tarde, “no dia 29 de Novembro de 1609 (...) os religiosos se instalariam na sua nova casa”³⁴. Por esta altura, o convento ainda não estaria acabado. As obras foram feitas de uma forma lenta, uma vez que eram subsidiadas por esmolas.

A cerca do Convento de São Francisco abrangia a fachada do edifício e o limite da cerca do Convento de Santa Clara-a-Nova³⁵, circundando todo o edifício.

³⁴ Lopes, Sandra Dias. *O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã*. Prefácio Nelson Correia Borges, Fotografia Manuel Dias, Coimbra: GAAC, 1998, página 23;

³⁵ O Convento de Santa Clara-a-Nova começa a ser construído, em 1649, após o início da construção do novo Convento de São Francisco, “1649 - inicia-se a construção do mosteiro, começando-se, por razões prioritárias, pelos dormitórios necessários à instalação urgente das freiras.”, http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2678, consultado a 19 de setembro de 2018, 18:01h.

O tempo de construção do novo convento corresponde a uma época marcada pela crise de sucessão em Portugal, proporcionada pela morte do rei D. Sebastião e pela junção das coroas de Espanha e Portugal. A este período corresponde o que autor George Kubler designa de “arquitetura chã”,

“Distinto e anterior ao “estilo desornamentado espanhol”, radicando na grande viragem de gosto da época de D. João III, evidenciaria características singulares resultantes da conjuntura militar e religiosa portuguesa e não só da influência renascentista ou da tratadística italiana.”³⁶.

Apesar de, no mesmo período, em outros países, o modo artístico predominante ser o Maneirismo, em Portugal este não se pode associar à “arquitetura chã”, uma vez que por vezes estes dois modos de fazer arquitectura podem ser antagónicos, constituindo-se como dois modos diferentes de pensar. Como José Eduardo Horta Correia afirma, “(...) o estilo chão feito com clareza, ordem, proporção e simplicidade não pode ser entendido apenas (o que seria contraditório) como o nosso Maneirismo possível.”³⁷. A arquitetura chã resulta de uma forma de prolongar o renascimento e de um modo de pensar muito próprio do povo português, associado aos momentos políticos e sociais que se viviam na época.

O Maneirismo nasceu em Itália nos anos quinhentos e prolonga-se, em Portugal, por meio século, até 1759³⁸, tendo-se seguido ao Renascimento. Ao longo da História existiram vários entendimentos sobre este estilo artístico. Para Wölfflin, por exemplo, o Maneirismo tem de ser entendido como um “processo fechado” na evolução estilística do Renascimento para o Barroco. Friedländer compreendia este estilo como um “nome coletivo a dar ao conjunto das aspirações anticlássicas do século XVI italiano.”Para Pevsner, o Maneirismo será a expressão simbólica da Contra-Reforma.”³⁹.

O Maneirismo pretendia antagonizar com o Renascimento. Assim, “A clareza da forma e de composição renascentista não podia já contar. A lógica da construção e o sentimento espacial do Alto Renascimento são profundamente alteradas, por vezes até à inversão.”⁴⁰.

³⁶ Correia, José Eduardo Horta. Prefácio à edição portuguesa in Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã: entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706*. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988), página 6.

³⁷ Correia, José Eduardo Horta. *Arquitectura portuguesa : renascimento, maneirismo, estilo chão*. Lisboa: Presença, 2a ed, 2002 (1ª edição 1991),página 42.

³⁸ “Assim, porque é obstáculo perigoso a ausência de definição dos conceitos fundamentais do Maneirismo independentemente do século XVI italiano, a transposição para o campo português do termo afigura-se arriscada, devendo este portanto ser empregado a título de ensaio quando refere a arquitectura nacional de seiscentos.”, Silva, Jorge Henrique Pais da. *Estudos sobre o Maneirismo*. Lisboa: Estampa, 1983, página 124.
“(...) a arquitectura maneirista só abandonará o mundo artístico lusitano aquando da expulsão dos Jesuitas em 1759.”, Silva, Jorge Henrique Pais da. *Estudos sobre o Maneirismo*. Lisboa: Estampa, 1983 , página130.

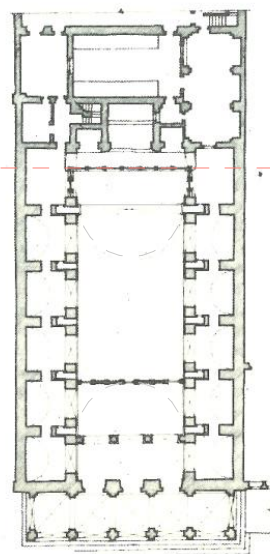
³⁹ idem, página 32.

⁴⁰ Silva, Jorge Henrique Pais da. *Estudos sobre o Maneirismo*. Lisboa: Estampa, 1983, página 35.

Modelo Nacional

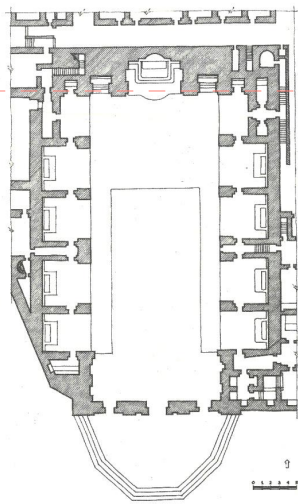
Modelo Internacional

Modelo Síntese



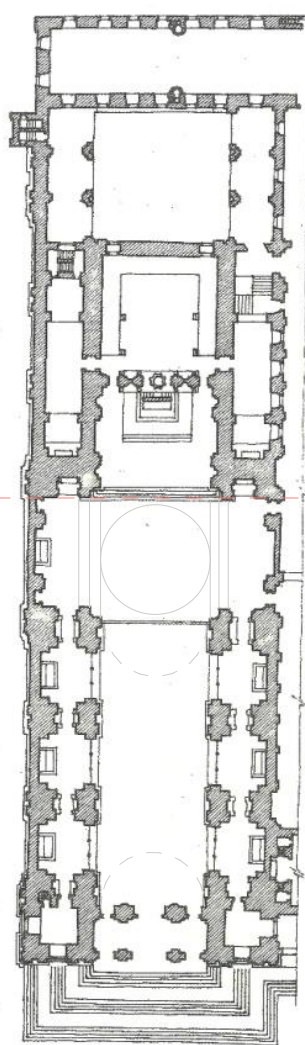
1556 -Igreja do Espírito Santo, Évora

0 5m



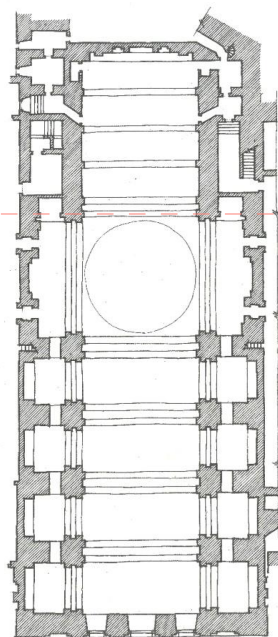
1565 -Igreja da Casa
Professa de São Roque, Lisboa

0 5m



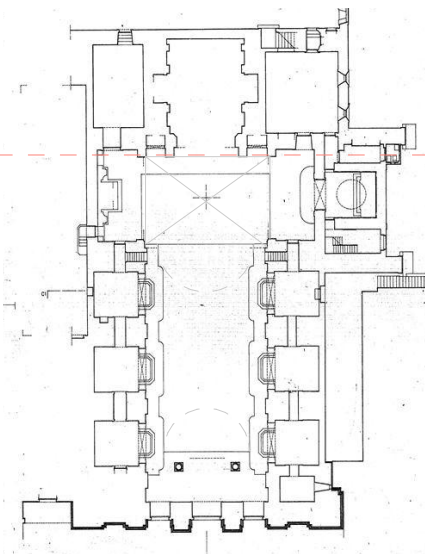
1582 - Igreja e Mosteiro de
São Vicente de Fora, Lisboa

0 5m



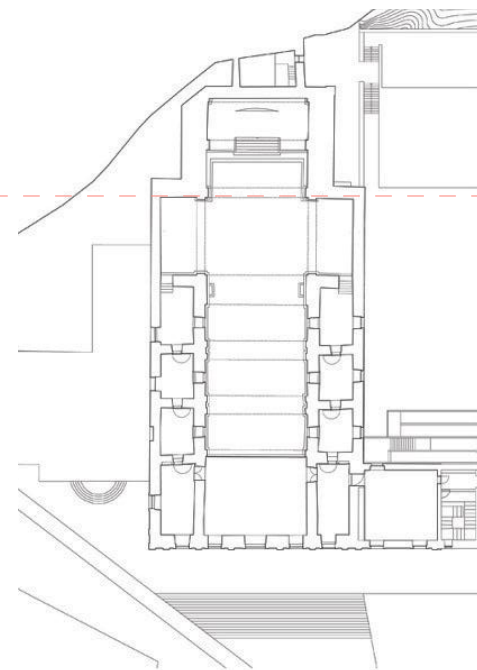
1598 - igreja Sé Nova, Coimbra

0 5m



1572 - Igreja do Colégio de
São Lourenço (Grilos), Porto

0 5m



1602 - Igreja do Convento de
São Francisco, Coimbra

0 5m



Ora, o modo maneirista surge em discordância do Renascimento e pretende romper com os seus ideias. Nada tem que ver com o modo de pensar da arquitetura chã, continuação do período renascentista português, onde a ordem e a proporção persistem.

Este novo modo de pensar em Portugal, para além de estar intimamente ligado aos acontecimentos políticos e sociais que se viviam na época, como já referido, estava também ligado a um momento de experimentação, por parte de arquitectos ligados à tradição

O Maneirismo pretendia antagonizar com o Renascimento. Assim, “A clareza da forma e de composição renascentista não podia já contar. A lógica da construção e o sentimento espacial do Alto Renascimento são profundamente alteradas, por vezes até à inversão.”⁴¹.

Ora, o modo maneirista surge em discordância do Renascimento e pretende romper com os seus ideias. Nada tem que ver com o modo de pensar da arquitetura chã, continuação do período renascentista português, onde a ordem e a proporção persistem.

Este novo modo de pensar em Portugal, para além de estar intimamente ligado aos acontecimentos políticos e sociais que se viviam na época, como já referido, estava também ligado a um momento de experimentação, por parte de arquitectos ligados à tradição renascentista, que ousaram “desrespeitar os seus [relativo ao renascimento] preceitos a fim de obterem uma construção útil e económica.”⁴².

A Arquitetura Chã religiosa, sobretudo erguida pela Companhia de Jesus em Portugal, pode-se dividir em três períodos, não completamente sequenciais no tempo, que correspondem a três modelos de igreja diferentes, com a preferência pelo tipo nave única e com capelas laterais intercomunicantes.

O modelo nacional, tomando como a Igreja do Espírito Santo, em Évora, apresenta uma planta com uma forma rectangular, como se fosse uma caixa. Em planta, não encontramos o desenho de um transepto insinuado. Contudo, analisando imagens do interior, este é marcado pelos alçados interiores. O arco de volta perfeita, que se repete nas capelas laterais, é maior. Desta forma, os espaços das capelas laterais e do transepto não são tratados da mesma forma. A capela-mor é pouco profunda e a sua largura é inferior à largura da nave. O seu teto é abobadado.

Outro dos exemplos que temos para o modelo nacional é a igreja de São Roque, em Lisboa caracteriza-se por ser uma grande caixa, com uma só nave, com capelas intercomunicantes. O desenho de um transepto insinuado não existe. Este apresenta a mesma

⁴¹ Silva, Jorge Henrique Pais da. *Estudos sobre o Maneirismo*. Lisboa: Estampa, 1983, página 35.

⁴² Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706*. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988), página 172.

medida que as capelas colaterais, seguindo a sua métrica e o seu ritmo. Quando observamos a planta, o transepto é engolido pela nave principal, desaparecendo. Desta forma, o espaço do transepto não existe. A capela-mor apresenta uma forma bastante reduzida. A sua largura é inferior à largura da nave da igreja. Demonstra, ainda, pouca profundidade. O espaço interior da igreja revela semelhanças ao espaço de uma praça exterior. Todavia, este é coberto por uma abóbada de madeira ou de pedra.

Quando foi mandada construir, a Igreja de São Roque iria ser desenhada segundo o tipo de planta de igreja-salão. Mais tarde, os desenhos foram modificados para uma planta de nave única. O esquema de igreja-salão caracterizava-se por um sistema de colunas que se erguem à mesma altura, nas três naves, conformando um espaço único, mas dividido por elementos estruturais. Permite que os tetos estivessem à mesma altura, o que distinguia este tipo das igrejas de tipo basilical. Este novo modelo de igreja de nave única parece-nos uma evolução da planta das igrejas-salão, uma vez que a mesma ideia de um espaço único já estaria presente.

Em suma, na Igreja de São Roque é notória a ideia de um grande auditório, onde as capelas laterais e colaterais contêm tribunas que se viram para a nave. O transepto segue a métrica das capelas laterais, como se fosse mais uma capela. Este, apesar de, em planta se insinuar, não se sente no espaço. Facto ainda mais reforçado pela aparente extensão da nave até à capela-mor.

O segundo modelo jesuíta, o modelo internacional, manifesta-se a partir de tendências europeias, que chegaram ao nosso país. Em termos de morfologia planimétrica, este modelo apresenta um desenho rectangular, alongado. Aqui, temos a presença de uma planta em cruz latina. O cruzamento dos dois eixos, da nave e do transepto é marcado pelo desenho de uma cúpula. A capela-mor é mais larga e mais profunda que o modelo anterior.

Tomando como exemplo para este modelo, a Igreja de São Vicente de Fora, conseguimos observar que a capela-mor ganha novas proporções, passando a ser mais profunda e mais larga. A sua largura demonstra semelhanças com a largura da nave principal.

Visto do exterior, o volume da igreja apresenta-se como um só. Isto é, embora o volume da nave principal, das capelas laterais e da cabeceira pareça um único volume, os espaços interiores não têm todas as mesmas dimensões. O exterior transmite-nos uma ideia de um volume, como uma grande caixa, que no interior resulta em vários espaços, de diversas dimensões. Para que o volume da cabeceira apresente a mesma largura, exteriormente, que a nave principal e as capelas colaterais, existem corredores internos, à volta da capela-mor.

Encontram-se três capelas colaterais, de cada um dos lados da igreja, com altares virados para a nave principal.

O transepto é acentuado, distinguindo-se do primeiro modelo de plantas. No modelo nacional, parece-nos que o transepto é engolido pela nave e, por esse motivo, desaparece. No modelo internacional é possível perceber que a medida da largura do transepto é superior à mesma medida das capelas colaterais. Assim, a métrica das três capelas é cortada, pela presença do transepto. A marcação do encontro dos eixos do transepto e da nave é assinalado por uma cúpula.

No caso da Sé Nova de Coimbra, esta mantém o tipo de nave única, com as capelas laterais intercomunicantes. Apresenta o mesmo desenho de capela-mor mais profunda e da mesma largura que a nave. O transepto, ou espaço que fica entre a nave e a capela-mor, não mantém a mesma proporção que as capelas laterais, mantendo a mesma largura, todavia aumentando a dimensão do seu comprimento. Este espaço é, ainda, encimado por uma cúpula. Este modelo parece ter preocupação com o espaço de entrada na igreja, havendo um primeiro momento, que antecipa a nave, mais notório na Igreja de São Vicente de Fora.

O modelo de síntese entre os dois modelos anteriores apresenta o mesmo modelo de caixa com apenas uma nave. Observando o caso da Igreja de São Lourenço (Grilos), no Porto, este apresenta o mesmo desenho de transepto que o modelo internacional, apesar de menos pronunciado. Não é um prolongamento da nave, mas sim um espaço em si. O desenho da capela-mor, à semelhança de outros aspectos, é uma síntese dos dois modelos. A sua largura e profundidade são maiores do que no modelo nacional, porém são menores que no modelo internacional.

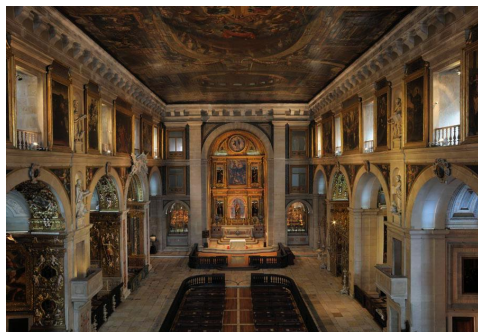
Em termos planimétricos, a Igreja do Convento de São Francisco possui o desenho de um transepto pronunciado. Contudo, menos pronunciado que o do modelo internacional. A capela-mor é mais larga e mais profunda que no modelo nacional, mas menos larga e profunda que no modelo internacional. No cruzamento dos eixos da nave e do transepto, não existe o desenho de uma cúpula, mas sim por uma abóbada cruzada de arestas.

Analisemos agora o desenho das fachadas principais e a relação com o espaço público. A fachada de São Roque de Lisboa, a propósito do modelo nacional, não pode ser vista como um exemplo, dado que foi refeita após o terramoto de 1755. Sabemos que a fachada

Modelo Nacional

Modelo Internacional

Modelo Síntese



1556 -Igreja do Espírito Santo, Évora

1565 -Igreja da Casa Professa de São Roque, Lisboa

1582 - Igreja e Mosteiro de São Vicente de Fora, Lisboa

1598 - igreja Sé Nova,Coimbra

1572 - Igreja do Colégio de São Lourenço (Grilos), Porto

1602 - Igreja do Convento de São Francisco,Coimbra

original desta igreja se baseava na Igreja do Colégio do Espírito Santo, em Évora. Esta data de 1556⁴³, anterior à de São Roque⁴⁴.

A igreja do Espírito Santo apresenta uma fachada com uma estrutura triangular, tal como vamos poder ver, em mais evidência, na Sé Nova mas, também, na Igreja do Convento de São Francisco, ambas em Coimbra. Divide-se em três planos verticalmente e horizontalmente. Contém um frontão triangular, que encima a sua estrutura. Apenas apresenta uma abertura, com uma geometria circular. Na sua base, está presente o desenho de uma galilé. Esta permite fazer a preparação e a separação entre o exterior e o interior da igreja. Este elemento divide-se em cinco vãos, todos com o mesmo dimensionamento. O plano da galilé avança para além do corpo da igreja. O mesmo elemento vai voltar a surgir na Igreja do Convento de São Francisco. Na Igreja de São Francisco, os vãos não possuem a mesma dimensão, uma vez que existe uma hierarquia na fachada. Na Igreja do Espírito Santo existe a tentativa de centralizar o tramo do meio. Contudo, não é uma situação clara.

Na igreja de São Vicente de Fora, a fachada aparece dividida em cinco panos, sendo que o pano do meio tem maior destaque e dimensões. Esta igreja apresenta apenas dois estratos e a presença de torres sineiras no mesmo plano da fachada. O primeiro estrato, no entanto, pode-se dividir em dois: um primeiro momento constituído por três vãos iguais, com arco de volta perfeita, e um segundo momento constituído também por três vãos, mas mais pequenos, encimados por frontões triangulares.

A Sé Nova, por seu lado, apresenta quatro estratos e as torres sineiras encontram-se recuadas, em relação ao plano da fachada. Os tramos das extremidades apresentam uma morfologia menor, enquanto que o tramo do meio apresenta uma maior dimensão. Deste modo, no primeiro estrato existem três portas, sendo que a do meio é maior, que as duas da extremidade e, assim, se sucede até ao terceiro estrato. No quarto estrato, apenas existem duas janelas nas extremidades.

O modelo síntese apresenta a mesma estrutura dividida, horizontalmente em cinco partes e ainda, verticalmente, divide-se em cinco estratos. Tal como em São Vicente de Fora, na Igreja dos Grilos aparecem duas torres sineiras no mesmo plano que a fachada, enquanto que na fachada da Igreja do Convento de São Francisco estas encontram-se atrás da fachada principal. A hierarquização dos tramos, apenas acontece no primeiro estrato em ambos os

⁴³ "1556 - edificação da Igreja do Espírito Santo pelo Arquitecto-Mor Manuel Pires." in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3839, consultado a 19 de setembro de 2018, às 15:58h.

⁴⁴ Embora a Igreja de São Roque de Lisboa date de 1555, a fachada foi terminada em 1586, pelo arquiteto Filipe Têrzi. in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6227, consultado a 4 de setembro de 2018, às 15:58h.

exemplos. Contudo, na Igreja dos Grilos, o tramo do meio distingue-se pela sua morfologia dos restantes tramos e pela sua dimensão.

Outras das características presentes em algumas igrejas de arquitetura jesuíta é a elevação que estas têm em relação ao exterior e, por este motivo, existe a necessidade do desenho de uma escadaria que faz o acesso ao interior da igreja ⁴⁵. Desta forma, estas igrejas relacionam-se com o espaço público de uma forma diferente. Distanciam-se deste, elevando-se perante o espaço urbano. Embora, na Igreja do Espírito Santo de Évora, a escadaria não exista, o desenho da uma galilé, que permite fazer a separação entre o público e o privado e o facto de esta aparecer descolada do plano da igreja, proporciona a mesma leitura do espaço público.

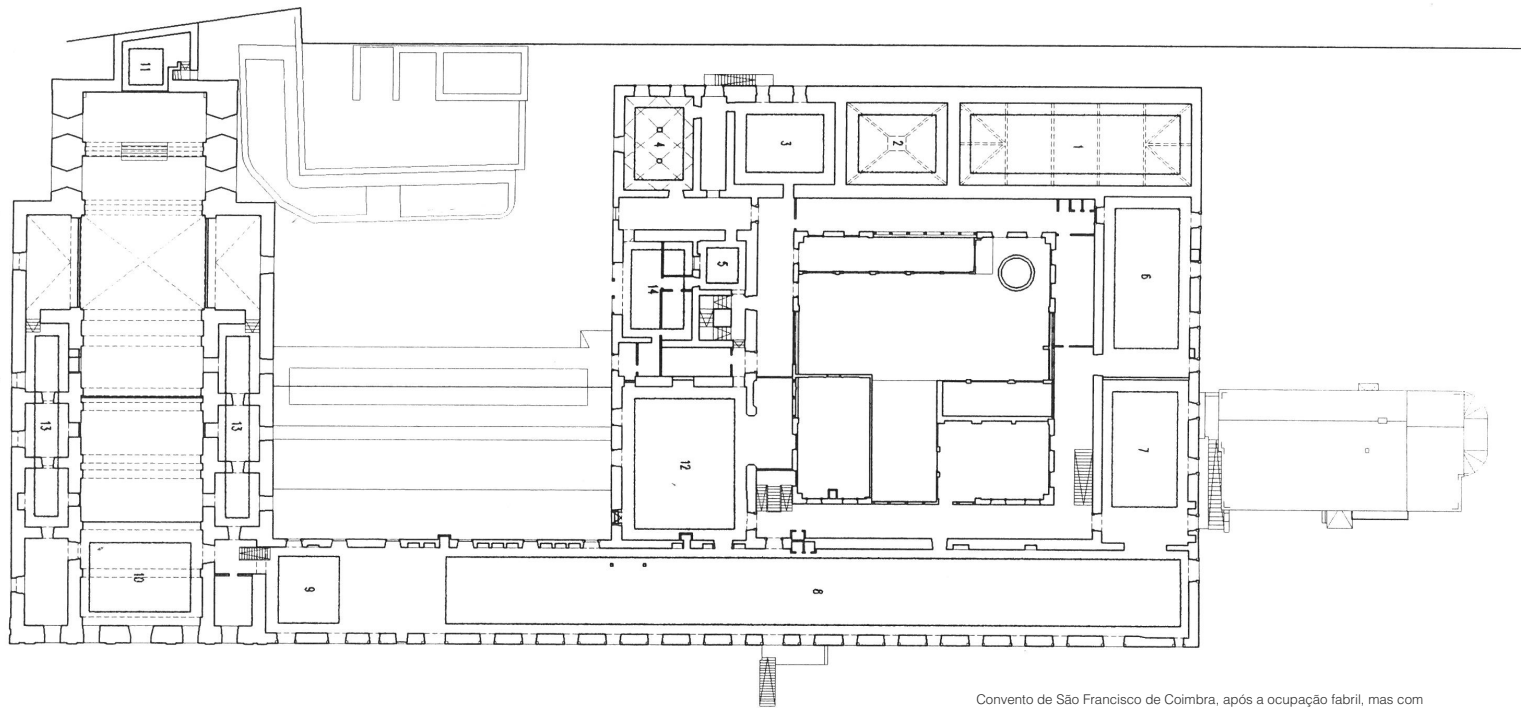
A Igreja do Convento de São Francisco situa-se na parte mais a sul do complexo conventual, sendo que a fachada principal desta se encontra virada a este, voltada para a cidade de Coimbra.

Ao nível da planta, a Igreja é composta por apenas uma nave abobadada, com uma abóbada de volta perfeita, com três capelas intercomunicantes, de cada lado do corpo da igreja. O transepto, ainda que pouco pronunciado perante o corpo da igreja, estende-se até ao limite do desenho das capelas laterais. A interseção do transepto e da nave é marcada por uma abóbada cruzada de arestas. Tem um pé direito superior ao do das capelas laterais, todavia inferior às alturas da capela-mor e da nave principal.

A capela-mor desenvolve-se em duas partes, que correspondem a dois níveis de pavimento diferentes, sendo que o tramo junto do transepto tem uma cota inferior em relação ao tramo posterior. Este espaço tem a largura e a altura da nave principal. O altar-mor e os retábulos foram removidos, ficando à vista uma porta, que fazia o acesso ao tardo do nível superior do altar-mor.

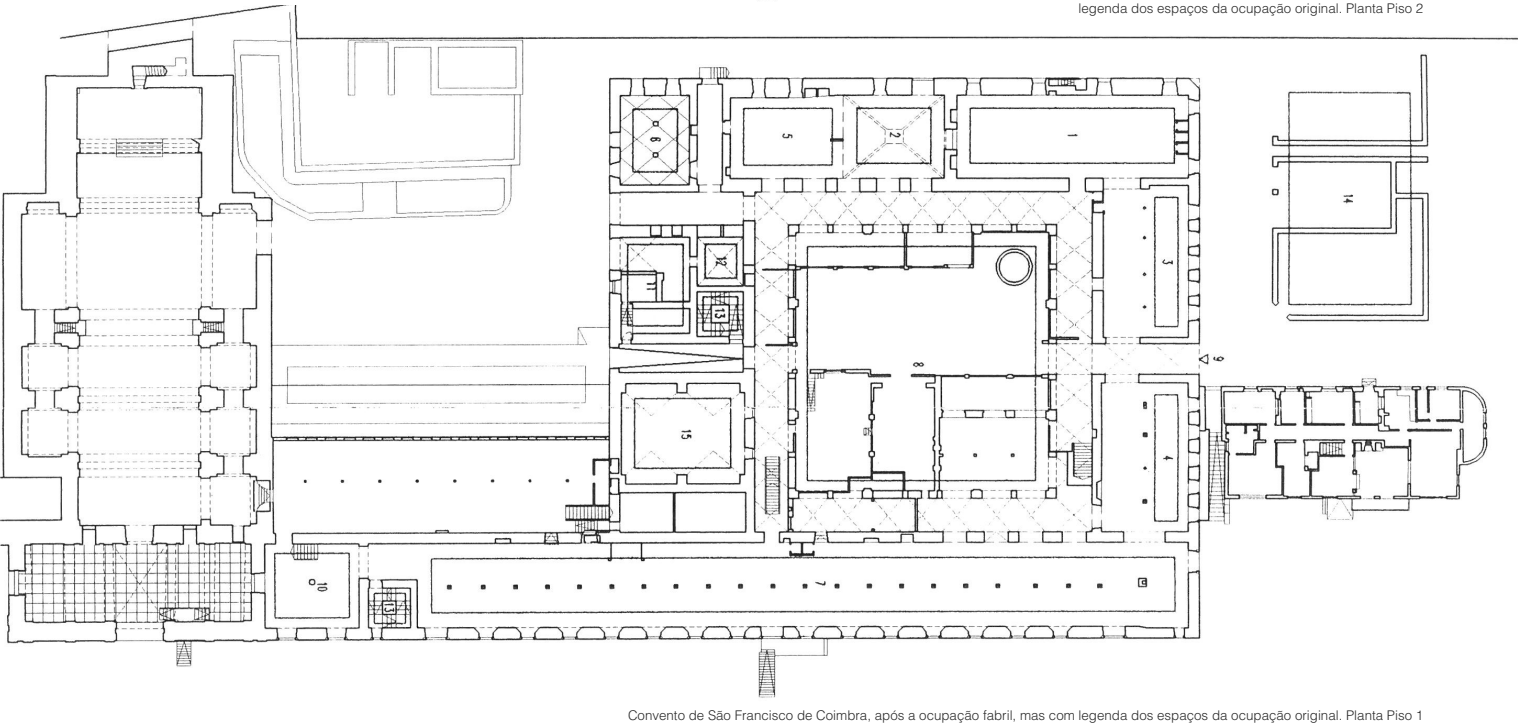
O espaço conventual localiza-se a norte da igreja e possui três andares. Percebemos que cada piso estava intimamente ligado a uma função ou carácter específica, por exemplo, no piso térreo estariam as dependências mais nobres ou sagradas, como a igreja, a sala do capítulo e os acessos, enquanto que o piso seguinte se caracterizava pela sua funcionalidade, albergando os espaços mais utilitários como o refeitório, as oficinas e o claustro. Com esta posição planimétrica estes espaços teriam um acesso mais facilitado, uma vez que se encontravam a meio dos restantes pisos. O terceiro piso caracterizava-se por ser o mais recatado, longe do acesso público, ocupado maioritariamente pelos noviços.

⁴⁵ Este facto está presente nos exemplos enunciados mais à frente: Igreja de São Roque, Lisboa; Igreja de São Vicente de Fora, Lisboa; Sé Nova, Coimbra; Igreja de São Lourenço (Grilos), Porto e Igreja do Convento de São Francisco, Coimbra.



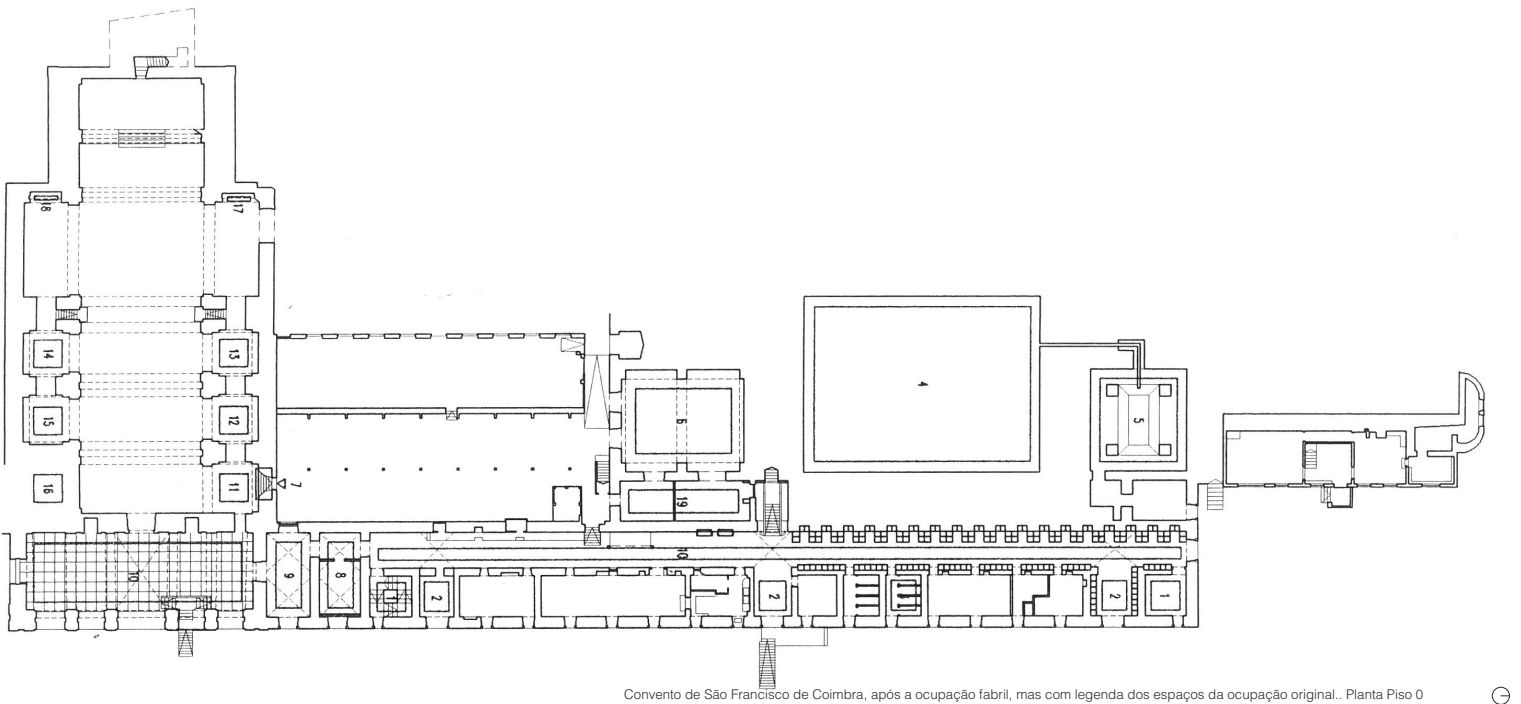
Legenda Planta Piso 2:

- 1- Refeitório
- 2 - Profundos (Lavabo)
- 3 - Cozinha
- 4 - Hospedaria
- 5 - Cella
- 6 - Barbearia
- 7- Enfermaria
- 8 - Dormitório Primeiro
- 9 - Ante - Coro
- 10 - Coro
- 11 - Post - Coro
- 12 - Noviciado
- 13 - Tribunas
- 14 - Espaço para construir



Legenda Planta Piso 1:

- 1- Refeitório
- 2 - Profundos (Lavabo)
- 3 - Adega
- 4 - Cárcere
- 5 - Cozinha
- 6 - Rouparia
- 7- Dormitório Segundo
- 8 - Pátio do Claustro
- 9 - Porta do Carro
- 10 - Livraria
- 11 - Dispensa
- 12 - Massaria
- 13 - Escadas
- 14 - Celeiro e Cavaleriça
- 15 - Sala do Capítulo



Legenda Planta Piso 0:

- 1- Escada
- 2 - Trânsito
- 3 - Cella
- 4 - Cisterna
- 5 - Possível Zona de Tratamento de Águas
- 6 - Sala do Capítulo
- 7- Porta de Acesso à Igreja a partir do interior do convento
- 8 - Casa de dentro da portaria
- 9 - Portaria
- 10 - Nártex/ Pórtico
- 11 - Capela
- 12 - Capela
- 13 - Capela
- 14 - Capela
- 15 - Capela
- 16 - Capela
- 17 - Altares Colaterais
- 18 - Altares Colaterais
- 19 - Acesso à Sala do Capítulo
- 20 - Porta da Cerca

No primeiro piso, encontrava-se a portaria, a casa de despacho da ordem, a adega, a cela do guardião, primeiro dormitório e a igreja.

A portaria era o espaço que fazia a charneira entre o exterior e o interior da cerca, e por este motivo, era a projecção para o exterior da imagem da comunidade franciscana. Aqui, acolhia-se qualquer pessoa que chegasse, fornecendo-lhe alimentos ou abrigo. Como era comum em Portugal, a portaria do Convento de São Francisco tinha uma linguagem simples, com o objetivo de mostrar essa mesma imagem que os frades franciscanos apregoavam⁴⁶.

Os dormitórios encontravam-se nos três pisos do convento e cada piso possuía catorze celas individuais com janelas rectangulares e chão de tijolo. Os três níveis de dormitórios diferenciavam-se hierarquicamente, o primeiro piso estava destinado aos frades de mais baixa condição, seguindo-se o segundo piso, onde se encontravam os frades com maior importância, sendo que o último piso de dormitórios era destinado aos noviços. Este último piso era, como já referido, um piso mais recatado, longe do público para que não houvesse distrações.

A adega, por motivos funcionais, também se encontrava no primeiro piso, uma vez que o transporte de grandes equipamentos seria difícil de se fazer para os pisos acima.

No segundo piso encontrava-se o claustro, a cozinha, a dispensa, a casa do anterefeitório e lavabo, o refeitório, o segundo dormitório, oficinas e a livraria. O segundo piso situava-se à cota do claustro e da cerca traseira do convento. Por este motivo, a ligação entre dependências era facilitada, por exemplo, entre a cozinha e a horta.

O claustro estava presente no segundo piso do complexo, sendo que não se apresentava à mesma cota que a entrada do edifício. Implantava-se no piso dois, à mesma cota que o nível dois dos dormitórios, encontrando-se na zona mais a norte do edifício. Este claustro é o designado claustro de serviço, que apoia as dependências mais utilitárias. Existiria a ideia de construir um novo claustro, no espaço vazio entre a igreja e o claustro de serviço, que servisse de apoio ao espaço religioso. Contudo, este claustro não chegou a ser construído, ficando vazia esta parte do terreno.

O refeitório caracterizava-se por ser uma sala comprida, de pé-direito duplo com abóbada de cinco tramos. Este espaço era organizado segundo o seu mobiliário, onde existiriam nove mesas de pedra. Era uma espaço de reunião, onde os frades se juntavam todos,

⁴⁶ "(...) os franciscanos em S. Francisco da Ponte [refere-se ao novo convento de São Francisco, de 1602] foram bastante comedidos no dimensionamento da sua portaria, somente enobrecida pelo tratamento da abóbada de aresta." Santos, Pedro João Rodrigues dos. *O Convento de São Francisco da Ponte*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Univ. de Coimbra. Coimbra: 1997, página 55.

“por isto mesmo, depois da igreja, o refeitório era o espaço comunitário por excelência.”⁴⁷. Era aqui que se organizavam muitas cerimónias, nomeadamente a provas de iniciação dos noviços após o fim de um ano de noviciado. No refeitório também existiria um púlpito. Era antecedido pela casa do ante-refeitório e lavabo.

A cozinha encontrava-se a sul e adjacente ao refeitório. Era um espaço de duplo pé-direito, tal como o refeitório. Tinha acesso pelo piso um do claustro, sendo que conformava a ala poente deste, em conjunto com o refeitório. No piso dois do claustro, existiria ainda uma dependência da cozinha, que resultava de numa tribuna. Possuía ainda uma chaminé.

O cartório localizava-se numa das extremidades do volume do piso dois de dormitórios. Aqui guardavam-se os documentos mais importantes da ordem, como os inventários, livros de contabilidade e tratavam-se de assuntos burocráticos.

A livraria do convento tinha uma dimensão grande, todavia não teria a grandeza das bibliotecas dos grandes mosteiros do seu tempo.

No terceiro piso encontravam-se, para além do terceiro nível de dormitórios para os noviços, a hospedaria, a enfermaria, as salas de aula e ainda a cela do mestre dos noviços.

Para além das celas dos noviços, também existiria aqui as salas de aula e o resto dos espaços que os frades mais novos usavam, para que não necessitassem de sair deste piso, a

Para além das celas dos noviços, também existiria aqui as salas de aula e o resto dos espaços que os frades mais novos usavam, para que não necessitassem de sair deste piso, a não ser para utilizar os espaços comuns, como o refeitório. Assim, os seus percursos estariam muito reduzidos, em relação ao resto dos frades menores, permitindo-lhes serem mais facilmente controlados.

A enfermaria era uma dependência com uma dimensão grande e ampla, compreendendo vários espaços, como uma cela para o enfermeiro, seis leitos e ainda uma cozinha. Tal como a enfermaria, também a hospedaria se localizava no piso três do convento, para que estes espaços fossem o mais recatados possível, dando conforto a quem os habitava. Este espaço tinha a função de alojar os frades hóspedes, que vinham ocasionalmente a Coimbra. A cela do mestre dos noviços tinha a função de acomodar um frade que vigiasse e fosse o responsável pelos frades mais novos do convento. Desta forma, poderia assegurar que estes seguissem todas as regras que lhe eram impostas.

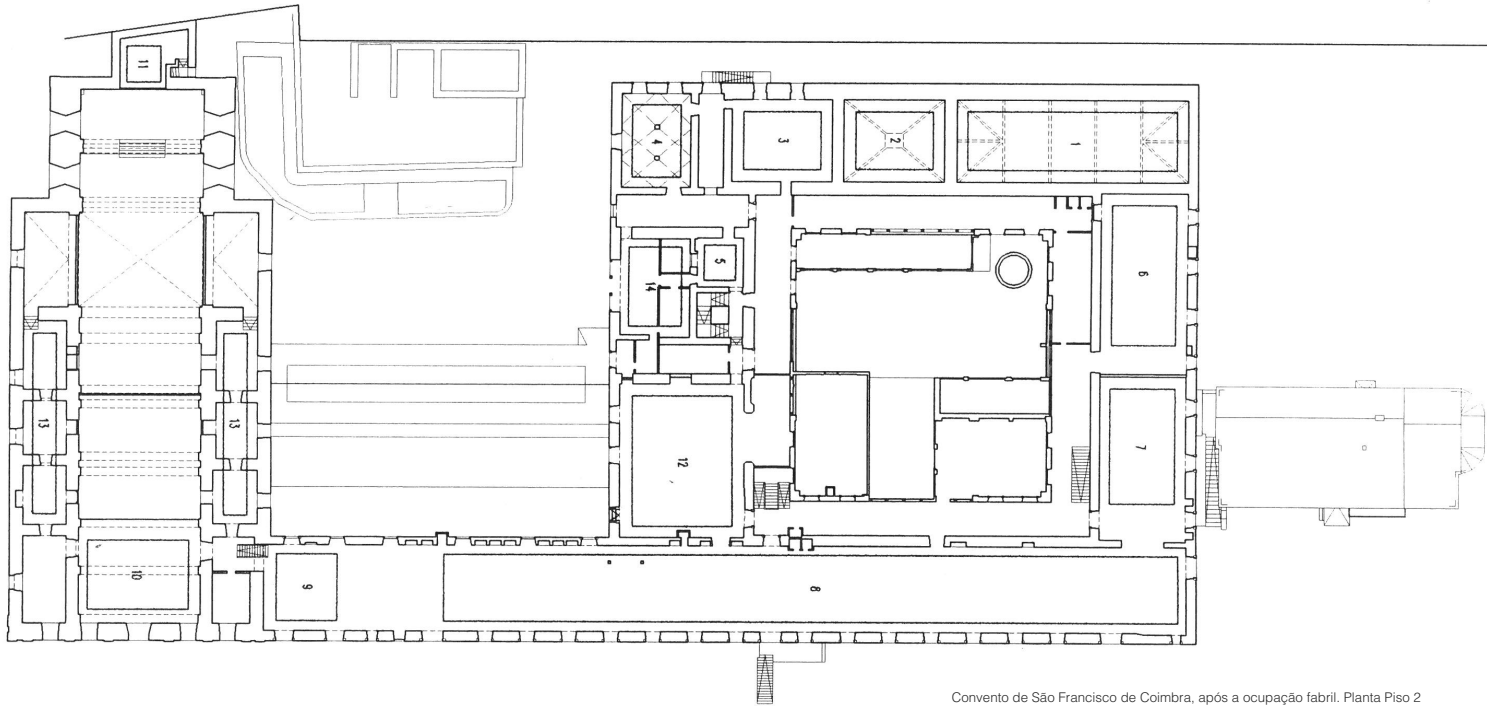
⁴⁷ Santos, Pedro João Rodrigues dos. *O Convento de São Francisco da Ponte*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Univ. de Coimbra. Coimbra: 1997, página 51.

Os acessos verticais encontram-se nas extremidades do volume dos dormitórios e ainda no lado sul do claustro. Os percursos em planta são bastante diretos. A iluminação para os espaços do convento era feita através de janelas rectangulares, com uma morfologia muito semelhante, como se pode ver, por exemplo, no alçado principal. Quase todas as dependências são iluminadas por janelas viradas para o exterior, exceptuando algumas dependências no piso um, a sul do claustro e no piso dois a poente do claustro. Os espaços de percurso não têm grande iluminação, tendo aberturas nas extremidades e uma a meio. Deste modo, tornam-se espaços muito sombrios.

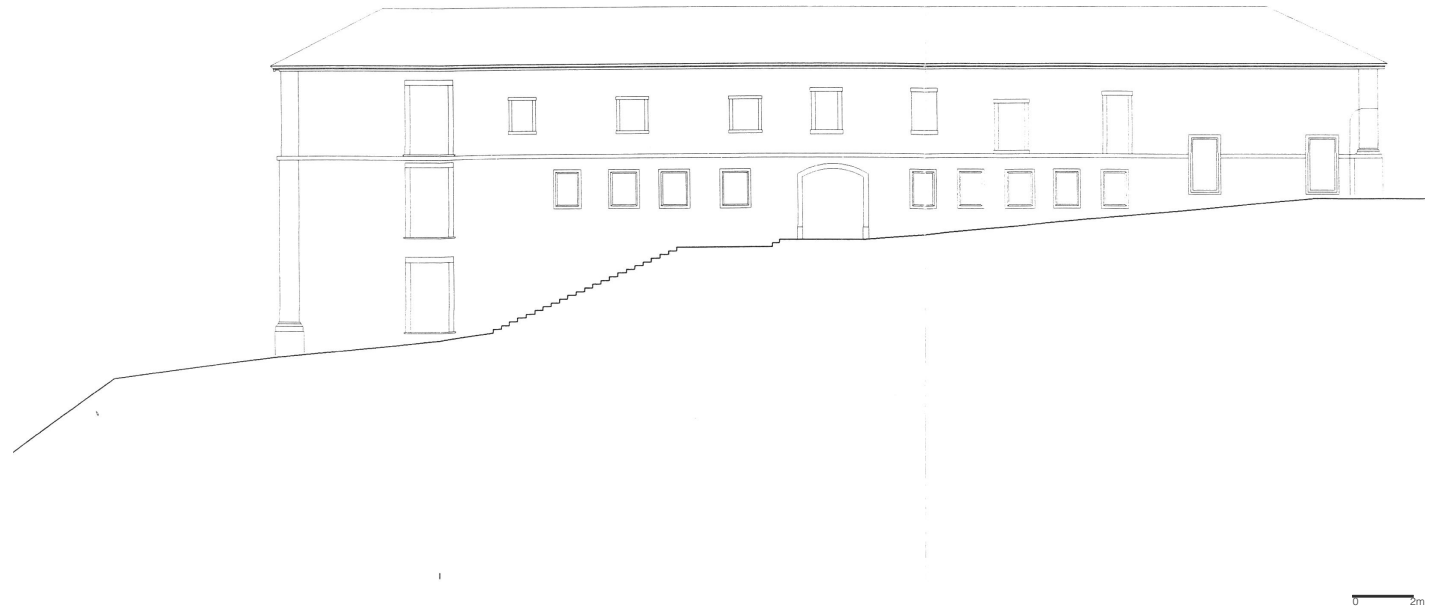
A fachada compõe-se em cinco partes, que são divididas por pilastras, e aparecem de uma forma hierárquica a partir da parte central, isto é, como é comum em igrejas de modelo jesuíta, a fachada compõe-se de uma forma triangular, onde o eixo central é o grande dominador desta. Para além da fachada se dividir verticalmente em cinco partes, horizontalmente esta divide-se em três níveis. O primeiro nível corresponde à zona da entrada para a igreja, onde se encontra um espaço que faz a transição entre o espaço exterior e o interior, designado de nártex. No segundo nível, encontram-se cinco janelas, das quais a janela, que se encontra a meio, tem maiores dimensões do que as que se encontram nas extremidades. O último nível é constituído por um nicho, com uma escultura de Nossa Senhora da Conceição, encimado por um frontão triangular. A fachada é, ainda, rematada por dois cunhais maciços, nas suas extremidades. Existe uma torre sineira, porém esta encontra-se num plano mais afastado da fachada principal, o que corresponde em planta, ao começo do desenho do espaço interior da igreja.

Entre o final da construção do complexo conventual e a extinção das ordens religiosas em Portugal, 1834, isto é, no tempo em que os frades menores usufruíram do edifício, pouco se sabe. Há conhecimento que, entre 1810 e 1814, período marcado pelas invasões francesas a Portugal, o exército francês esteve em Coimbra, após a derrota na Batalha do Bussaco, seguindo, mais tarde para Lisboa. Embora não havendo factos que comprovem todas estas informações, acredita-se que os franceses estabeleceram no Convento de Santa Clara um hospital militar. Já no século XX, antes das obras de requalificação do Convento de SãoFrancisco, foram encontradas várias ossadas neste espaço conventual, que, provavelmente, pertenceriam a soldados⁴⁸.

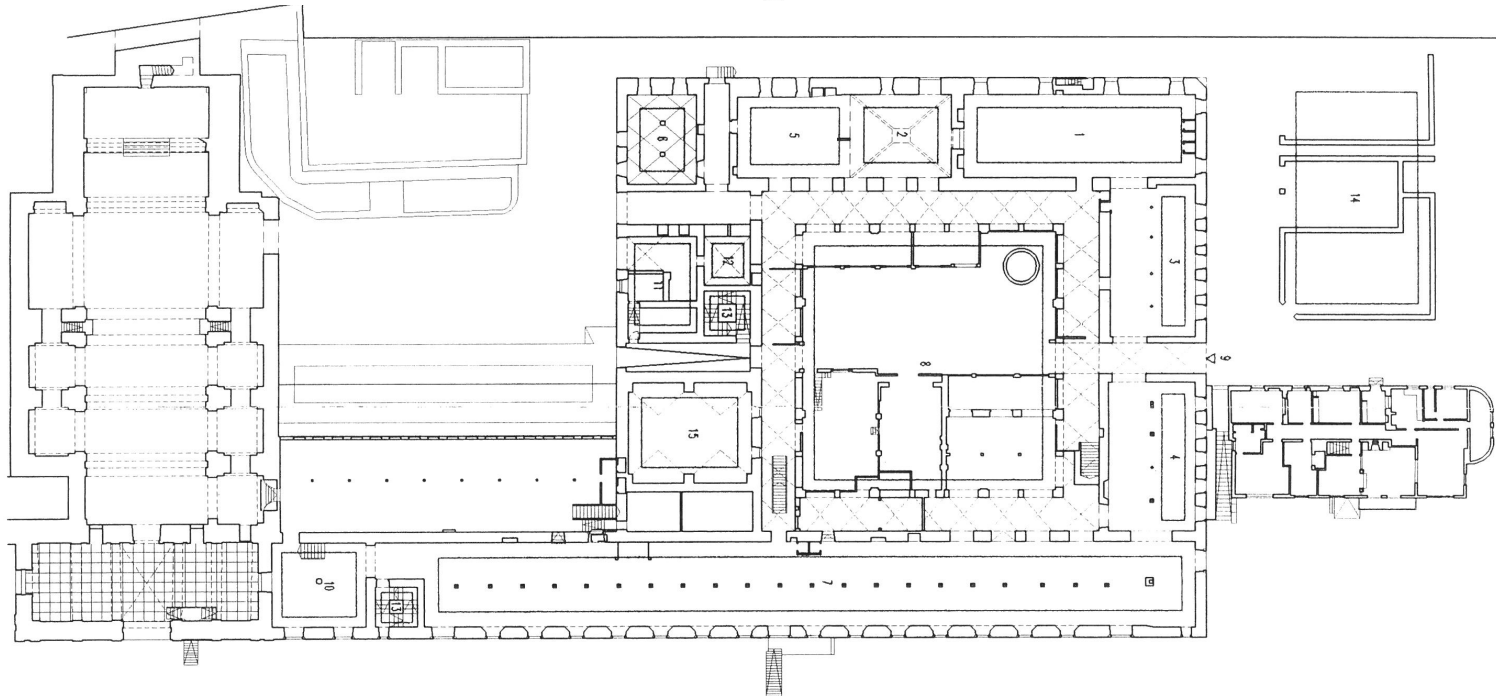
⁴⁸ "Este espaço [Convento de São Francisco] terá, então, funcionado como cemitério para os militares internados nos hospitais militares instalados nos Conventos de Santa Clara-a-Nova e S. Francisco durante as invasões francesas e guerras liberais." in <http://gdo.pt/dryas/convento-de-sao-francisco/>, consultado a 19 de setembro de 2018, 16:42h.



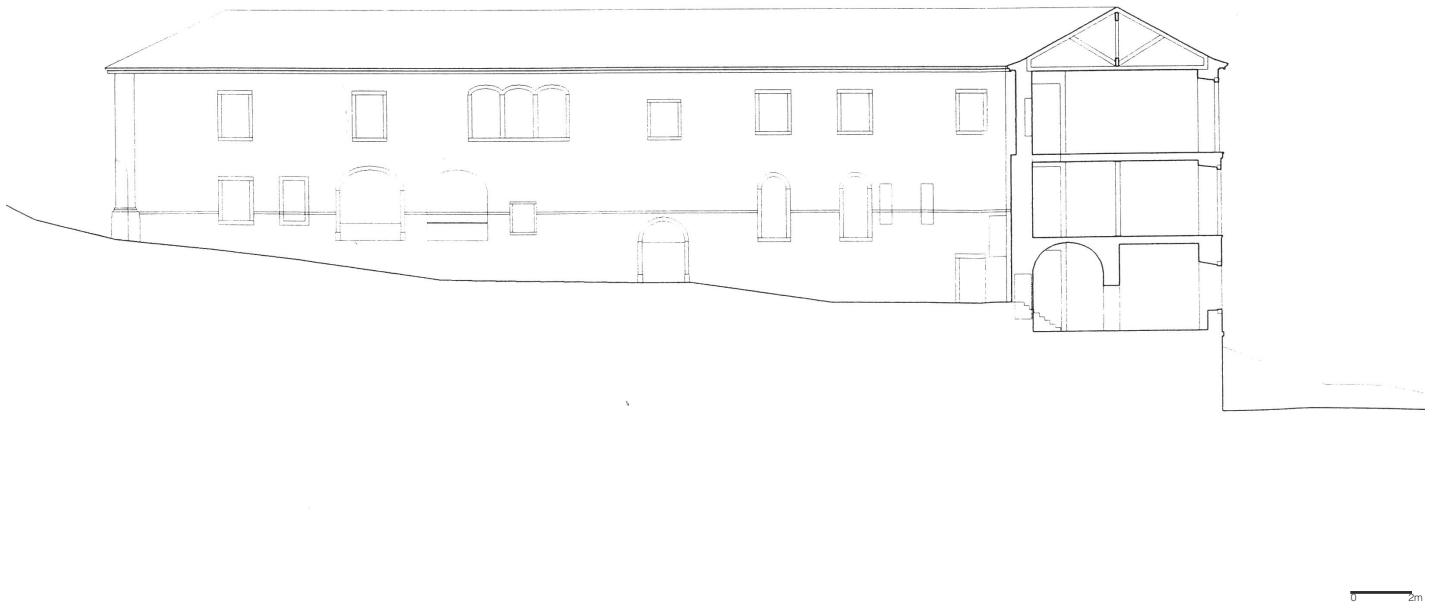
Convento de São Francisco de Coimbra, após a ocupação fabril. Planta Piso 2



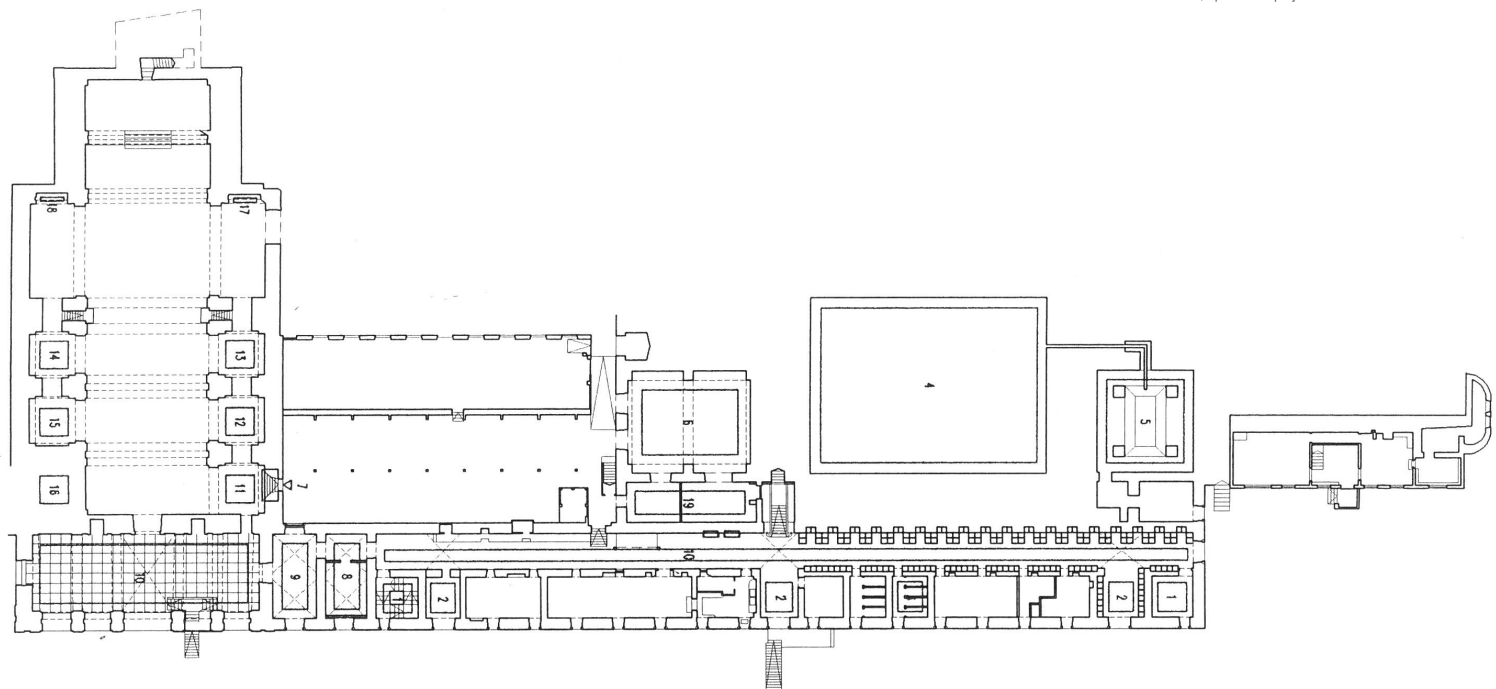
Convento de São Francisco de Coimbra, após a ocupação fabril. Alçado Norte



Convento de São Francisco de Coimbra, após a ocupação fabril. Planta Piso 1



Convento de São Francisco de Coimbra, após a ocupação fabril. Corte



Convento de São Francisco de Coimbra, após a ocupação fabril. Planta Piso 0



Convento de São Francisco de Coimbra, após a ocupação fabril. Planta de Localização

I.IV Extinção das ordens religiosas em Portugal em 1834 e a instalação de um edifício fabril (1875-1986)

Após a extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1834, os frades menores foram obrigados a abandonar o convento e este foi cedido a particulares⁴⁹. Esta foi uma decisão tomada a nível nacional e, por esse motivo, todos os religiosos viram-se obrigados a retirarem-se dos respectivos complexos religiosos.

O Convento de São Francisco fez parte dos Bens Nacionais, desde a extinção das ordens religiosas até 1842, data em que foi vendido. Apenas a parte conventual foi vendida, dado que a igreja, mais tarde (1854) tornou-se a Igreja Paroquial da freguesia de Santa Clara.

Pouco tempo depois, da conversão da igreja em igreja paroquial daquela freguesia, instalou-se numa parte do convento uma fábrica de massas alimentícias, sendo o seu proprietário José de Mello Soares d'Albergaria de Castro. Pela falta de capacidade e funcionalidades do espaço, a unidade fabril transferiu-se para a zona da Pedrulha, local que, em conjunto com outras localidades próximas, se tornou, mais tarde, numa área fortemente marcada pelas unidades industriais.

⁴⁹ "Suprimidas as ordens religiosas, foram arrematados por um particular o convento e a cerca", Gonçalves, A.Nogueira. *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Lisboa: 1947, página 90.



Figura 2- Santa Clara, em Coimbra. [autor desconhecido]; [ano da publicação, cerca de 1875]



Figura 3- Ponte de Santa Clara e a antiga de ferro, cerca de 1945, em Coimbra. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecido]

A margem poente do rio encontrava-se num local privilegiado, retirado da confusão do centro da cidade. Contudo próximo do rio e junto de uma via importante. A presença de uma ponte, que fizesse o atravessamento entre as duas margens, também era uma ajuda significativa. Conforme mencionado no sub-capítulo I.I, na década de cinquenta do século XX, em consequência da elaboração de um plano de urbanização na cidade de Coimbra, surge o desejo da construção de duas pontes novas, a primeira, a atual Ponte Europa; e uma segunda, a Ponte de Santa Clara que substituísse a antiga, construída em ferro, mandada construir no século XIX. A construção da Ponte Europa, a sul da cidade de Coimbra retira, à travessia junto de Santa Clara, a exclusividade de conexão entre as duas margens do rio. Desta forma, a ponte de Santa Clara vai assumir um papel mais urbano e mais próximo da realidade da cidade de Coimbra e de quem se move na cidade. Enquanto que, a Ponte Europa vai fazer parte de uma estratégia mais alargada, onde promete expandir a cidade de Coimbra para outros territórios.

Com a ocupação fabril, o Convento de São Francisco de Coimbra sofreu várias alterações, sobretudo ao nível dos espaços interiores, não se modificando o sistema estrutural primitivo do convento.

A fachada principal não foi modificada, embora tenha sido marcada por uma chaminé, elemento, que naquele tempo era bastante comum na cidade e que correspondia à primeira fase da revolução industrial levada a cabo na cidade. Este elemento manteve-se no seu lugar até ao final do século XX.

Embora, a morfologia da fachada principal do convento não tivesse sofrido alterações, foi nesta época que a plataforma e escadas existentes, que faziam o acesso ao convento e à igreja, foram retiradas. Por esse motivo, o acesso ao interior é agora feito pelo embasamento do edifício, um piso rebaixado, todavia à mesma altura que o piso da rua. As escadas autónomas, que faziam o acesso à igreja⁵⁰ e ainda as escadas que permitiam o acesso à plataforma, foram retiradas. Deste modo, a ideia de um edifício colocado sobre um pedestal, com vista para a cidade de Coimbra deixou de existir, tal como a ideia de separação, dada através da plataforma alteada sobre a rua, entre aquilo que era o exterior, a cidade e o interior, o convento.

Ainda que, o grande impacto da sua presença, em conjunto com o Convento de Santa Clara-a-Nova, ainda se mantenha, o Convento de São Francisco estava agora em contacto com a rua, com as pessoas. Sendo um edifício conventual não lhe convinha ter um contacto tão forte

⁵⁰ "Dava acesso à igreja uma escadaria dupla, paralela ao adro, existindo uma grande cruz no muro em posição medial." Correia, Vergílio, Gonçalves, Nogueira. Inventário Artístico de Portugal Cidade de Coimbra, Vol. II. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947 página 91.



Figura 4- O Convento de São Francisco de Coimbra, enquanto Fábrica de Lanifícios de Santa Clara. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecido]



Figura 5- O Convento de São Francisco de Coimbra, enquanto Fábrica de Lanifícios de Santa Clara. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecido]

com a rua, e por isso o edifício era alteado. Com a mudança de programa, para uma ocupação fabril, a plataforma não era prática, e por este motivo, poderia condicionar a fábrica.

O espaço interior da igreja foi convertido num armazém. O espaço do coro alto foi transformado numa área de máquinas de tratamento de fios de tecelagem com uma urdideira.

Os três pisos do dormitório também foram modificados. O primeiro piso era reservado ao espaço dos operários, onde existiam espaços como os balneários, bar, cacifos e sanitários. No segundo piso, a estrutura celular do dormitório foi retirada. Deste modo, era possível existir uma grande nave, de forma a adequar-se ao novo programa fabril. O vão da grande nave era suportado por um alinhamento de colunas de ferro. O último piso do edifício, à semelhança do piso inferior, também foi transformado numa grande nave, visto que a estrutura celular foi retirada do existente. Ao contrário do piso inferior, este não possuía colunas de ferro, uma vez que, por ser o último piso não necessitaria de reforço estrutural. Criou-se, então, uma grande nave ampla, onde se situavam as máquinas de grande envergadura, como as bobinadeiras.

Foram vários os espaços que viram as suas divisórias serem retiradas, à semelhança dos dormitórios. O cárcere, a adega e a pataria, foram fortemente intervencionadas com a integração de colunas de ferro e remoção das suas divisórias, permitindo a ampliação dos espaços.

No espaço da adega, para além da eliminação das suas divisórias, o teto também foi demolido. Este espaço acabaria por resultar num espaço amplo, com um alinhamento de colunas de ferro, que suportavam o novo teto.

Na sala do capítulo foram instaladas as máquinas para lavagem dos tecidos. No espaço que antecede este, foi construído um grande tanque, que apoiava as lavagens.

Nos espaços do refeitório e da cozinha, uma vez que tinham configurações espaciais amplos, a sua estrutura manteve-se. Aqui, encontravam-se as secções de rotulagem e etiquetagem da unidade fabril.

A fábrica fechou em 1976. Em 1986⁵¹, o edifício do convento foi vendido à Câmara Municipal de Coimbra.

Na primeira década dos anos 2000, existiria um primeiro projeto e uma primeira tentativa de requalificar a Igreja do Convento de São Francisco, realizada pelo Arquiteto António Madeira Portugal. Esta proposta não chegou a ser realizada.

⁵¹ "Em julho de 1986, o edifício foi adquirido pela Câmara Municipal de Coimbra" in <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>, 27 de setembro de 2018, 11:32h.



Figura 6- Planta de Coimbra, em concreto Santa Clara. [Étienne de Gröer] [ano da publicação, 1938].

I.V O início do processo de valorização da margem poente do Rio Mondego no século XX

Com o desenvolvimento das linhas férreas e, consequentemente, também com os progressos tanto do comboio como da indústria, a população de Coimbra aumentou. No início do século XX, a população coimbrã rodava as trinta mil pessoas, sendo que trinta anos mais tarde, aumentou para quarenta mil pessoas.

No século XX, a cidade de Coimbra cresceu, essencialmente, para nascente, no sentido inverso ao curso do rio, para áreas situadas a cotas mais elevadas. Com a ocupação de várias fábricas junto da linha de água, tanto na margem a poente como na margem a nascente, os espaços marginais tinham um carácter relacionado mais com o trabalho, do que com a habitação e o lazer. Com a desocupação destas zonas por parte das fábricas, para se poderem instalar na periferia da cidade⁵², estes espaços acabaram por ficar ao abandono, alguns até ao dia de hoje. Por esse motivo, foi no século XX e com estes espaços ribeirinhos desocupados, que se começou a pensar em resolver a degradação em que eles se encontravam.

O leito do rio Mondego teria sido estabilizado no século anterior, sendo que por esta altura passava a ter um declive contínuo, evitando a concentração de areias, estabilizado na

⁵² Muitas das fábricas existentes que se implantavam na cidade, tanto na margem a poente como na margem nascente, reinstalaram-se em áreas periféricas da cidade de Coimbra, nomeadamente nos territórios da Pedrulha e Adémia.



Figura 7- Estádio Universitário de Coimbra, construído na margem poente do Rio Mondego. [autor desconhecido] [ano da publicação, 2017].

cota dezasseis. Apesar desta obra, só em 1981, com o início do funcionamento da barragem da Agueira, foi possível uma maior estabilização do rio.

Várias foram as propostas de intervenção, ao longo do século para tratar os espaços junto ao Rio Mondego, sobretudo as áreas entre a ponte de Santa Clara e a ponte do Açude.

Em 1938, arranca a construção do Portugal dos Pequenitos, da autoria do Arquiteto Cassiano Branco, por iniciativa de Bissaya Barreto⁵³. Apenas em 1950, se acaba de construir. O Portugal dos Pequenitos é um parque temático que recria, a uma escala reduzida, monumentos e outros elementos sobre a cultura e o património edificado, não só de Portugal, mas também das antigas colónias ultramarinas em África, Brasil, Macau, Índia e Timor Leste.

Em 1940, foram construídas as duas primeiras fases da obra, sendo que a terceira fase só foi acabada no final da mesma década.

O primeiro plano foi o Plano de embelezamento, de 1940, da autoria de Etienne Groer. Este plano tinha como objectivo a criação de uma cidade-jardim e a divisão da cidade por zonas: Habitação, Comércio e Indústria. Neste plano, está prevista ainda a extensão residencial para a zona de Santa Clara, na margem poente do rio Mondego.

O segundo plano designado de Plano Regulador, de 1959, elaborado por Almeida Garrett, propunha a revisão e a extensão do plano anterior.

Entre o primeiro plano de Groer e o segundo de Antão Almeida Garrett, em 1954, é construída a atual Ponte de Santa Clara, ao lado da antiga ponte de ferro e betão, construída na segunda metade do século XIX. As duas mantiveram-se lado a lado por algum tempo.

A margem poente da cidade foi considerada, durante algum tempo, como uma área periférica que com a chegada da Revolução Industrial e com a extinção das ordens religiosas ficou entregue sobretudo às indústrias. Por esse motivo, quando as indústrias abandonaram aquele local, na década de setenta do século XX, esta parte da cidade volta a ter alguma força, sobretudo pela implantação de um pólo desportivo.

Em 1955, o Arquiteto Alberto Pessoa, responsável pelo projeto da sede da Associação Académica de Coimbra, apresenta os primeiros esboços para o Estádio Universitário de Coimbra. Este equipamento desportivo foi construído, na margem poente do rio, junto à linha de água, em frente ao Convento de São Francisco e perto do convento das clarissas. Ainda no mesmo ano, os arquitetos Alberto Pessoa e João Abel Manta iniciaram um estudo urbanístico, que tinha como objetivo estudar e entender a margem poente do Rio. O estudo previa a

⁵³ "1938 - início da construção, por iniciativa do professor Bissaya Barreto, conforme projeto do arquiteto Cassiano Branco" in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=27217, 27 de setembro de 2018, 11:02h.



Figura 8- Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.



Figura 9- Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. A intervenção do Atelier 15.[autor desconhecido] [ano da publicação, 2010].



Figura 10- Parque Verde do Mondego, margem poente, da autoria do Arquiteto Gonçalo Byrne.

integração de uma área desportiva, de uma área residencial para estudantes e, ainda, a integração do rio neste território. O estado de degradação destes espaços ribeirinhos contribuiu para o afastamento entre a cidade e o rio. Conforme referido, este estudo pretendia acabar com esta barreira. Assim, era possível tirar partido do rio para a realização de desportos náuticos. A proposta final para o estádio universitário só chegou no início da década de sessenta. Em 1963, a construção do estádio começou. Na proposta final apenas são considerados os elementos desportivos da proposta. A área residencial não chegou a ser realizada.

Na última década do século XX, “a Câmara Municipal de Coimbra estabelece uma premissa que se tem vindo a manter até aos dias de hoje, recentrar a cidade no rio, o que prova o quão importante é a requalificação destes locais para o futuro da cidade”⁵⁴. É nesta altura que a Câmara Municipal de Coimbra assume o controlo de alguns edifícios nesta parte da cidade e que começam obras de restauro e requalificação, tanto no Convento de São Francisco, como no Convento de Santa Clara-a-Velha.

No início dos anos noventa, em 1992, surge a elaboração do primeiro Plano Director Municipal, na cidade de Coimbra. Este plano tinha como principais princípios a proteção da paisagem e dos ecossistemas, a proteção do património, qualidade urbanística e arquitectónica do espaço público, integração de várias funcionalidades e o conforto e a segurança na cidade.

Quanto à margem esquerda era necessário reforçar e expandir o centro da cidade, presente na margem nascente, para a outra margem.

A principal estratégia de intervenção na margem poente do rio é estabelecer uma ruptura com as propostas até agora apresentadas. Era necessário tratá-la como tecido urbano a consolidar e não como um espaço periférico, com um carácter rural.

Para além das intervenções previstas em edifícios, também estava previsto transformar as zonas que se encontram mais próximas do rio e, que por esse motivo, é impossível construir, num extenso parque verde. O Plano Verde, no final da década de noventa, vai ser efectuado sobretudo na margem poente do rio e foi efetuado por fases, com vários autores⁵⁵. No fundo, as intervenções previstas para a margem poente do rio têm como principal objetivo a reestruturação de toda esta área, de forma a alargar o centralizado existente, para além do rio e a torná-la numa área mais atrativa.

⁵⁴ Gonçalves, Cláudio Ferreira. *A expectante margem esquerda. Programa base de intervenção entre pontes Ponte de Santa Clara e Ponte do Açude*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por António Bettencourt. Coimbra: Darq, 2015, página 11.

⁵⁵ O Arquiteto Camilo Cortesão projeta o Parque Verde na margem nascente do Rio. É inaugurado em 2004. “Inauguração do Parque Verde do Mondego, projeto na margem direita do Mondego, da autoria do Arquiteto Camilo Cortesão.” Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, página 87. O Parque Verde na margem poente é da autoria do Arquiteto Gonçalo Byrne. “Início do projeto Entrada Poente do Parque Verde da autoria do Arquiteto Gonçalo Byrne, adjacente ao mosteiro de Santa Clara-a-Velha.” Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011 página 87.



Figura 11- Plano Pormenor para a Praça 8 de Maio. [Fernando Távora] [ano da publicação, 1992].

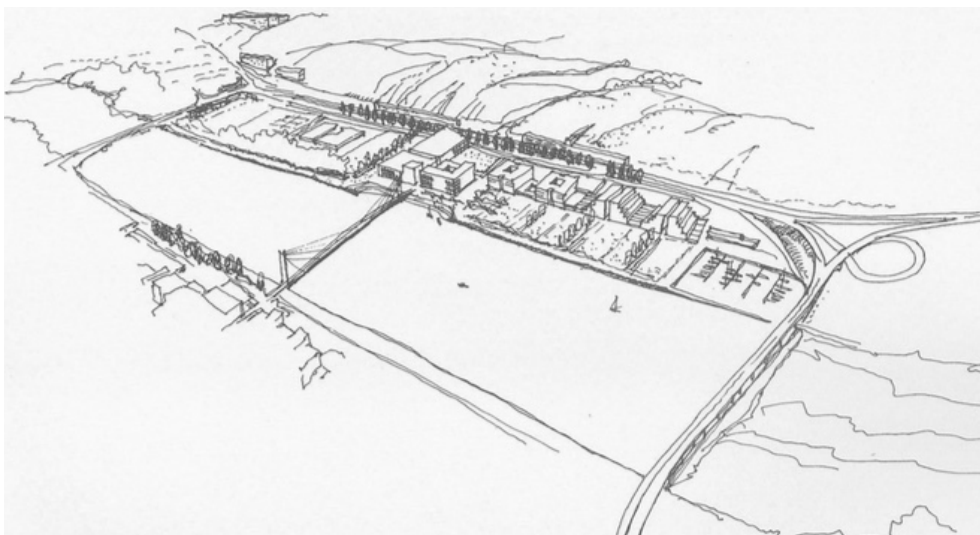


Figura 12- Urbanização da margem poente do rio, proposta pelo Arquiteto Fernando Távora. [Fernando Távora] [ano da publicação, 1992].

O Arquiteto Fernando Távora elaborou um Plano Pormenor para a Praça 8 de Maio, em 1992. Esta propunha o desenho de um novo eixo, que ligava a referida praça ao Rio Mondego. Realizou, ainda, um estudo que previa a urbanização da margem poente do rio. Foi proposto um conjunto de unidades habitacionais, o Palácio de Congressos, um hotel, comércio e escritórios. Com esta proposta, o arquiteto pretendia conectar as duas margens do rio, através da extensão da cidade consolidada, para a outra margem. Estava previsto que as duas margens se conectassem por uma nova ponte⁵⁶.

Enquanto que a discussão em torno do Convento de São Francisco aconteceria sobretudo no finais dos anos noventa do século XX, o processo de valorização do Convento de Santa Clara-a-Velha começou um pouco antes. As obras de restauro começaram nos anos trinta, realizadas pelo Arquiteto Baltazar de Castro. Mais tarde, entre os anos de 1954 e 1981, voltam a surgir obras de reparação, bem com a limpeza do edifício. Em, 1989, o concurso é lançado pelo IPPAR⁵⁷. Os vencedores foram os arquitetos João Rapagão e César Fernandes⁵⁸. O projeto não chegou a realizar-se. Em 2004, o IPPAR volta a lançar novo concurso para a valorização do espaço conventual e sua envolvente⁵⁹, ganho pelo Atelier 15. Em 2005, arranca o projeto de Byrne para o Parque Verde, terminando em 2007.

A intervenção no Convento de São Francisco de Coimbra surge neste contexto interventivo, que se encontrava esta parte da cidade na época. Representava a "inclusão de um marco simbólico, de uma qualquer função representativa a que a cidade se deve candidatar."⁶⁰ Apesar de algumas intervenções terem sido realizadas no decorrer do Plano Director Municipal, ainda existem algumas áreas que não sofreram qualquer tratamento, como as áreas ribeirinhas, compreendidas entre a Ponte de Santa Clara e a Ponte do Açude.

⁵⁶ "desenha um canal de ligação entre a Rua da Sofia e o rio, a ser feito por debaixo de três "Edifícios-Ponte", também eles propostos pelo Arquiteto, um pouco ao estilo do proposto por Costa Lobo, mas apresentando menos demolições. Assim era dada a continuidade do ideal da Avenida Central, com um prolongamento da rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes, fazendo a ligação da Alta ao Mondego. Uma outra proposta foi o arranjo da Praça 8 de Maio. No final apenas os arranjos da Praça e dois Edifícios-Ponte foram concluídos, acabando por não se concretizar a construção do canal de ligação, nem um dos edifícios." in Gonçalves, Cláudio Ferreira. *A expectante margem esquerda. Programa base de intervenção entre pontes Ponte de Santa Clara e Ponte do Açude*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por António Bettencourt. Coimbra: DARQ, 2015, página 39.

⁵⁷ "1932 a 1937 - obras de restauro sob orientação do Arquiteto Baltazar de Castro (...); 1954 a 1981 - diversas obras de reparação, protecção, sondagem e limpeza sob orientação do Arquiteto Luís Amoroso Lopes (...); 1989 - concurso de ideia lançado pelo IPPAR" in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2807, consultado a 15 de agosto de 2018, às 10:52h.

⁵⁸ "Os vencedores foram os arquitetos João Rapagão e César Fernandes com um projeto que comporta plataformas de acesso evitando o contacto físico do visitante com a ruína, mantendo a água nas partes submersas e prevendo o vicosamente da ruína através da água (projeto não realizado)." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, página 86.

⁵⁹ "Concurso de valorização do mosteiro e envolvente, lançado pelo IPPAR, ganho pelo Atelier 15." Cruz, Rita. *O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: FAUP, 2011, página 87.

⁶⁰ Gonçalves, Cláudio Ferreira. *A expectante margem esquerda. Programa base de intervenção entre pontes Ponte de Santa Clara e Ponte do Açude*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por António Bettencourt. Coimbra: DARQ, FCTUC, 2015, página 53.

No século XXI, no ano 2000, é realizado no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, o Workshop Internacional de Arquitectura. Tinha como principal objetivo propor intervenções estratégicas para a cidade de Coimbra, de forma a conectar as áreas periféricas ao centro da cidade consolidada. Foram seis as áreas abrangidas: Lajes, Guarda Inglesa⁶¹, Estação Velha/Choupal, Vale de Coselhas, Tovim e Alto de São João.

É evidente que no século XX existe já uma preocupação, em Coimbra, com a margem poente do Rio Mondego. Esta preocupação vai ter o seu apogeu, no final do século XX, com o projeto de recuperação no convento, que por esta altura, estaria abandonado. Este projeto continha as obras no convento, mas também o redesenho de toda a área circundante.

⁶¹ A área da Guarda Inglesa está associada à zona de Santa Clara, em concreto à zona de implantação do Convento de São Francisco.



Figura 13- O Convento de São Francisco de Coimbra, antes da intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. [autor desconhecido] [ano da publicação desconhecido].

II. “Concurso para o projeto de Recuperação do Convento de S. Francisco (para Centro de Congressos) e área ribeirinha envolvente”

II.I O Programa e seus intervenientes

Em 1996, a Câmara Municipal de Coimbra lança o concurso público “Concurso para o projeto de Recuperação do Convento de S. Francisco (para Centro de Congressos) e área ribeirinha envolvente”. O concurso dividiu-se em duas fases. A primeira avançou em 1996 e a segunda desenvolveu-se entre 1996 e 1998. Na primeira fase de seleção, os candidatos foram admitidos, com base em parâmetros relacionados com os respectivos currículos. Na segunda fase, os candidatos foram restringidos a apenas quatro: João Luís Carrilho da Graça, Fernando Távora, Gonçalo Byrne e, por último, Reichen & Robert Architectes e Mário Bento. A candidatura do Arquiteto Hestnes Ferreira foi excluída, uma vez que a sua proposta deu entrada na Câmara Municipal de Coimbra, fora do prazo de entrega⁶².

O principal objetivo da intervenção no Convento e na sua área circundante é, através da recuperação do edifício, promover a afirmação de uma nova centralidade e o reforçar da articulação entre as duas margens. O concurso deverá ainda ter em atenção os edifícios importantes que compõem a sua envolvente, como os edifícios com carácter religioso, o Convento de Santa Clara-a-Velha e o Convento de Santa Clara-a-Nova e edifícios ligados ao lazer, como o Portugal dos Pequenitos⁶³.

⁶² “Foi deliberado, ainda, excluir o concorrente Arq³, Hestnes Ferreira pelo facto da proposta ter dado entrada nos serviços camarários fora do prazo estabelecido para o efeito e ao abrigo do disposto na alínea a) do n.º 1 do Art.º 59.º do DL 55/95 de 29 de Março.” in Concurso Limitado por Prévia Qualificação: “Projeto de Recuperação do Convento de S. Francisco (para centro de Congressos) e Área Ribeirinha Envolvente”, Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 15 de junho de 1996.

⁶³ “Neste espaço, resulta indiscutível a importância do Portugal dos Pequenitos, equipamento de grande afluência de visitantes. Deverá ainda ser reforçada a articulação visual com o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha” Câmara Municipal de Coimbra. *Concurso “Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento São Francisco*. Coimbra, 1996, página 2.

A área que compreende o concurso proposto pela Câmara Municipal de Coimbra não abrange apenas o edifício do Convento de São Francisco, mas também a sua área ribeirinha envolvente, estendendo-se até à Ponte de Santa Clara⁶⁴. Embora existisse um limite físico fixado pela Câmara, este é impreciso. Assim, coube a cada projetista definir o limite da sua proposta.

O presente concurso divide-se em quatro intervenções:

- Recuperação do Convento de São Francisco/Centro de Congressos;
- Variante à Avenida João das Regras/ Pedestrianização do eixo Ponte de Santa Clara - Convento de São Francisco;
- Estacionamento/ Silo Automóvel;
- Remate do Parque Desportivo.

As obras no Convento pretenderam a sua recuperação, uma vez que este se encontrava bastante debilitado, com a finalidade de o tornar num espaço cultural e de reunião. Deste modo, para além da recuperação do edifício, foi proposto o desenho de um auditório, adjacente ao volume do convento, que ocupasse uma área de 1500 m² e que se implantasse entre o volume da igreja e o claustro do Convento. Este deverá ser liberto de todas as construções existentes, de forma a que as suas alas sejam transformadas em espaços ambivalentes. É necessário também o redesenho do espaço exterior, nomeadamente o desenho de uma plataforma que permita o acesso ao convento⁶⁵ e o desenho de um jardim formal no espaço a norte do edifício. Este último teria a condição de estabelecer relações visuais com a margem nascente do Rio Mondego e ainda, articular com as salas de exposições.

Prevê-se alterações na Igreja do convento⁶⁶, tais como: a edificação de uma sacristia, um gabinete de apoio e instalações sanitárias. O volume terá de manter a sua independência em relação ao edificado, tanto em termos formais, como em termos de implantação. Está previsto o desenho de umas escadas que permitam o acesso ao piso superior.

O projeto para a variante da Avenida João das Regras prevê o desenho de um percurso alternativo que substitua a Avenida João das Regras. Desta forma, esta última permanecerá, mas será redesenhada, de modo a ser utilizada de forma pedonal. Está incluído o desenho de todas as infra-estruturas e o tratamento de todo o espaço público do eixo que se define pela Ponte de Santa Clara e pela Avenida João das Regras, rematado a ponte pelo

⁶⁴ "A área objecto do Concurso tem cerca de 9 hectares e está identificada nos Anexos 2 e 3 englobando o Convento de S. Francisco e uma área ribeirinha envolvente que se estende até à Ponte de Santa Clara." Câmara Municipal de Coimbra. *Concurso "Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento São Francisco"*. Coimbra, 1996, página 1.

⁶⁵ "O espaço livre em frente ao edifício deverá ser organizado de forma a enaltecer a presença deste, servindo-lhe de "base" e permitindo-lhe o acesso", Câmara Municipal de Coimbra. *Concurso "Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento São Francisco"*, Coimbra, 1996, página 3.

⁶⁶ Desde 1996, a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra foi cedida à Diocese de Coimbra, pela Câmara Municipal de Coimbra.

Convento de São Francisco. Assim, o que era sugerido era uma via, antigamente destinada ao uso automóvel, agora apenas utilizável pelo peão, que poderia ser percorrida desde a Ponte de Santa Clara até ao Convento de São Francisco, passando pelo Convento de Santa Clara-a-Velha. O desenho de uma via nova e a reestruturação das antigas tem como principal objetivo o afastamento, quanto possível, do automóvel dos pontos históricos da cidade.

Esta obra implica a construção de um nó viário, no seguimento do eixo da ponte, já referida. Os principais objetivos da obra prendem-se com o incentivo para a conexão viária e pedonal, entre as duas margens do Rio Mondego. Possibilita a valorização do conjunto monumental existente nesta área: o Convento de São Francisco, Convento de Santa Clara-a-Velha, o Convento de Santa Clara-a-Nova e Portugal dos Pequenitos.

Também foi proposto o desenho de um parque de estacionamento que possa complementar não só o Centro de Congressos mas também a margem esquerda do Rio Mondego. O seu desenvolvimento terá de ser feito acima do solo, de modo a que este desenhue um novo embasamento, que estará à cota da rua, elevando-se até à cota do piso térreo do convento. O estacionamento ocupará a área de 7000 m² por piso, perfazendo cerca de 500 lugares de estacionamento⁶⁷.

Por fim, a relação entre o Parque Desportivo⁶⁸, o espaço urbano e a zona pedonal envolvente deverá ser acentuada. É proposta a identificação de um volume que marque e dignifique a entrada do Parque Desportivo, sendo a sua função muito pouco precisa.

Das propostas dos arquitetos acima referidos classificou-se em quarto lugar, a proposta de Reichen & Robert Architectes e Mário Bento; em terceiro lugar, a proposta de Gonçalo Byrne; em segundo lugar, a proposta de João Luís Carrilho da Graça; em primeiro lugar, a proposta dos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora. Por motivos desconhecidos, o projeto vencedor acabou por não ser o escolhido para ser construído. O projeto adoptado para construção, foi o segundo classificado⁶⁹.

De seguida, explicar-se-á cada uma das quatro propostas, do último classificado até ao projeto vencedor.

⁶⁷ O estacionamento, existente junto à frente ribeirinha, será retirado. Deste modo, o novo estacionamento irá prever lugares de estacionamento para colmatar a falta do antigo.

⁶⁸ O Parque Desportivo ("Estádio Universitário") foi projetado pelo Arquiteto Alberto Pessoa, em 1963.

⁶⁹ Não está clara a razão, pela qual o projeto dos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora foi desclassificado, existindo várias versões para os factos. Com a desclassificação dos arquitetos, o projeto do Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, que ocupava o segundo lugar do concurso, é o escolhido pela Câmara Municipal de Coimbra para avançar para construção, 1998.

Convento de São Francisco. Assim, o que era sugerido era uma via, antigamente destinada ao uso automóvel, agora apenas utilizável pelo peão, que poderia ser percorrida desde a Ponte de Santa Clara até ao Convento de São Francisco, passando pelo Convento de Santa Clara-a-Velha. O desenho de uma via nova e a reestruturação das antigas tem como principal objetivo o afastamento, quanto possível, do automóvel dos pontos históricos da cidade.

Esta obra implica a construção de um nó viário, no seguimento do eixo da ponte, já referida. Os principais objetivos da obra prendem-se com o incentivo para a conexão viária e pedonal, entre as duas margens do Rio Mondego. Possibilita a valorização do conjunto monumental existente nesta área: o Convento de São Francisco, Convento de Santa Clara-a-Velha, o Convento de Santa Clara-a-Nova e Portugal dos Pequenitos.

Também foi proposto o desenho de um parque de estacionamento que possa complementar não só o Centro de Congressos mas também a margem esquerda do Rio Mondego. O seu desenvolvimento terá de ser feito acima do solo, de modo a que este desenhe um novo embasamento, que estará à cota da rua, elevando-se até à cota do piso térreo do convento. O estacionamento ocupará a área de 7000 m² por piso, perfazendo cerca de 500 lugares de estacionamento⁷⁰.

Por fim, a relação entre o Parque Desportivo⁷¹, o espaço urbano e a zona pedonal envolvente deverá ser acentuada. É proposta a identificação de um volume que marque e dignifique a entrada do Parque Desportivo, sendo a sua função muito pouco precisa.

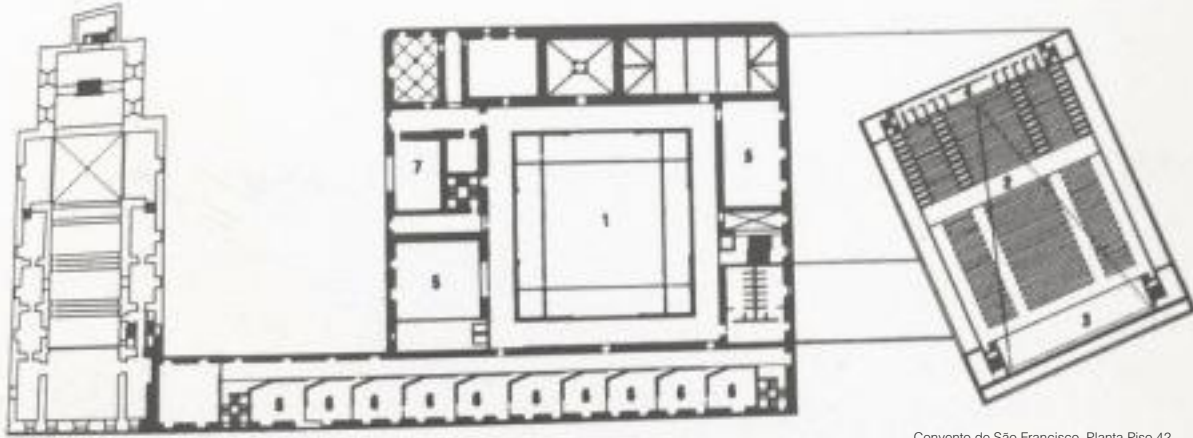
Das propostas dos arquitetos acima referidos classificou-se em quarto lugar, a proposta de Reichen & Robert Architectes e Mário Bento; em terceiro lugar, a proposta de Gonçalo Byrne; em segundo lugar, a proposta de João Luís Carrilho da Graça; em primeiro lugar, a proposta dos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora. Por motivos desconhecidos, o projeto vencedor acabou por não ser o escolhido para ser construído. O projeto adoptado para construção, foi o segundo classificado⁷².

De seguida, explicar-se-á cada uma das quatro propostas, do último classificado até ao projeto vencedor.

⁷⁰ O estacionamento, existente junto à frente ribeirinha, será retirado. Deste modo, o novo estacionamento irá prever lugares de estacionamento para colmatar a falta do antigo.

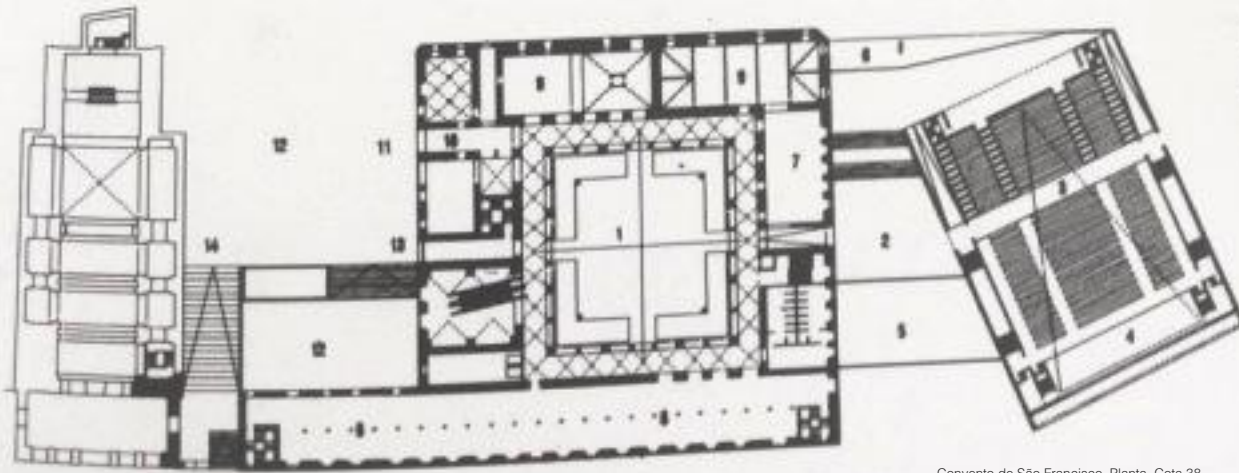
⁷¹ O Parque Desportivo ("Estádio Universitário") foi projetado pelo Arquiteto Alberto Pessoa, em 1963.

⁷² Não está clara a razão, pela qual o projeto dos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora foi desclassificado, existindo várias versões para os factos. Com a desclassificação dos arquitetos, o projeto do Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, que ocupava o segundo lugar do concurso, é o escolhido pela Câmara Municipal de Coimbra para avançar para construção, 1998.



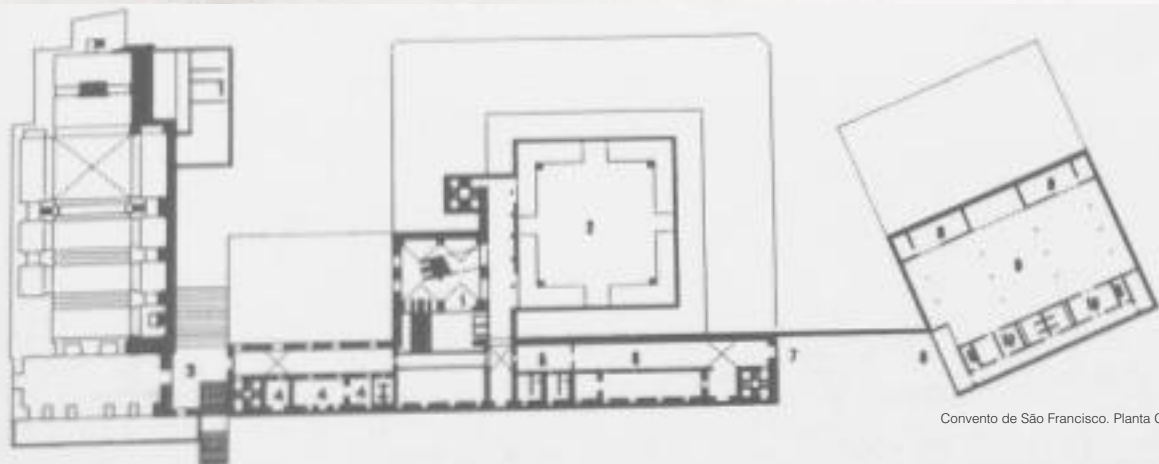
Convento de São Francisco. Planta Piso 42

- Legenda da Planta Cota 42:
- 1- Claustro
 - 2- Auditório
 - 3- Palco
 - 4- Cabine de projecção
 - 5- Salas de conferência
 - 6- Salas de trabalho
 - 7- Sala de reuniões



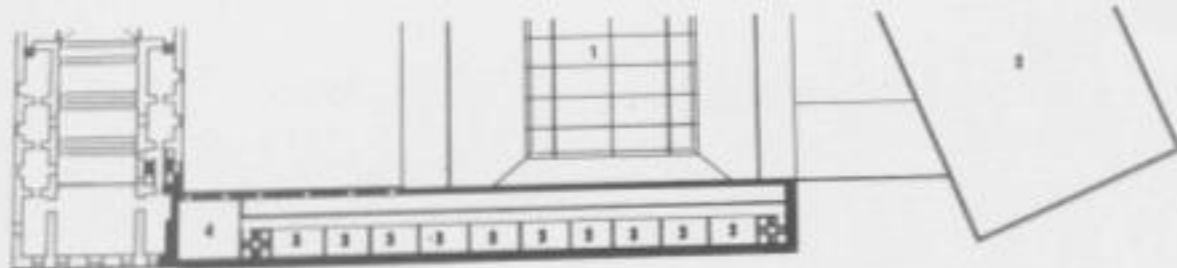
Convento de São Francisco. Planta Cota 38

- Legenda da Planta Cota 38:
- 1- Claustro
 - 2- Foyer do auditório
 - 3- Auditório
 - 4- Palco
 - 5- Terraço
 - 6- Entrada do auditório
 - 7- Recepção
 - 8- Espaço polivalente
 - 9- Sala de exposições
 - 10- Bar/cafetaria
 - 11- Esplanada
 - 12- Espaço público
 - 13- Entrada jardim
 - 14- Escadas de ligação ao Convento de Santa Clara-a-Nova



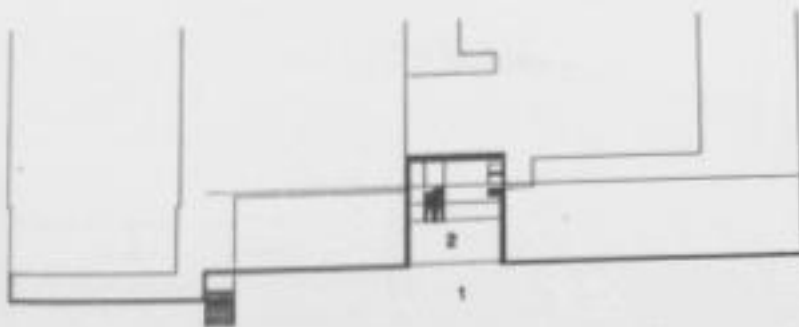
Convento de São Francisco. Planta Cota 33

- Legenda da Planta Cota 33:
- 1- Hall
 - 2- Sala de exposições
 - 3- Entrada da administração
 - 4- Administração
 - 5- Zona de Serviços (?)
 - 6- Cozinha/Copa/Dispensa
 - 7- Entrada de Serviço
 - 8- Entrada de serviço do auditório
 - 9- Arrumos do auditório
 - 10- Camarins/Salas



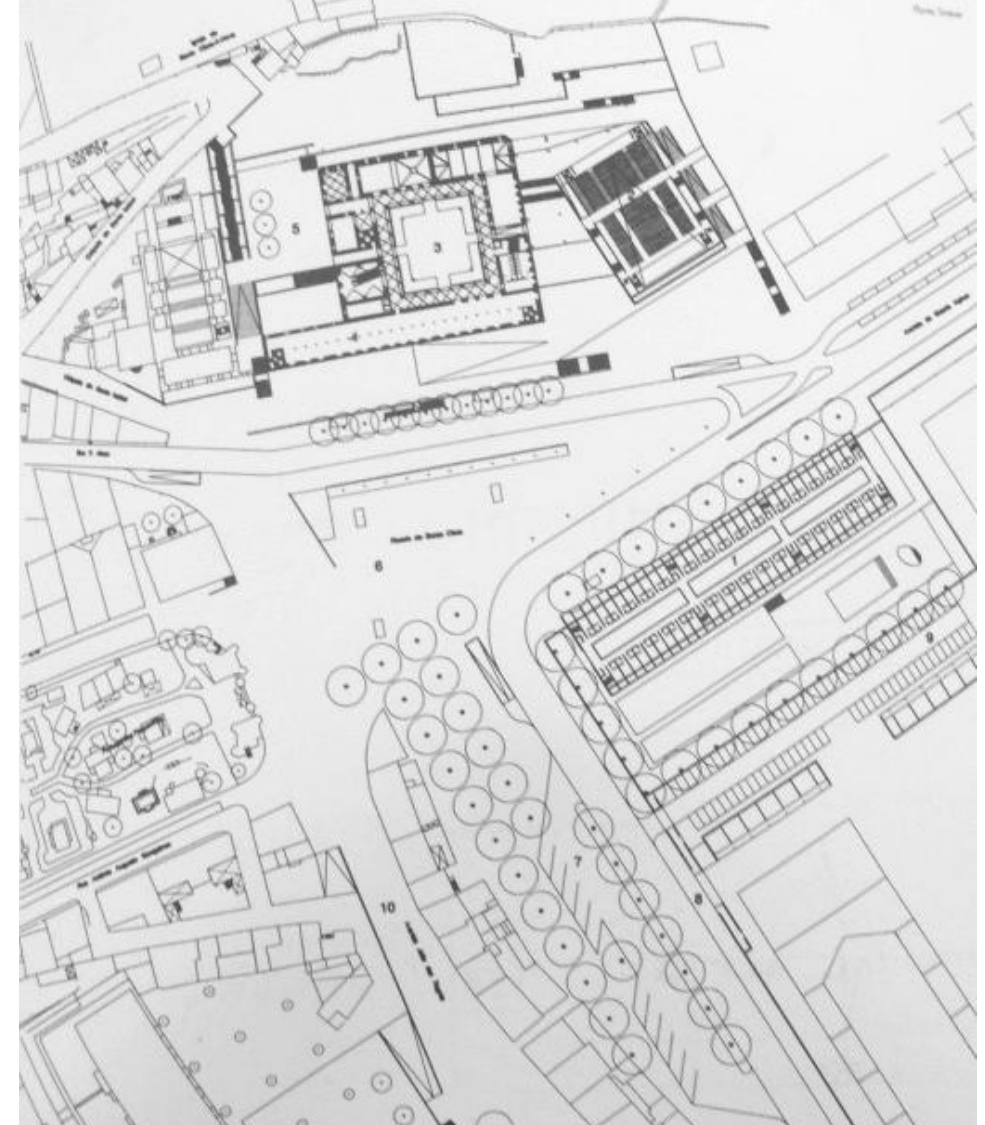
Convento de São Francisco. Planta Cota 45

- Legenda da Planta Cota 43:
- 1- Sala de conferências
 - 2- Auditório
 - 3- Sala de pequenos grupos
 - 4- Sala de reuniões

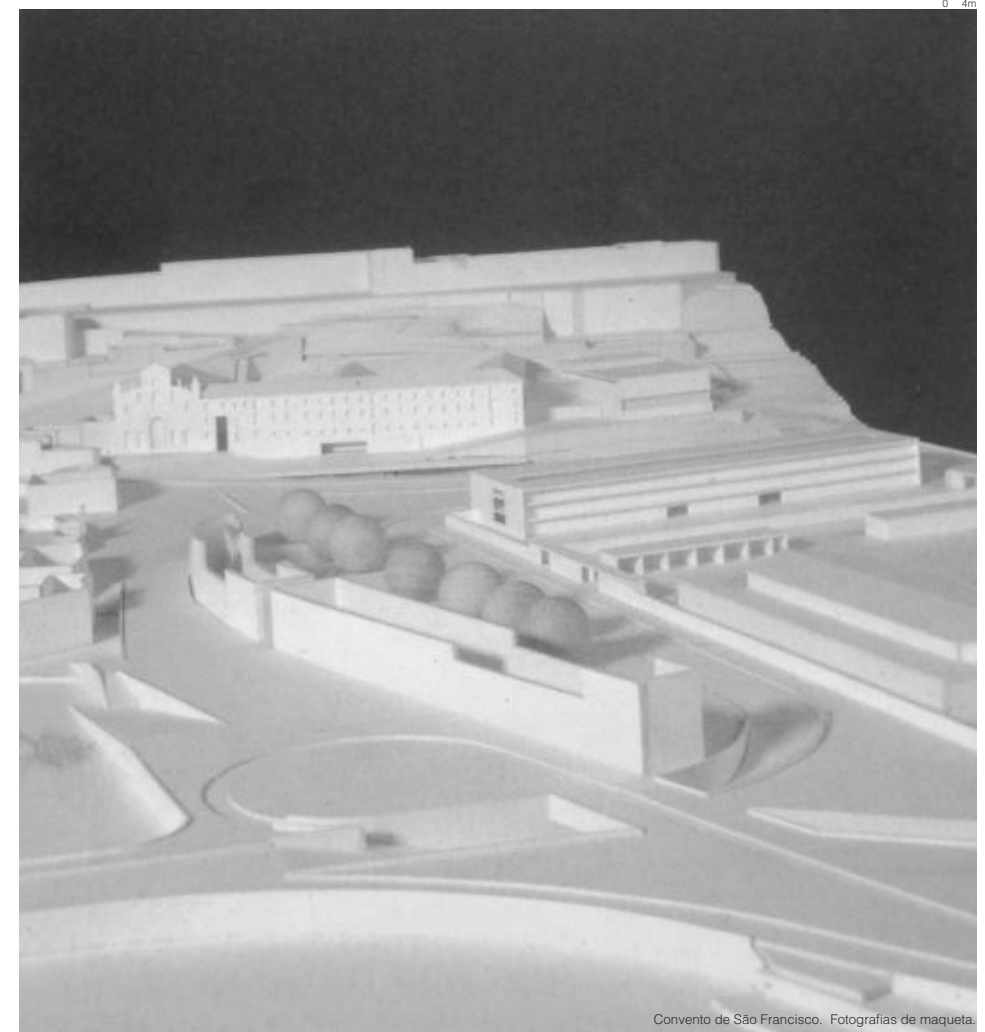


Convento de São Francisco. Planta Cota 29

- Legenda da Planta Cota 29:
- 1- Entrada principal
 - 2- Recepção



Convento de São Francisco. Planta de localização



Convento de São Francisco. Fotografias de maquete.

II.II A proposta de Reichen & Robert Architectes e Mário Bento

Reichen & Robert Architectes e Mário Bento assumem que o Convento de São Francisco é um dos elementos arquitectónicos mais importantes da cidade de Coimbra, pela sua presença na paisagem urbana, vista da margem nascente da cidade. Embora na margem poente do Rio Mondego existam vários edifícios de grande valor, este local sempre foi tratado como um espaço à margem da cidade. Por este motivo, este edifício não está incluído na lista dos edifícios classificados e, por esse motivo, não se encontra protegido.

Os candidatos acreditam que para esta intervenção resultar favoravelmente é necessário uma operação vasta de re-ordenamento urbano, isto é, uma intervenção menos centrada no objeto (Centro de Congressos), mais concentrada na escala alargada (macro-escala) da cidade. À semelhança dos outros candidatos, estes têm em consideração o desenho do edifício conventual compreendido na cidade.

Desta forma, para além da intervenção no Convento de São Francisco, é fundamental a valorização dos espaços e edifícios que o rodeiam, estabelecendo relações visuais e físicas, entre os vários elementos, tais como: entre o adro da Igreja do Convento e o Convento de Santa Clara-a-Nova; a entrada do convento e a igreja, a entrada do Portugal dos Pequenitos, a futura via pedonal e a área ajardinada⁷³.

Como era pedido no programa do concurso, foi proposto o desenho de uma nova via, que pudesse substituir a Avenida João das Regras, passando entre as casas que conformam a referida avenida e pelos terrenos do “Estádio Universitário”. A antiga avenida apenas pode ser

⁷³ “Este estudo é o resultado de uma reflexão racional fundamentada nos elementos seguintes: parece-nos interessante estabelecer uma relação visual e física entre o adro da Igreja e Convento de Santa Clara-a-Nova, as entradas do Centro de Congressos e da Igreja de S. Francisco, a entrada do Portugal dos Pequenitos, a futura via pedonal e a futura área ajardinada defronte da Igreja de Santa Clara-a-Velha. (...)” Reichen & Robert Architectes, Bento, Mário. *Memória Descritiva*. Coimbra, 1996.

usada como via pedonal, fazendo ligação ao terreiro ajardinado junto ao Convento de Santa Clara-a-Velha. Esta nova via poderia fazer ligação tanto ao centro da cidade na margem nascente, como também à estrada nacional número um, que liga o norte ao sul do país.

Ao nível da reestruturação dos sentidos de trânsito, os arquitetos optaram por colocar a maior parte das vias de sentido único⁷⁴, de forma a que, o quarteirão que contém todas as estruturas do “Estádio Universitário”, funcionasse como uma rotunda. Assim, com esta solução, o objetivo seria reduzir o ruído e o número de automóveis, facilitando a travessia das vias.

Foi proposto um novo desenho da via, que passava mesmo em frente ao convento e que seguia pela Rua Carlos Alberto Pinto de Abreu, em direcção ao Convento de Santa Clara-a-Nova. Esta agora possuía um desenho paralelo ao convento, sendo que a Avenida da Guarda Inglesa se encontrava paralela ao eixo/quarteirão do “Estádio Universitário”.

O estacionamento previsto no programa é desenhado abaixo da linha do chão, num piso subterrâneo, em frente ao convento. Este novo desenho difere da sugestão dada pela Câmara Municipal de Coimbra.

São propostos edifícios com função variável e ambivalente, no remate do “Estádio Universitário” com a Avenida da Guarda Inglesa e conformando a nova via, a variante proposta.

Quanto à intervenção no Convento de São Francisco, a principal intenção da proposta de recuperação dos arquitetos é a reconstituição do convento, tanto exteriormente como interiormente, como ele era aquando da sua construção, no século XVII, libertando o edifício dos acrescentos da ocupação fabril. Embora a ocupação fabril faça parte da história do edifício, as intervenções deste tempo “foram executadas de forma insequentemente, recorrendo a soluções de extrema pobreza espacial e construtiva.”⁷⁵

Exteriormente, o redesenho da via que se colocava em frente ao convento, de forma paralela, e ainda o desenho da Avenida da Guarda Inglesa, desenharam um espaço triangular livre, à cota da rua, onde por baixo se encontra o estacionamento subterrâneo, e que é o remate do sistema pedonal que vem desde a Ponte de Santa Clara.

Através dos desenhos a que tivemos acesso, percebemos que não existe um passeio à cota da rua ou à cota do espaço triangular acima referido. O que existe é uma via pedonal, que do lado norte do convento arranca com umas escadas, que irão, no final da plataforma do

⁷⁴ As ruas de sentido único são: Avenida da Guarda Inglesa, Variante à Avenida João das Regras, Avenida de Conímbriga e Rua Luís António Verney. Tanto a Avenida Inês de Castro como o trânsito na Ponte de Santa Clara continuam com dois sentidos.

⁷⁵ Reichen & Robert Architectes e Mário Bento, *Memória Descritiva para o “Concurso para o projeto de Recuperação do Convento de S. Francisco (para Centro de Congressos) e área ribeirinha envolvente”*. Coimbra, 1998.

convento, buscar a cota da rua Carlos Alberto Pinto de Abreu, desenhando um percurso a uma cota mais elevada da rua, e estabelecendo relação com a existente.

A entrada para o convento localiza-se à mesma cota que a plataforma, acima referida⁷⁶. Através do alçado principal da proposta, conseguimos perceber que esta cota não é a cota do piso térreo do convento, sendo esta mais elevada⁷⁷. Para além disto, o local onde se fazia a antiga entrada foi modificado, relativamente ao que existia no século XVII. A antiga entrada fazia-se num compartimento junto ao volume da igreja, a norte. Local este que foi proposto como a entrada exclusiva para a administração. A nova entrada seria junto à parede sul do claustro, não tendo ligação com este, uma vez que se encontrava dois pisos abaixo dele.

A praça⁷⁸ que recebe as pessoas em frente ao convento foi redesenhada, para que a estadia e a circulação de peões fosse beneficiada. O muro de contenção, que faz a charneira entre a cota do convento e a cota da rua, também se encontra paralelo ao convento. Defronte ao convento e à cota da intermédia da entrada, foram colocadas doze árvores, que supomos que teriam por objetivo obstruir a vista para a fachada principal do convento. Existe ainda o desenho de uma rampa, nesta praça, junto ao volume do convento, que faz o acesso ao volume do auditório. Este último volume está implantado à cota trinta e três.

O acesso à igreja faz-se junto à entrada dos serviços administrativos.

Através das plantas fornecidas, conseguimos perceber que o volume do convento se divide em cinco pisos: o primeiro, da entrada principal, à cota vinte e nove; o segundo piso, piso térreo do convento, à cota trinta e três; o terceiro piso, segundo piso do convento, à cota trinta e seis⁷⁹; quarto piso do convento, à cota quarenta e dois e, por último, quinto piso do convento, à cota quarenta e cinco.

Interiormente, o primeiro piso do Centro de Congressos é apenas composto pela entrada, pela recepção e, ainda, por uma escadas que dão acesso ao piso seguinte.

O segundo piso é composto por um espaço de entrada. Este contém umas escadas que permitem aceder ao piso superior, fazendo o acesso a uma sala de exposições⁸⁰ e a uma zona de serviços administrativos, com dependências criadas para esta função; e domésticos,

⁷⁶ Cota vinte e nove, segundo os desenhos dos arquitetos.

⁷⁷ Cota trinta e três.

⁷⁸ Cota trinta e três.

⁷⁹ Este piso é imperceptível no alçado principal (nascente) do Convento de São Francisco, uma vez que é encerrado.

⁸⁰ Esta Sala de Exposições implanta-se por baixo do claustro.

com uma cozinha e uma copa. Existe ainda, numa dependência, junto à igreja do convento, a entrada da administração.

No terceiro piso, através das escadas acima referidas, conseguimos aceder ao claustro, ao auditório e aos seus espaços de apoio (recepção, foyer,...). Neste piso existem algumas modificações em relação à planta original, como por exemplo um volume acrescentado, que se adossa ao volume do convento⁸¹, umas escadas que fariam a ligação ao Convento de Santa Clara-a-Nova e ainda elevação do terreno, que fica entre a igreja e o claustro, para aqui se desenhar um espaço de reunião.

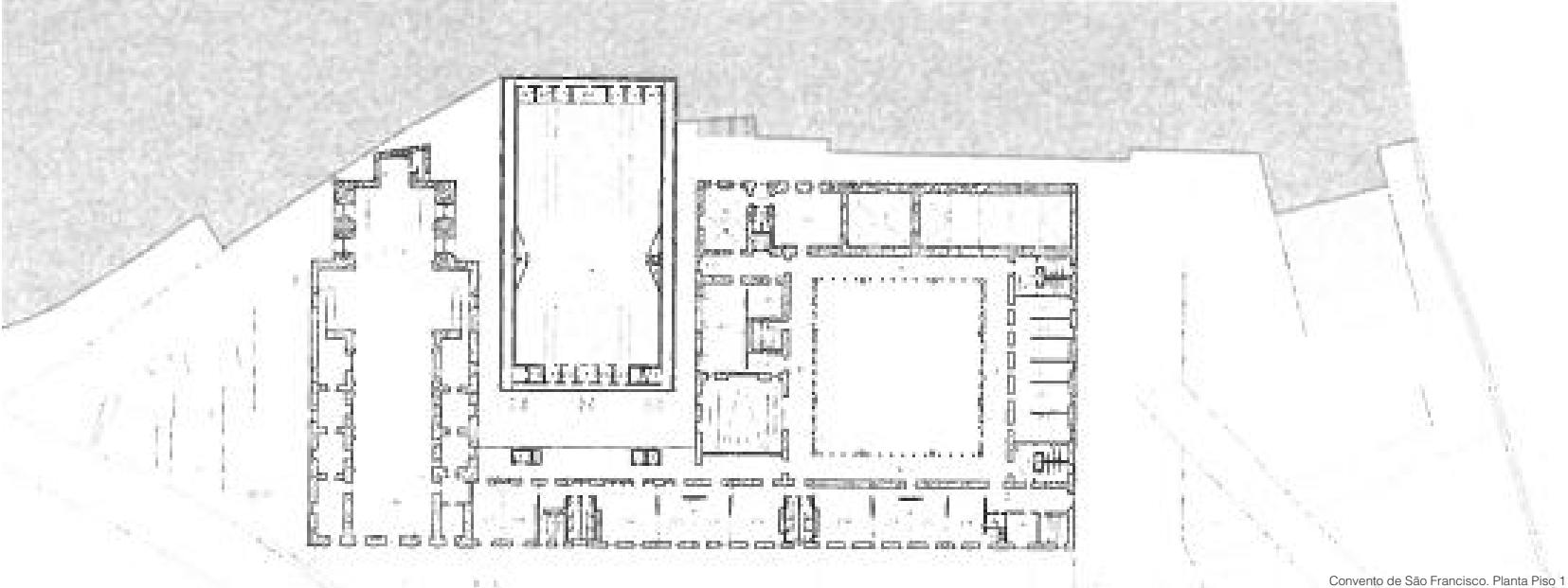
O quarto piso, para além de albergar o volume do auditório e as suas dependências, possui ainda, dez salas de trabalho, uma sala de conferências e uma sala de reuniões.

No quinto piso encontram-se uma sala de reuniões, dez salas de pequenos grupos, uma sala de conferências e o auditório.

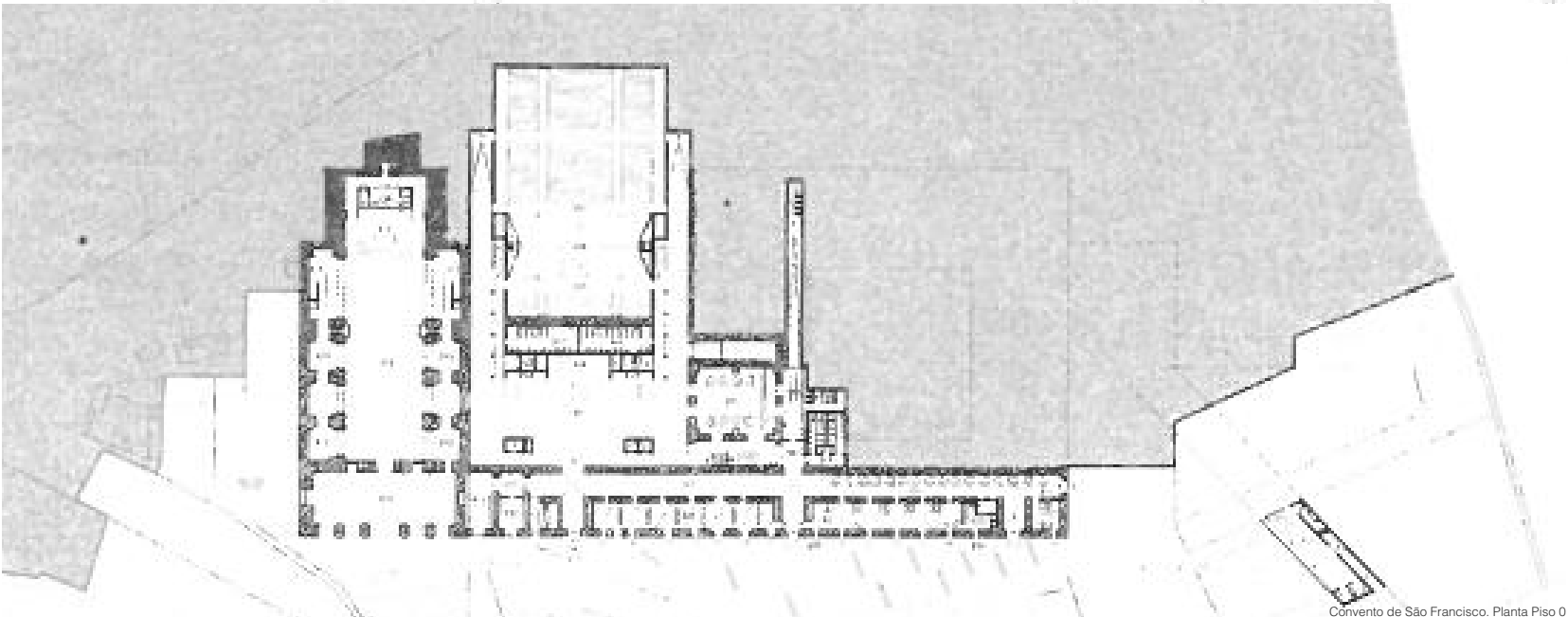
Nesta intervenção, o volume do claustro viu a sua essência ser destruída, uma vez que no segundo e último pisos do complexo monástico, a área dele encontra-se ocupada com programa (sala de exposições e sala de conferências, respectivamente), fazendo com que este espaço deixe de ser um espaço descoberto, mas sim encerrado.

O volume do auditório proposto não se encontra implantado no sítio aconselhado pela Câmara Municipal de Coimbra, uma vez que o grupo de arquitetos considerou que o programa para o auditório não se adequava ao local entre a igreja e o claustro. Desta forma, o auditório implanta-se no terreno a norte do edifício conventual, sendo que este local permite construir sem aterros nem desmontes excessivos, desenvolvendo-se por três pisos. Além do acesso, pelo interior do convento, ao auditório, existe a possibilidade de fazer o acesso, exteriormente por umas escadas, a norte do terreno do complexo.

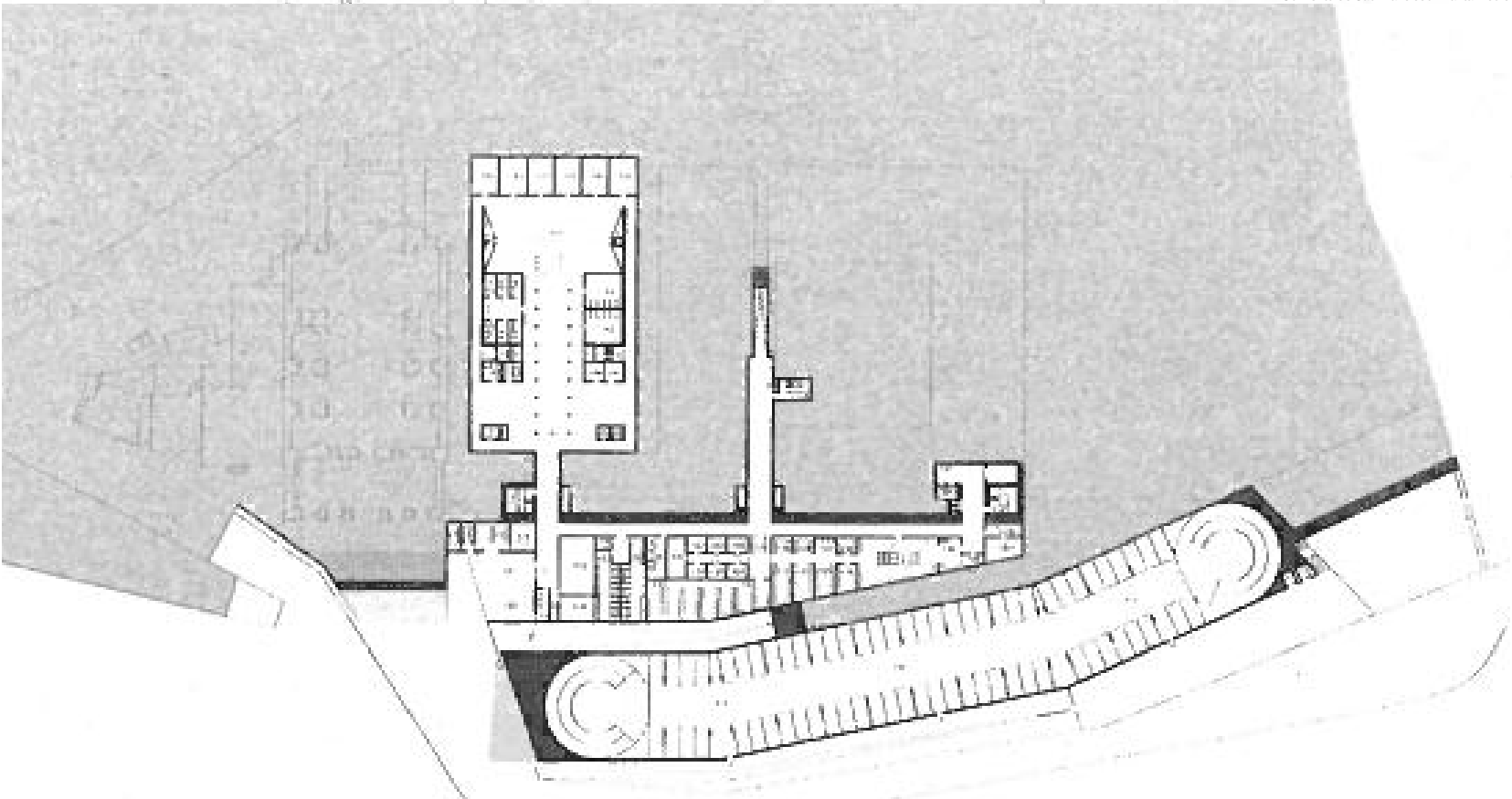
⁸¹ Segunda a sua legenda, este espaço tem um carácter público. Pela sua dimensão, podemos supor que poderá ser um espaço ambivalente, com uma função pouco definida.



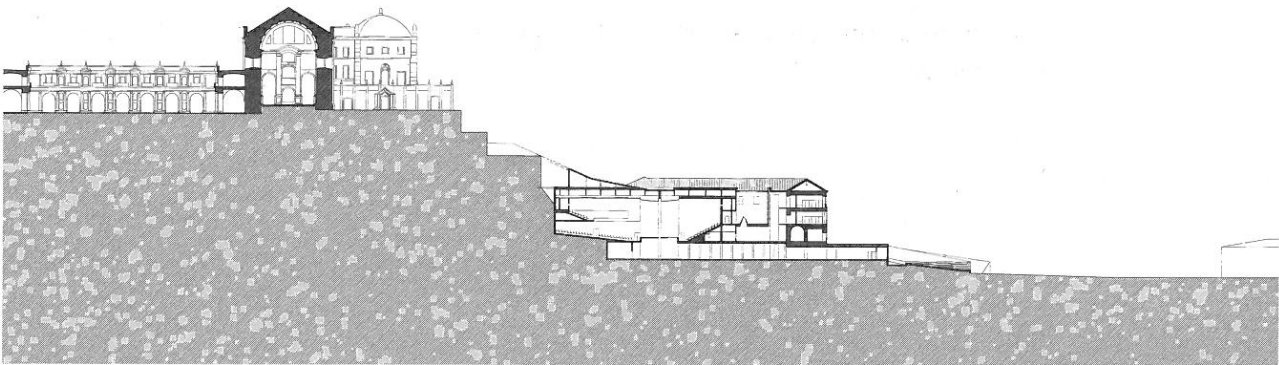
Convento de São Francisco. Planta Piso 1



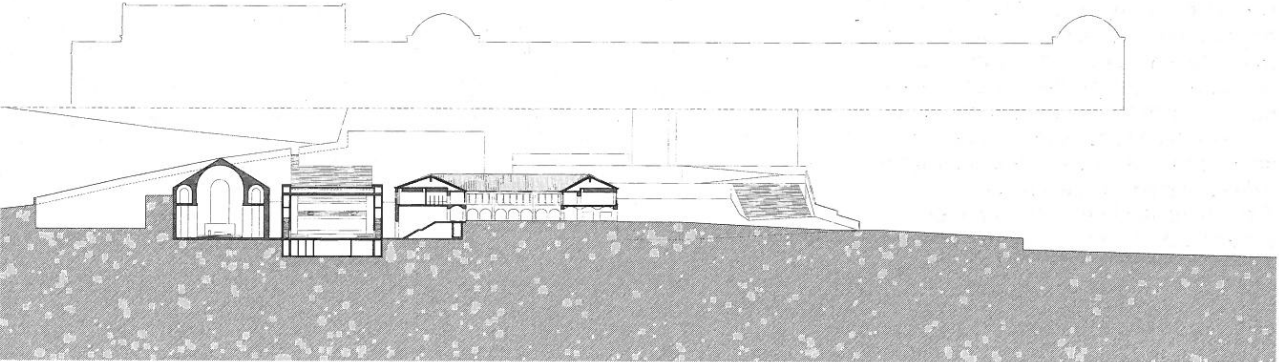
Convento de São Francisco. Planta Piso 0



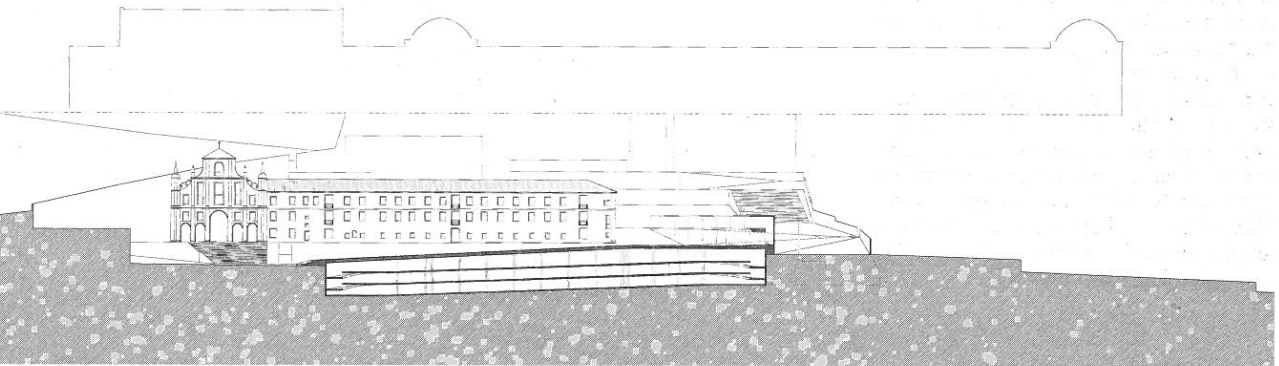
Convento de São Francisco. Planta Piso -1



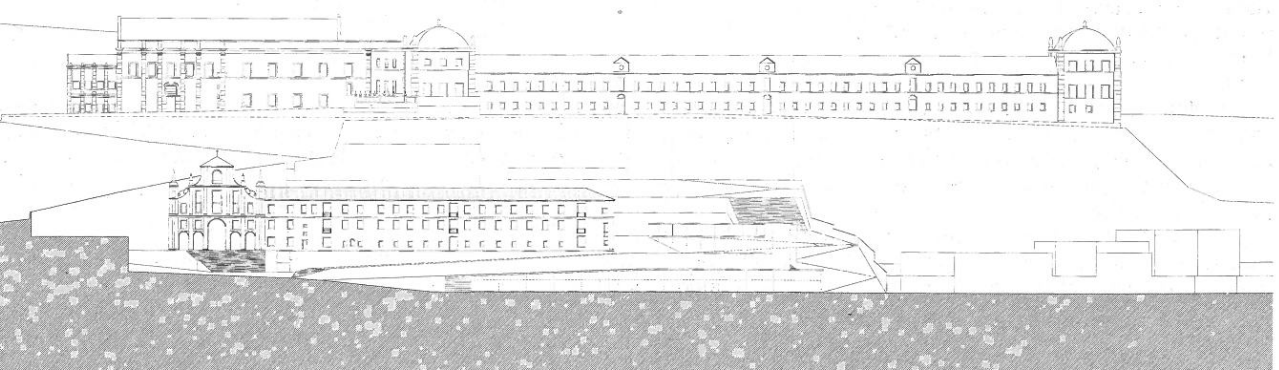
Convento de São Francisco. Corte.



Convento de São Francisco. Corte.



Convento de São Francisco. Corte pelo estacionamento.



Convento de São Francisco. Alçado Principal.

II.III A proposta de Gonçalo Byrne

A grande preocupação que está presente na proposta do Arquiteto Gonçalo Byrne, para a requalificação do Convento, e que em muito caracteriza a gnese do programa proposto, é a integração do edifício na cidade, isto é, é a criação de condições para que o objeto se enraze de novo na estrutura urbana da cidade. De ressaltar que, por esta altura, Gonçalo Byrne teria em mãos a execução de um plano de pormenor, pedido pela Câmara Municipal de Coimbra, que pretendia estudar a margem poente do rio Mondego e, que resultou, no projeto para o Parque Verde da cidade, na mesma margem.

Desde logo, o Arquiteto percebeu que a problemática existente neste projeto não se prendia com a recuperação do edifício, mas, sobretudo, com a inserção deste no lugar. Esta desconexão entre o edifício e o lugar foi causada, nomeadamente, pelo estado de degradação do edifício e pelas grandes alterações urbanas que ocorreram na margem poente do Rio Mondego, no séculos XIX e XX, tais como a construção de uma via rápida, o IC2, e a sua respetiva saída para a Avenida da Guarda Inglesa; o ênfase dado ao eixo da Avenida da Guarda Inglesa, rematado a sul pelo complexo do Portugal dos Pequenitos (1938) e, ainda, a destruo do embasamento do convento, modificando-lhe a sua relação com o território. Deste modo, o contexto original onde o edifício conventual se implantava foi esquecido e deturpado. A proposta de Gonçalo Byrne pretende ter uma abordagem mais geográfica, onde o encontro entre declive do terreno, no qual o convento está situado, e a zona que vai deste local até ao rio, vão ter especial importância.

A Avenida da Guarda Inglesa, rua onde se situa o complexo, vai surgir como um forte alinhamento que vai organizar toda a composição. A partir desta, surge o desenho da praça, que se vira para a cidade de Coimbra e que pretende estabelecer relação entre as cotas da avenida e do acesso ao convento. Na proposta de Byrne, este percebe que “o princípio da linearidade da margem esquerda [poente] sai reforçado pela materialidade da Avenida da Guarda Inglesa (...)”⁸², indicando a importância que o traçado desta avenida teria para a estruturação da margem poente. Ao contrário de outras propostas, onde é dada mais ênfase à Avenida João das Regras e ao seu remate, a poente, com os Conventos de São Francisco e de Santa Clara-a-Nova, Byrne considera crucial o desenho da Avenida da Guarda Inglesa.

Para valorizar a sua proposta, o arquiteto acredita que é necessário entender as duas margens e perceber o seu papel e contribuição para a cidade de Coimbra. A margem nascente tinha, com a sua morfologia, um carácter defensivo. Enquanto que a margem poente, com carácter linear, surge como um terraço virado para a cidade antiga.

Ainda antes da intervenção de Gonçalo Byrne no convento, é necessário compreender a forma como é resolvida a integração do edifício conventual na cidade, mais concretamente na margem poente do rio Mondego. Conforme referido anteriormente, por altura da ocupação fabril no convento, a plataforma que fazia o acesso ao piso térreo foi removida. Deste modo, quando estes se retiraram, o acesso ao edifício ficou afetado, modificando a sua relação com o território⁸³. O embasamento proposto, que pretendia fazer a ligação entre a cidade e o convento, caracterizava-se por ter dois momentos, um de ascensão, onde era realizado o processo de subida de cotas, através de umas escadas, e outro de contemplação, onde se encontrava o terraço virado para a cidade. A nova estrutura é muito semelhante à existente anteriormente. Contudo, os seus acessos foram desenhados, de forma diferente.

O Arquitecto Gonçalo Byrne implantou o volume do auditório no local proposto pela Câmara Municipal de Coimbra. Ao observar o alçado da fachada principal, o volume situado entre a igreja e o claustro, este é quase imperceptível, não estando presente um conflito entre o novo volume e o volume do convento. Como este novo volume se afasta do antigo, criaria um segundo pátio entre os dois, funcionando, o espaço, como um segundo claustro. O Arquitecto poderia estar consciencializado com a hipótese de poder existir, neste local, o segundo claustro

⁸² Angelillo, Antonio, Solà-Morales, Ignasi de, Portas, Nuno. *Gonçalo Byrne : opere e progetti*. Milano: Electa, 2006, 3ª edição, página 152.

⁸³ Como Gonçalo Byrne refere “A destruição do embasamento do convento e do pátio conventual, de que apenas resta um muro, tiram-lhe o suporte e a relação com o território” in Angelillo, Antonio, Solà-Morales, Ignasi de, Portas, Nuno. *Gonçalo Byrne : opere e progetti*. Milano: Electa, 2006, 3ª edição, página 152.

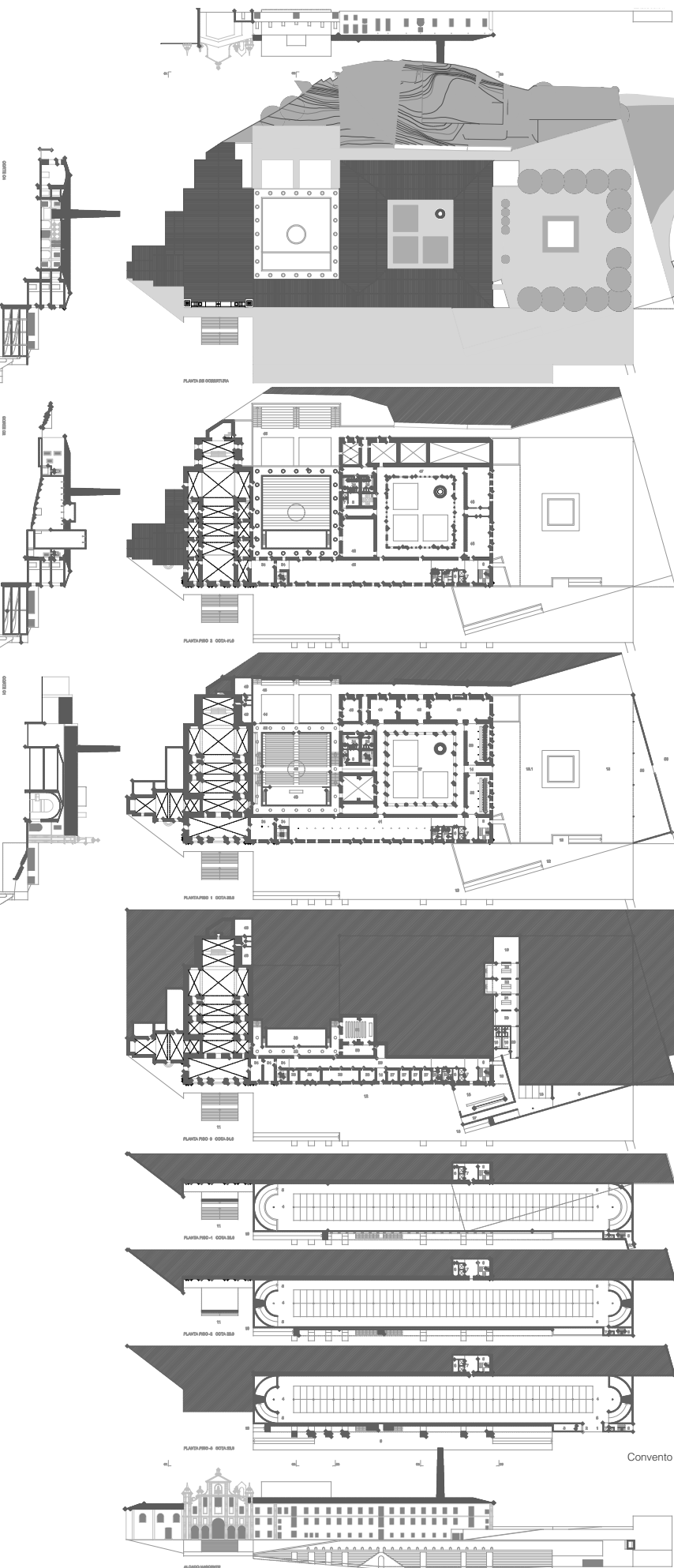
do complexo conventual⁸⁴. Podemos supor, que o arquiteto estaria ao corrente destes dados e queria construir um novo claustro, que estaria no projeto inicial do complexo, mas que não chegou a ser construído.

A ideia por detrás do desenho do auditório proposto é o de prolongar a falésia, presente entre os Conventos de São Francisco e de Santa Clara-a-Nova.

Quanto ao estacionamento subterrâneo, este desenvolveu-se paralelo à Avenida.

No interior, a intervenção de Gonçalo Byrne pretendia recuperar os espaços, tornando-os mais polivalentes. No piso térreo, a estrutura celular, que havia sido retirada por altura da ocupação fabril, foi recuperada. Contudo nos pisos dispostos acima, a estrutura celular desapareceu, dando lugar a espaços amplos.

⁸⁴ "No caso de S. Francisco da Ponte tudo parece apontar para que se possa considerar um caso de estrutura conventual de duplo claustro. Pois, embora somente exista um plenamente conformado existem pistas que sugerem a existência de uma segunda (neste caso "primeiro")." Santos, Pedro João Rodrigues dos. *O Convento de São Francisco da Ponte*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1997, página 40.



Convento de São Francisco. Planta de Cobertura.

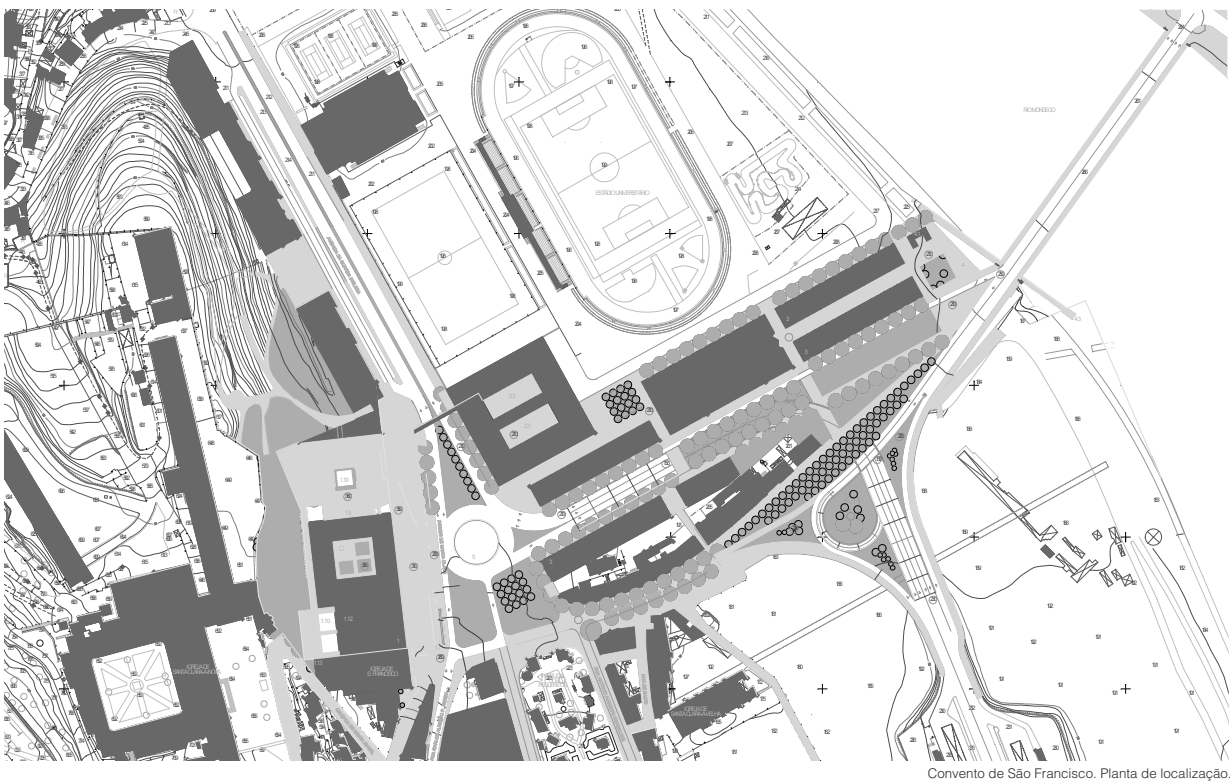
Convento de São Francisco. Planta Piso 2.

Convento de São Francisco. Planta Piso 1.

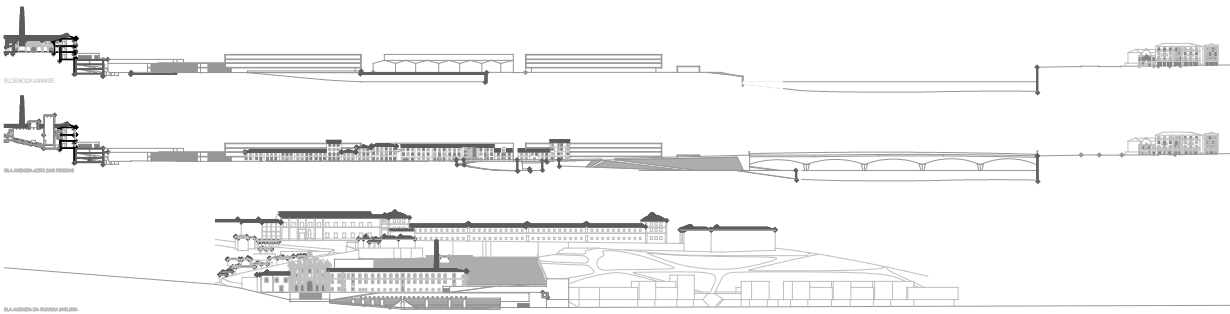
Convento de São Francisco. Planta Piso 0.

Convento de São Francisco. Pisos de estacionamento subterrâneos.

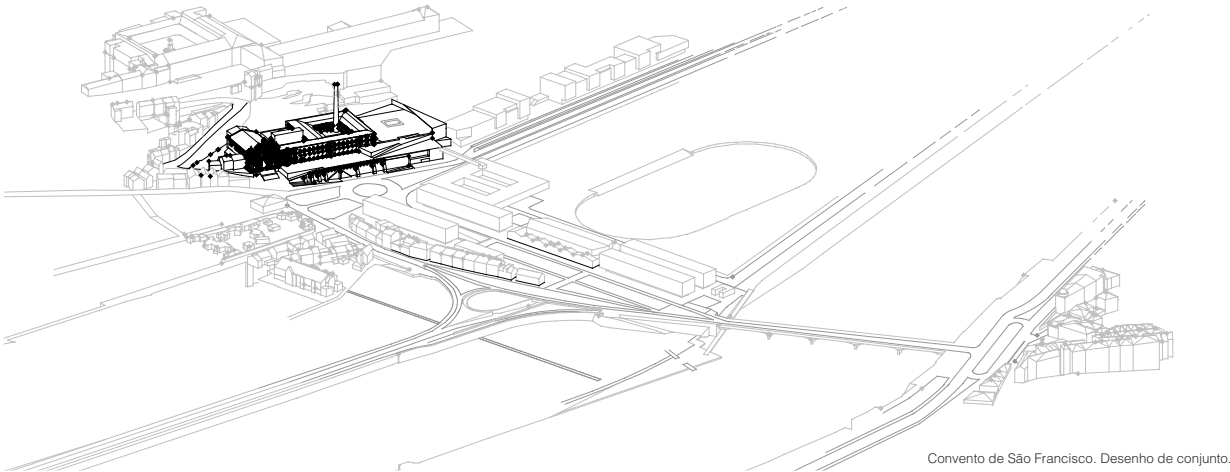
Convento de São Francisco. Alçado Principal 0 5m



Convento de São Francisco. Planta de localização.



Convento de São Francisco. Alçados e Cortes.



Convento de São Francisco. Desenho de conjunto.

II.V A proposta de Fernando Távora e José Bernardo Távora

Tal como as restantes propostas, o projeto dos Arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora pretende, não só ter em atenção a inserção do edifício no lugar, mas também, como os próprios referem, a história do lugar e as consequências da sua intervenção neste.

Tal como a dupla de arquitetos Reichen & Robert Architectes e Mário Bento⁸⁵, estes arquitetos admitem que as modificações ocorridas, nomeadamente durante a ocupação fabril, foram um desgaste para o edifício. Assim, sua proposta para o convento e a envolvente pretende ter em consideração a sua conformação original. Todavia não despreza as suas alterações mais significativas, que foram existindo ao longo dos séculos.

À semelhança dos sub-capítulos anteriores, iremos começar pela leitura da proposta para a envolvente do Convento: o desenho da Variante à Avenida João das Regras, o estacionamento e, por último, o remate do parque desportivo.

A proposta para a variante à Avenida João das Regras vai de encontro ao desenho previsto no estudo urbanístico, realizado anteriormente. Manteve-se o mesmo enunciado, introduzindo-lhe uma diferente morfologia. Na nova rua é proposto o desenho de passeios públicos arborizados, com árvores de grande porte. Este novo eixo definido pela ocupação arbórea constituiu-se como um forte alinhamento que define, para além do seu eixo, visibilidades, a poente, para os Convento de São Francisco e para o Convento de Santa Clara-

⁸⁵ Os arquitetos Reichen & Robert Architectes e Mário Bento assumem claramente que as intervenções no edifício, efectuadas durante o período da ocupação fabril, são débeis e, por esse mesmo motivo, devem ser retiradas, embora façam parte da sua história.

a-Nova, e a nascente a Alta Coimbrã. A rigidez deste eixo vegetal permite-lhe fazer a ligação entre os jardins formais dos edifícios históricos, o traçado rodoviário e o parque verde, que ainda viria a ser projetado.

A ideia de colocação da Avenida João das Regras para uso pedonal, como é proposto em outros projetos, é mantida, reforçando o eixo pedonal que vem desde a Ponte de Santa Clara até ao Convento de São Francisco, passando pelo Convento de Santa Clara-a-Velha.

Quatro novos edifícios são projetados, inscrevendo-se na via proposta, constituindo fachada para a mesma. A estes quatro edifícios não é atribuída nenhuma função específica.

Para além do estacionamento subterrâneo proposto, para servir o Centro de Congressos, foi ainda projetado um segundo. Este encontrava-se junto ao “Estádio Universitário”, constituindo fachada para a Avenida da Guarda Inglesa. Possui dois pisos, com capacidade para cerca de 320 veículos. Com a possibilidade de servir também o Centro de Congressos, existe uma passagem à cota elevada, sobre a avenida, que permite o atravessamento para o edifício cultural.

No local onde confluem a nova variante e a Avenida Conímbriga, junto ao Rio Mondego, foi proposto o desenho de uma pequena praça, que faria o remate do “Estádio Universitário”. Esta praça encontrava-se à cota da rua e pretendia controlar o acesso ao parque desportivo. Tinha um pequeno edifício que efectuava esse controlo.

Para a proposta para o Convento de São Francisco, os arquitetos propõem o desenho de um *adro*⁸⁶, que fizesse a fronteira entre a rua e o convento. O termo *adro* parece-nos o mais apropriado para designar este espaço, uma vez que se trata, efectivamente, de um espaço que antecede o espaço interior da igreja. Este apresenta muitas semelhanças com a plataforma que existia, mas que tinha sido destruída por altura das ocupações fabris. Estava levantado sete metros da rua, permitindo fazer a entrada no edifício. Cobria o estacionamento subterrâneo, com três pisos (-1, -2, -3), com área para trezentos veículos, com acesso por uma rampa.

Existiria um acesso, com uma escadaria, independente para a igreja e outra para o *adro*, que por sua vez se conectava com a entrada do edifício. A segunda escadaria era idêntica à original, de 1602. Supomos que, como houve um levantamento métrico do edifício, antes do projeto, por parte destes arquitetos, saberiam da existência desta. Desconhecemos ter existido o mesmo processo nos outros arquitetos. Desta forma, acreditamos que, por esta razão,

⁸⁶ O termo “adro” foi utilizado pelos Arquitetos Fernando e José Bernardo Távora, quando se referiam à plataforma.

Segundo o dicionário, o termo “adro” designa “um terreno em frente ou à volta da igreja” in Almeida Costa, J. Sampaio e Melo, A. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1992, página 41.

Ou ainda “compartimento quadrado da casa, logo após o ingresso e o vestibulo” in Machado, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* : com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, 5ª edição, página 116.

são os únicos a propor um desenho semelhante à escadaria original. A entrada do edifício é feita no extremo oposto à escadaria, a nordeste do edifício. Esta entrada caracterizava-se por ser uma edificação nova, que continha um amplo vestíbulo de recepção e elementos de acesso vertical como escadas e elevadores (estes últimos percorriam os três pisos do edifício já existente e os três pisos do estacionamento subterrâneo). A segunda entrada que faz o acesso ao edifício situa-se num piso superior (piso 1), a norte deste, junto ao jardim formal.

Assim, no piso 0, do edifício do convento, estão presentes a entrada principal e recepção, direcção e administração, escada, elevadores e sanitários, cozinha e áreas de serviço; no piso 1 estão presentes a recepção, escadas, elevadores e sanitários, bar, restaurante, sala de exposições, pequeno auditório (120 lugares) e grande auditório (750 lugares); no piso 2 estão presentes os elevadores, escadas, sanitários, sala de reunião e sala de exposições, nova sacristia e escadas.

Não existia no programa nada que previsse a morfologia dos espaços interiores do convento, sendo que os arquitetos optaram por manter a maior parte das conformações dos espaços interiores são herdadas da ocupação fabril. A apropriação do espaço conventual pela fábrica assemelha-se em muito ao programa proposto pela Câmara Municipal de Coimbra. Desta forma, as naves amplas, onde outrora se encontravam a estrutura celular, existentes nos séculos XIX e XX, são encontradas de novo no projeto. Embora não consigamos afirmar que o escoramento da estrutura continuasse a ser feito em perfis metálicos em ferro, lemos nós a partir dos desenhos que a disposição no espaço dos pilares continua a ser a mesma. Uma outra memória da ocupação fabril foi mantida, a chaminé.



Imagem 14- O Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto João Luís Carrilho da Graça. O exterior [autor desconhecido]; [ano da publicação, 2018].

III. Sobre a intervenção no Convento de S. Francisco (Arq. J. L. Carrilho da Graça, 1998-2016)

III.1 Uma primeira resposta ao concurso proposto pela Câmara Municipal de Coimbra

À semelhança das restantes propostas referidas no capítulo anterior, também a proposta de João Luís Carrilho da Graça pretende, por um lado, ter em conta as preocupações com a inserção do edifício na cidade, por outro lado, a manutenção do mesmo.

A intervenção no edifício conventual tem como objetivo apagar as modificações coetâneas da ocupação fabril, trazendo de volta a estrutura original,

"Em resumo, há o restauro do edifício existente, a construção da sala, do estacionamento e o sentido de conjunto que tudo isto vai fazer."⁸⁷

O arquiteto Carrilho da Graça revela, na frase anterior, a preocupação que as várias partes que compõem a intervenção fizessem sentido juntas. Revela a importância de conectar os vários fragmentos da intervenção, sejam os já existentes, como o volume do convento, ou os novos volumes, como o auditório e o estacionamento.

Quando perguntado qual foi o fio condutor que utilizou para intervir no Convento de São Francisco, Carrilho da Graça responde:

"O da paisagem. O projeto parece que emana directamente deste conjunto de conceitos. Um conjunto monumental fortíssimo, o Rio Mondego, a cidade do outro lado, aquela costa."

⁸⁷ Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Luís Carrilho da Graça in <http://anabelamotaribeiro.pt/joao-luis-carrilho-da-graca-115979> - consultado a 4 de outubro de 2017, 11:45h.

Parece-nos que o Arquiteto acreditava que o mais importante nesta intervenção é a colocação do edifício na paisagem e a sua envolvente. Este aspeto havia sido fortemente deturpado, cerca de um século antes das intervenções. Por este motivo, optou por intervir o menos possível no edificado existente e propôs um edifício novo, com uma geometria simples.

O processo de valorização do Convento de São Francisco de Coimbra teve um desenvolvimento bastante atribulado e que se arrastou por cerca de dezoito anos. Por este motivo, foram várias as versões apresentadas à recuperação do convento.

Sobre a primeira resposta do Arquiteto Carrilho da Graça ao concurso pouco se sabe⁸⁸. Contudo, através da leitura de alguns documentos é possível perceber, que existiam algumas diferenças, com o que foi, mais tarde, efectivamente construído.

A primeira proposta, à semelhança de outras, tencionava uma série de intervenções, para além da recuperação do Convento de São Francisco, que não foram realizadas, tais como: a variante à Avenida João das Regras/Pedestrianização do eixo Ponte de Santa Clara/Convento de São Francisco e o remate do Parque Desportivo. Não havendo notícia nos documentos escritos, pela Câmara Municipal de Coimbra, de que o projeto do arquiteto não respondia à totalidade do programa, podemos assumir que existiria uma resposta ao programa sugerido.

Numa publicação que faz uma leitura do projeto do arquiteto Carrilho da Graça numa fase inicial, temos a notícia de como era o auditório,

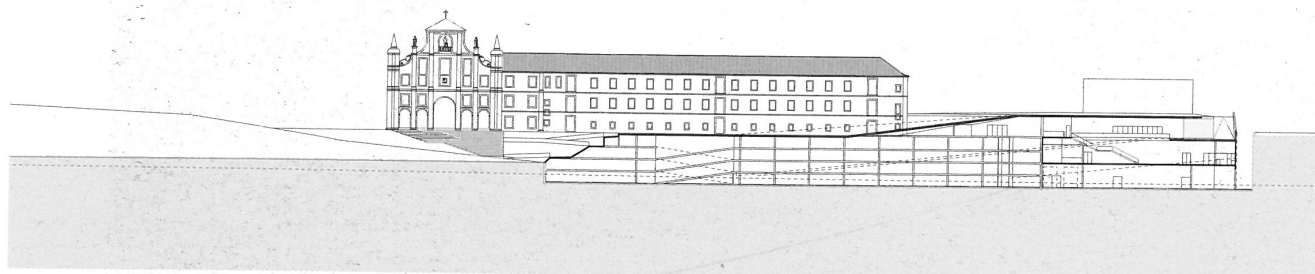
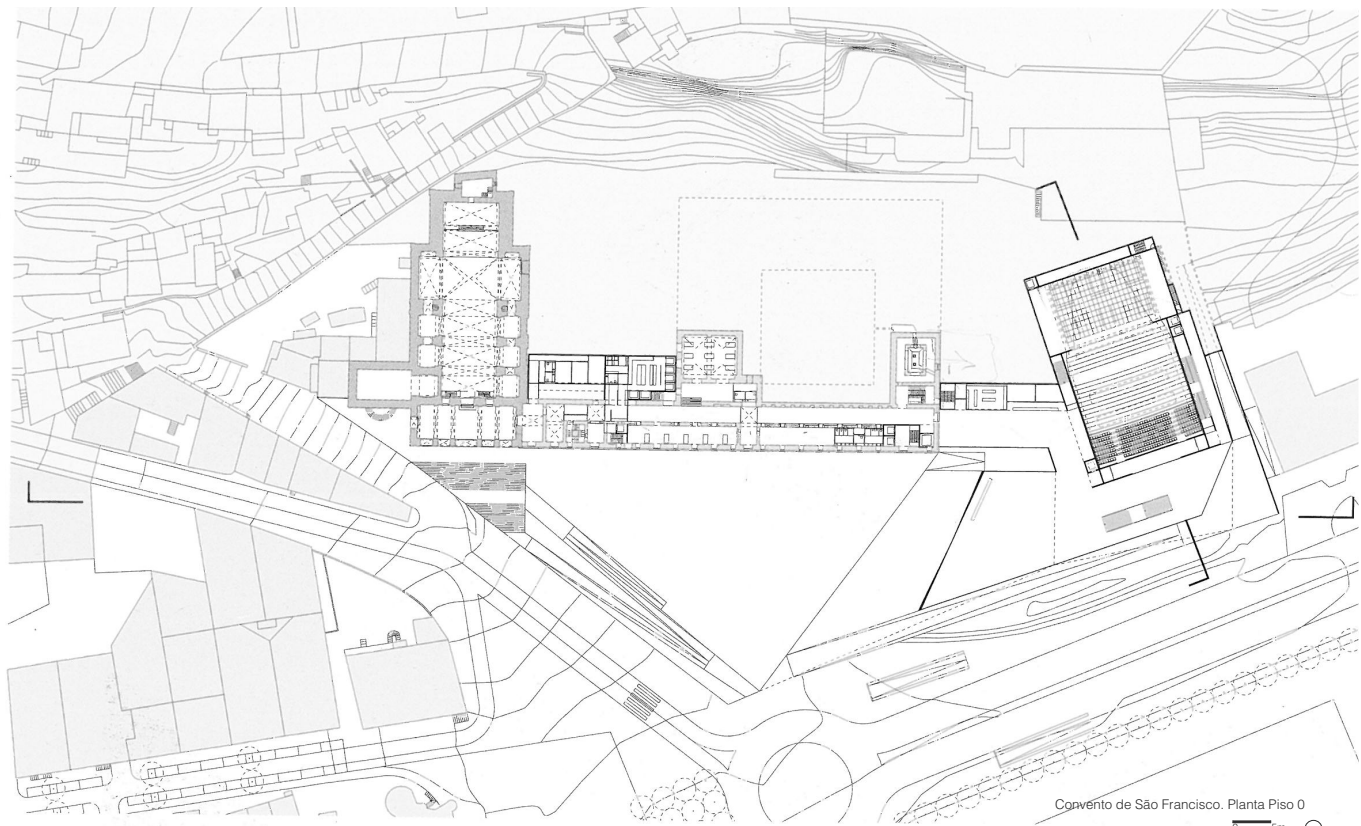
*Inizialmente, nella proposta di concorso, la sala congressi occupava un vuoto, esistente tra la chiesa e il convento, con la stessa misura del chiostro.”⁸⁹.

Desta forma, este excerto demonstra que este novo volume se implantava no local sugerido pela Câmara Municipal de Coimbra. O auditório construído localiza-se a norte do complexo conventual, no mesmo lugar proposto pela dupla Reichen & Robert Architectes e Mário Bento.

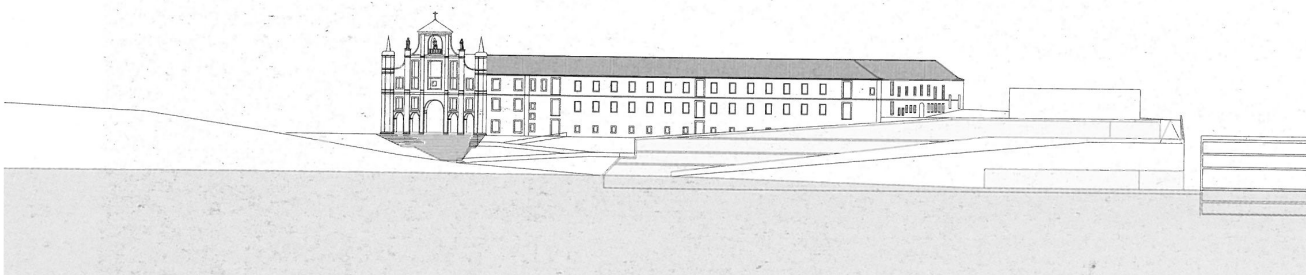
Através, da leitura de certos documentos é possível revisitar o primeiro projeto do arquiteto. Contudo, não é do nosso conhecimento a razão pelas mudanças no projeto e pela desistência da elaboração de certas partes, que constituíam o programa.

⁸⁸ As plantas e a memória descritiva, correspondentes à primeira fase do concurso da autoria do Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, não nos foram facultadas nem pelo seu autor, nem pela Câmara Municipal de Coimbra.

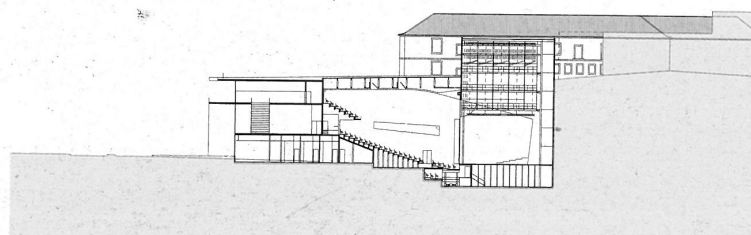
⁸⁹ Albiero, Roberta, Simone, Rita. João Luis Carrilho da Graça: opere e progetti. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003), página 128.



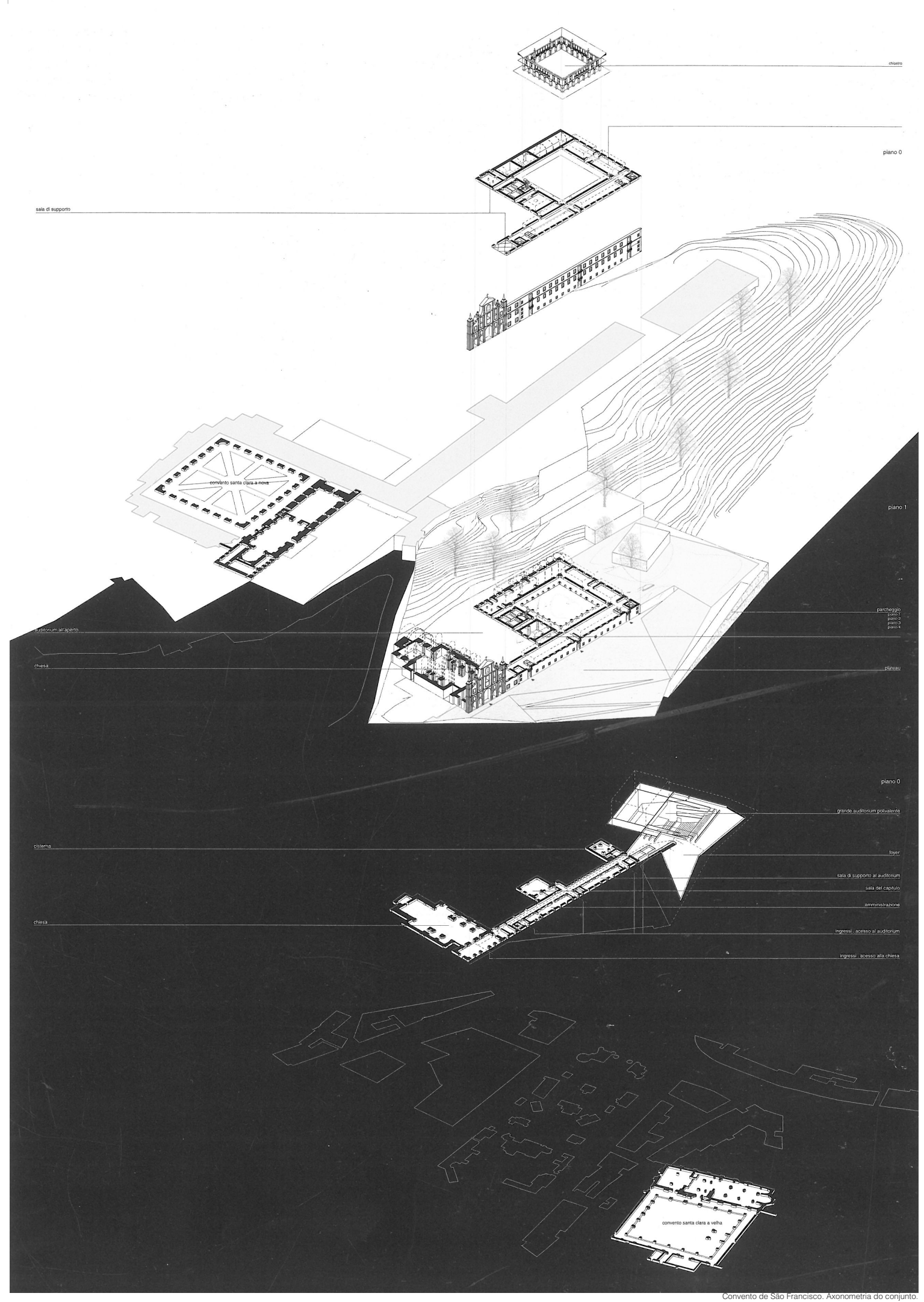
Convento de São Francisco. Corte pelo estacionamento subterrâneo.



Convento de São Francisco. Alçado Principal.



Convento de São Francisco. Corte pelo auditório.



III.II. Da segunda proposta (publicada em 2003) até à conclusão da obra (2016

Temos notícia da segunda proposta de intervenção no Convento de São Francisco, quando esta é publicada em 2003⁹⁰, numa monografia inteiramente dedicada ao Arquiteto João Luís Carrilho da Graça. Desde a data da publicação até à conclusão da obra, em 2016, passaram-se treze anos. Embora tenha passado algum tempo, não são muitas as diferenças entre as duas versões de intervenção no convento. Deste modo, as principais diferenças entre as várias propostas, apresentadas pelo Arquiteto, encontram-se, sobretudo, no volume do auditório e no espaço público exterior do convento.

Começando pela análise do espaço público exterior e da inserção do edifício no lugar, na segunda proposta, estão presentes algumas ideias, que irão ser desenvolvidas no projeto.

Ao nível da inserção urbana do edifício no lugar, conseguimos perceber que esta mantém a sua posição ativa, na relação com o território, sobretudo o mais próximo. Embora o assunto das cheias do rio estivessem relativamente resolvidas, no final do século XX, o alteamento da plataforma permite ao edifício uma maior resistência a estas catástrofes naturais.

⁹⁰ A segunda proposta do projeto é publicada em 2003 em Albiero, Roberta; Simone, Rita. *João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti*. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003), páginas 128 até à 131.

De frisar que, as cotas que vão desde o Rio Mondego até ao sopé do Monte da Esperança são muito constantes, não existindo grandes variações altimétricas. Deste modo, as cotas começam a subir no local onde o convento franciscano se implanta, prosseguindo até à implantação do Convento de Santa Clara-a-Nova. O facto de o arquiteto ter voltado a levantar a plataforma, como ela existiria anteriormente à ocupação fabril, recupera o distanciamento do complexo conventual ao meio urbano, onde este se insere. Desta forma, o arquiteto projeta uma nova plataforma alteada, referindo-se a ela com o termo “praça”⁹¹, encontrando-se o edifício elevado perante a cidade que se desenvolve a este dele, encimado pelo novo convento das Clarissas. O termo “praça” define um espaço com carácter público, que possa abrigar ou não, eventos com cariz recreativo. Interessante perceber que o arquiteto usou este termo para definir aquele espaço, ao invés de utilizar o vocábulo “plataforma”, que consta no programa proposta pela Câmara Municipal de Coimbra. Demonstra que tinha a intenção de desenhar e projetar algo mais do que uma simples plataforma⁹², que apenas designa um espaço alteado, na relação com outro. Queria criar e oferecer à cidade algo com mais significado,

“No Convento de São Francisco há uma praça que fica aberta à cidade, virada para o Rio Mondego, com uma vista bonita”⁹³

Sabendo da intenção do programa proposto de criar uma praça, um espaço de estar virado para a cidade, é necessário criar e garantir acessibilidades para que esta possa ser vivida. São desenhadas uma série de percursos em rampa, que estabeleçam a ligação entre a Avenida da Guarda Inglesa, a Rua Carlos Alberto Pinto de Abreu e a nova praça.

Em relação à frente urbana da Rua Carlos Alberto Pinto de Abreu, são desenhadas uma série de rampas, que estabeleçam a ligação entre esta rua e a praça. É também nesta fachada que se efectua a entrada para a igreja do convento, onde são desenhadas umas escadas semelhantes às que existiriam antes da ocupação fabril. A frente urbana da Avenida da Guarda Inglesa é rematada por um percurso em rampa, que permite fazer a ligação entre o espaço urbano e o espaço exterior ao auditório, havendo a possibilidade de aceder ao interior do mesmo. Seria uma forma de facilitar o acesso dos utilizadores do Centro Cultural ao

⁹¹ O termo “praça” foi utilizado pelo Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, quando este se referia à plataforma.

Segundo o dicionário, o termo “praça” designa “um lugar espaço público e espaçoso rodeado de edifícios; rossio; mercado;(...)” in Almeida Costa, J., Sampaio e Melo, A. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1992, página 1323. Ou ainda “grande rua; praça pública; pátio” in Machado, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa* : com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, 5ª edição, páginas 412 e 413.

⁹² Segundo o dicionário, o termo “plataforma” pode ser sinónimo do termo “terraço”, contudo pressupõe um alteamento sobre algo. Almeida Costa, J., Sampaio e Melo, A. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1992, página 1296.

⁹³ Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Luís Carrilho da Graça in <http://anabelamotaribeiro.pt/joao-luis-carrilho-da-graca-115979> - consultado a 4 de outubro de 2017, 11:45h.

auditório. De ressaltar que a cota do auditório, não é a mesma que a da plataforma. Portanto, não havia ligação direta entre os dois espaços exteriores.

Conforme referido anteriormente, a plataforma que existia no tempo de vida dos frades franciscanos foi retirada. Com a imposição, por parte do programa, de desenhar uma praça elevada, foi necessário construir uma nova. Deste modo, foi desenhado um grande embasamento, à mesma cota do original (à cota do piso térreo do complexo conventual), na frente do edifício. Esta plataforma continha os pisos de estacionamento sugeridos. A partir desta plataforma desenvolviam-se os três pisos do convento.

Outra das grandes diferenças em planta, entre as várias fases do projeto, prende-se com o desenho do volume do auditório. Inicialmente, conforme referido anteriormente, na primeira resposta ao concurso em 1998, sabemos que este se situava no terreno entre a igreja e o claustro. No projeto publicado em 2003, o volume do auditório posiciona-se no terreno a norte do convento. O comprimento deste mesmo volume orientava-se perpendicularmente em relação ao embasamento, consequentemente também à Avenida da Guarda Inglesa. Na última proposta, que foi construída, podemos observar que o comprimento do volume se encontrava paralelo ao eixo definido pela avenida e pelo embasamento proposto.

O volume do auditório encontrava-se então, a norte do complexo conventual, apresentando uma forma rectangular. Haveria duas formas de aceder a este novo volume: exteriormente, pelo seu terreiro, a uma cota mais elevada; e acedendo pelo interior do convento.

Quanto à fachada principal, a ideia é manter a mesma morfologia presente no convento. Contudo, o novo embasamento surge com algumas diferenças relativamente ao existente, proporcionando sentidos de espacialidade diferentes, quando o observamos. Este avança para além do seu antigo limite, onde as escadas que já existiam, que se alinhavam visualmente com o compartimento da portaria, foram retiradas.

Quanto aos espaços interiores, através da sua análise, verificamos que existem poucas alterações, relativamente às plantas, correspondentes à ocupação anterior do convento. A adaptação do programa ao edifício é facilitada pelas intervenções coetâneas à ocupação fabril. Por este motivo, a morfologia dos espaços foi mantida. Contudo, é no desenho dos elementos novos, como o volume do auditório e a sua interligação com o existente, que se encontram as principais diferenças. Entre o novo volume e o edifício conventual, é desenhado um corredor, que permite ligar os dois espaços, com algumas dependências de apoio. No terreno entre a igreja e o claustro surge também o desenho de um novo volume, colado ao volume existente do convento. Este novo volume contém dependências de apoio ao funcionamento do convento.



Figura 15- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. Inserção do edifício na cidade. [autor desconhecido]; [ano da publicação, 2017].



Imagem 16- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A praça.

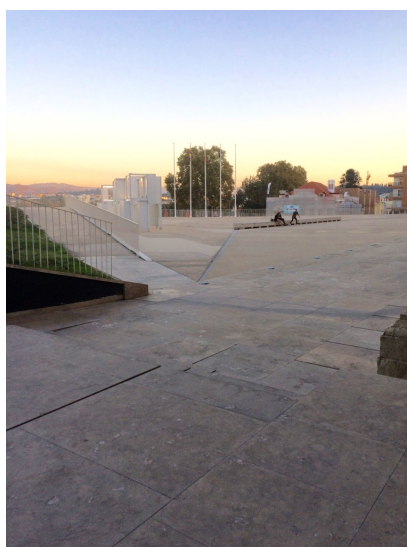


Imagem 17- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A praça.

A proposta final acabou de ser construída em 2016. Alguns anos se passaram desde o concurso realizado pela Câmara Municipal de Coimbra. Passados todos estes anos, conseguimos perceber como todo o projeto que abrangia a recuperação do Convento de São Francisco de Coimbra e a sua área envolvente era promissor, ambicioso e em como pretendia e promovia a ideia de que iria revolucionar a cidade, em concreto a margem poente do rio. Como em tanto outros projetos, não foi realizado na sua totalidade. Não sabemos os motivos pela desistência da transformação da área envolvente do convento. Contudo, entendemos que todo este processo foi muito complexo e demorado, e que, talvez por esse motivo, se tiveram de fazer escolhas.

Assim, no projeto final, realizado pelo Arquiteto João Luís Carrilho da Graça, apenas se efectuou a recuperação do Convento de São Francisco. Todavia, mais importante do que a reabilitação do edifício em si, foi a inserção do edifício no lugar. O arquiteto escreve sobre a importância dos edifícios, em especial dos que projeta ou recupera, terem de criar relações com o tecido urbano,

"(...)a possibilidade de criar relações significativas com o território, entendido em sentido lato, tem sido talvez a principal referência que os meus projectos procuram construir. Refiro território com o sentido de suporte, de invariância que acolhe a nossa presença e que já está por ela marcada."⁹⁴

Como já referimos anteriormente, a forma como o edifício se relacionava com a cidade, sobretudo o piso térreo, foi grandemente deturpada no tempo da ocupação fabril. Embora, consideremos que nenhum tempo da história do edifício deva prevalecer sobre outro, era solicitado no programa que regressasse a mesma ideia, construída no tempo da apropriação franciscana, de colocação do volume edificado no tecido urbano.

Desta forma, o espaço exterior ao edifício foi redesenhado e repensado de forma a responder ao novo programa. Este encontra-se dividido em dois níveis: um primeiro, à cota do piso térreo do complexo conventual, a que o arquiteto designou de *praça* e, um segundo, à cota do novo volume do auditório. O segundo espaço exterior teria de ser ajardinado, segundo o programa proposto, e o seu acesso far-se-ia através da praça, por um percurso em rampa. Tal como na proposta anterior do arquiteto, a nova praça, com vista para a cidade, elevou-se perante a Avenida da Guarda Inglesa. Desta forma, os acessos fazem-se através de um percurso em rampas, que se encontram a sudeste do edifício, e, ainda, por umas escadas. Estas escadas foram redesenhadas, não havendo semelhanças entre estas e as originais de

⁹⁴ Graça, Carrilho. *A Arquitetura é perigosa*. Lisboa:1994 in Exposição "Carrilho da Graça: Lisboa". Curadoria Marta Sequeira e Susana Rato. Bookpress. Garagem-Sul, Centro Cultura de Belém, Lisboa: 2015, página 11.



Figura 18- O Paço das Escolas, em Coimbra.



Figura 19- O Convento de São Francisco. O exterior.



Figura 20- O Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra. O exterior.
[autor desconhecido]; [ano da publicação, 2014].



Figura 21- Teatro e Auditório de Poitiers, em França. O exterior.
[Fernando Guerra e Sérgio Guerra]; [ano da publicação, 2012].

1602. A nova escadaria encontra-se em frente à fachada da igreja e o seu principal objetivo é efectuar o acesso à igreja. As antigas escadas localizavam-se em frente à plataforma, no alinhamento da portaria⁹⁵.

O novo terreiro é bastante importante para o edifício, uma vez que funciona como uma praça, que pretende ser um espaço de reunião, de encontro. Como o autor do projeto refere, esta praça pretende ir buscar a mesma génese das outras praças presentes na cidade,

"Já desde da altura do concurso, que eu me lembro de estar a pensar que o edifício existia mas que aquele maravilhoso embasamento ou aquela praça alta que existe, por exemplo, no edifício da universidade ou outras que nós temos em Coimbra, era extremamente interessante aqui."⁹⁶

onde, o espaço de convívio e de admiração e contemplação da cidade, estão presentes. Duas importantes "praças" na cidade que se viram para a paisagem são a praça do Paço das Escolas, junto da Reitoria da Universidade de Coimbra e, ainda, o espaço exterior do Museu Nacional de Machado de Castro. Ambos os projetos foram desenhados pelo Arquiteto Byrne.

O Paço da Escolas foi mandado construir por D. Dinis, no século XIII⁹⁷. Só no século XVI, se instala definitivamente a Universidade de Coimbra, no referido local. O projeto de Byrne data de 1999 e trata, sobretudo, do espaço exterior ao paço. A requalificação daquele grande espaço, que à data era tratado como estacionamento para automóveis, foi a principal tarefa do arquiteto. No fundo, o exercício de projeto entre Gonçalo Byrne e Carrilho da Graça foi o mesmo, uma vez que tiveram a responsabilidade de recuperar os espaços para a mesma função, que eles originalmente foram projetados. Deste modo, a tarefa do arquiteto foi recuperar o carácter de espaço público de estar, que entretanto aquele espaço tinha perdido.

O Museu Nacional de Machado de Castro teve origem na construção, no século XII, de um paço e de uma igreja sob antigas estruturas romanas⁹⁸, que existiam na cidade de Coimbra. Já em 2012, o museu é aberto, depois da intervenção do arquiteto Gonçalo Byrne. A sua intervenção prende-se com a recuperação do edifício existente, mas também pelo acrescento de novo edificado. O arquiteto projeta uma série de edifícios novos, entre eles uma

⁹⁵ "Dava acesso à igreja uma escadaria dupla, paralela ao adro." Correia, Vergílio, Gonçalves, Nogueira. *Inventário Artístico de Portugal Cidade de Coimbra*, Vol. II. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947, página 91.

⁹⁶ Carrilho da Graça, João Luis. "700+25 Arquitectura na Cidade", Ano Zero, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra in <https://www.youtube.com/watch?v=r242b0-ajZ0>, Coimbra, outubro de 2015, consultado a 4 de outubro de 2017.

⁹⁷ "Séc. 13, final - construção do Paço por D. Dinis;" in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2716, consultado a 12 de setembro de 2018, às 15:16h.

⁹⁸ "Séc. 12 - Origem do Paço e da igreja de São João de Almedina sob antigas estruturas romanas;" in http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=5683, consultado a 12 de setembro de 2018, às 15:16h.



Figura 22- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A fachada principal.



Figura 23- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. O existente e o novo.



Figura 24- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. O volume do auditório.

cafeteria com uma esplanada, com vista para a cidade. Neste projeto, o seu autor combina os conceitos de praça e esplanada.

O Teatro Poitiers⁹⁹, da autoria do arquiteto Carrilho da Graça, trata de temas, relacionados com a inserção do edifício no território, com algumas semelhanças ao Convento de São Francisco de Coimbra. Para além do programa entre os dois projetos ser muito parecido, as suas topografias também apresentam similitudes. No projeto do teatro, Carrilho da Graça desenha uma nova praça com vista para a cidade, a uma cota superior a esta. Através da utilização do mesmo material, que existia nos edifícios da cidade, o calcário, o arquiteto propõe uma continuidade entre a cidade e este novo espaço de estar. A mesma ideia de oferecer um espaço contemplativo da cidade está presente nos dois projetos.

O volume do auditório posiciona-se de forma paralela ao eixo definido pela Avenida da Guarda Inglesa e pelo limite da plataforma projetada. O auditório acompanha o edifício conventual nos três pisos, para além dos pisos subterrâneos que contém. Através da análise das plantas, é possível perceber que o volume do auditório que foi construído tem dimensões mais pequenas do que o auditório previsto na versão do projeto, publicado em 2003. Sabemos que estava determinada a área total do auditório no programa. Contudo, a sua área poderia oscilar, uma vez que todos os candidatos desenharam auditórios com diferentes dimensões.

A fachada principal do Convento de São Francisco manteve-se com a mesma morfologia, recuperando a mesma imagem de fachada de quando foi construída, no século XVII. Contudo, o arquiteto quando desenhou uma nova fachada, utilizando a topografia e o volume do estacionamento, alterou a colocação do edifício conventual na paisagem. Este novo desenho impossibilita ao observador, colocado na Avenida da Guarda Inglesa, de visualizar a fachada principal do convento. A ideia foi utilizar a topografia do território, partindo dela, para a colocação de programa, uma vez que se encontra, aqui, os pisos de estacionamento do centro cultural. A nova fachada apresenta a mesma altura que a praça superior. Pela sua escala, que corresponde a quatro pisos, funciona como um novo edifício que estabelece a mais rápida conexão com a cidade, desenhando uma frente urbana que não existia. Este novo edifício ambiciona, por um lado conter o estacionamento previsto, criando uma nova praça, que se vira para a cidade; e por outro criar uma nova escala para a avenida, uma vez que, a altura deste novo volume é muito semelhante aos edifícios presentes nela. De ressaltar que, quando observamos o edifício sob o ponto de vista da Avenida João das Regras, não temos a mesma

⁹⁹ Carrilho da Graça projetou e construiu o Teatro e Auditório de Poitiers, entre 2003 e 2008, em Poitiers, França.



Figura 25- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A entrada.



Figura 26- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. O corredor interior (Piso 0).



Figura 27- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A Sala Conventual.
[Carlos Gomes]; [ano da publicação, 2017].



Figura 28- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A Sala D. Dinis.
[Carlos Gomes]; [ano da publicação, 2017].

leitura, visto que o novo volume termina e conseguimos visualizar a fachada do convento.

Não foi só com a presença deste novo edifício que a apresentação da fachada do convento, no território, se alterou. Com a construção do novo volume do auditório no terreno a norte do convento, este pretende claramente afirmar-se na paisagem. Se assim não o fosse, estaria implantado no local sugerido pela Câmara Municipal de Coimbra, escondido atrás do volume do convento. Como este novo volume apresenta a mesma altura que o resto do complexo conventual, dá a sensação de ser um prolongamento do edifício existente, como se os dois formassem um só volume. Esta junção dos dois volumes rivaliza também com a presença do Convento de Santa Clara-a-Nova, localizado alguns metros acima, na paisagem. De facto, a implantação do auditório não perturba e não é evasivo na leitura do Convento de São Francisco.

A entrada para o edifício é realizada em dois momentos, à cota do terreiro principal. O primeiro, junto à galilé da igreja, onde outrora fora a portaria. A segunda entrada encontra-se num ponto entre o complexo conventual e o auditório. O espaço que se segue a esta entrada, tem a função de estabelecer a relação entre o novo edifício e o antigo edifício. Por aqui, podemos aceder ao corredor que acede às dependências conventuais, à igreja e ao auditório.

Ao nível dos interiores, conforme já foi referido, a estrutura espacial foi mantida. O Convento de São Francisco, após a sua recuperação, possui dez salas, que possibilitam a realização de eventos e de exposições: a Sala Aeminiun, a Sala Almedina, a Sala Centro, a Sala Conventual, a Sala D. Dinis, a Sala D. Pedro, a Sala D. Inês de Castro, a Sala Mondego, a Sala Sofia e, por último, a Sala Terceira.

Em suma, a intervenção do Arquitecto João Luís Carrilho da Graça pretende evidenciar a estrutura original do edifício, enquanto este existiu como convento, esquecendo as memórias de um século e meio de ocupação fabril. Segundo o arquiteto, muitos dos elementos que marcaram esta última ocupação do convento já teriam sido retiradas, aquando da sua intervenção¹⁰⁰. Portanto, quando começou a sua intervenção, os vestígios fabris já teriam sido retirados. Parece-nos que o arquiteto se referia ao equipamento fabril, que poderia existir nas instalações do convento, visto que o que resta deste passado e, que ainda podemos encontrar, é a morfologia dos espaços, que foi mantida, por se conseguir adaptar facilmente ao programa. Através da análise das restantes propostas, no terceiro capítulo, vimos que estas marcas foram mantidas e respeitadas, no projeto dos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora.

¹⁰⁰ "Quando comecei a minha intervenção já tinham retirado essas marcas industriais." Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Luís Carrilho da Graça, realizada em 2008, <http://anabelamotaribeiro.pt/joao-luis-carrilho-da-graca-115979>, consultado a 4 de outubro de 2017, 11:45h.



Figura 29- O Convento de São Francisco antes da intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A fachada principal. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecido].



Figura 30- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. As rampas de acesso.



Figura 31- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. As escadas que fazem o acesso à igreja do convento e à praça.

Uma das grandes marcas da ocupação fabril foi a destruição da plataforma existente. Através da análise de fotografias, tiradas após o abandono do complexo conventual, é visível que as escadas que faziam o acesso à plataforma, tinham resistido. Contudo, encontravam-se em ruínas. O arquiteto Carrilho da Graça escolheu, portanto, retirar o que ainda restava e construir uma nova praça¹⁰¹.

A principal crítica que se pode colocar ao projeto de intervenção no convento do Arquitecto Carrilho da Graça é o desenho da nova plataforma, da sua inserção no meio urbano e do seu impacto neste. Embora, o desenho de uma nova plataforma tenha sido um pressuposto no programa para a reabilitação do convento, haveria muitas formas de a desenhar. Como o arquiteto conta, decide desenhar uma praça, que se vira para a cidade, referindo-se a ela como um ganho para a cidade e para o convento. De facto, sem esta plataforma era irrealizável o acesso ao convento. Para além do mais, a margem poente do Rio Mondego, à data do concurso, era escassa em espaços públicos de permanência, isto é, um local público de estar, um grande espaço de reunião a céu aberto. A pouco e pouco, este aspecto foi melhorando, com a forte investida da valorização da margem poente, que iniciou no século XX e que se tem prolongado até aos dias de hoje.

Sabemos que haviam vestígios da antiga plataforma, nomeadamente das escadas, que se encontrariam na frente do convento e que permitiam fazer o acesso a este. A antiga plataforma e os seus acessos estavam na memória das pessoas. Por este motivo, o seu desaparecimento mexeu com a recordação que as pessoas tinham desse lugar. Como Ruskin pergunta “Que recordam então os edifícios antigos?”¹⁰². Recordam as pessoas do seu tempo, são o espelho de como se pensava na época, são no fundo, o espelho de uma sociedade, “os edifícios do passado falam connosco, fazem-nos escutar vozes (...) que nos envolvem num diálogo.”¹⁰³. É precisamente este diálogo entre o passado e o presente, que foi arrancado à força da memória das pessoas.

John Ruskin acredita que o mais importante é preservar a memória do edifício, das pessoas. Uma intervenção num edifício pode apagar e acabar com toda a memória que se tinha dele. Este autor é um anti-intervencionista radical, isto é, não concorda que se façam intervenções em quaisquer edifícios, porque estes não nos pertencem, mas pertencem sim às

¹⁰¹ “Pensei que a existência de um grande embasamento fizesse uma espécie de praça relativamente vazia em frente do edifício, que era uma aquisição extraordinária para a cidade.” Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, “700+25 Arquitectura na Cidade”, Ano Zero, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra in <https://www.youtube.com/watch?v=r242b0-ajZ0>, consultado a 4 de outubro de 2017.

¹⁰²Ruskin, John. in Choay, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017, página 148.

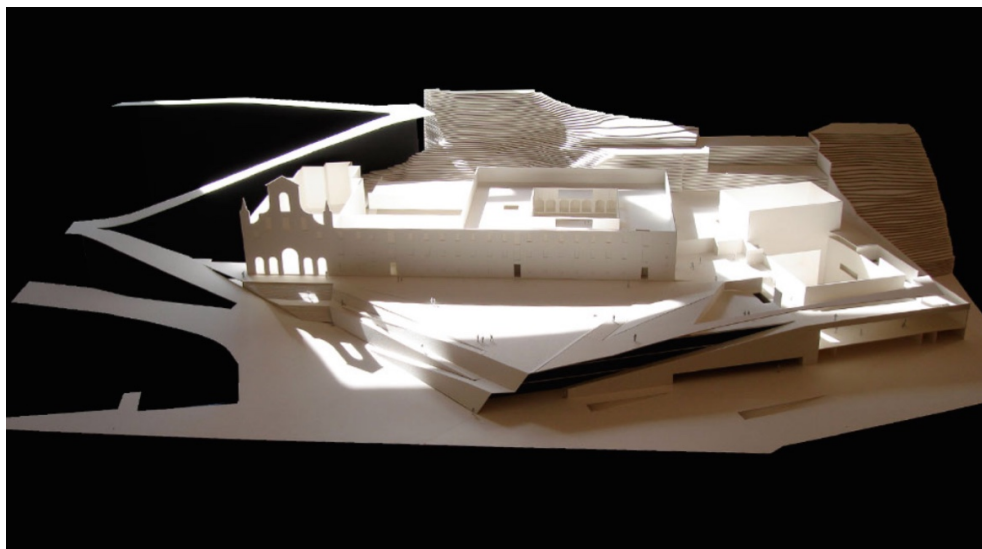
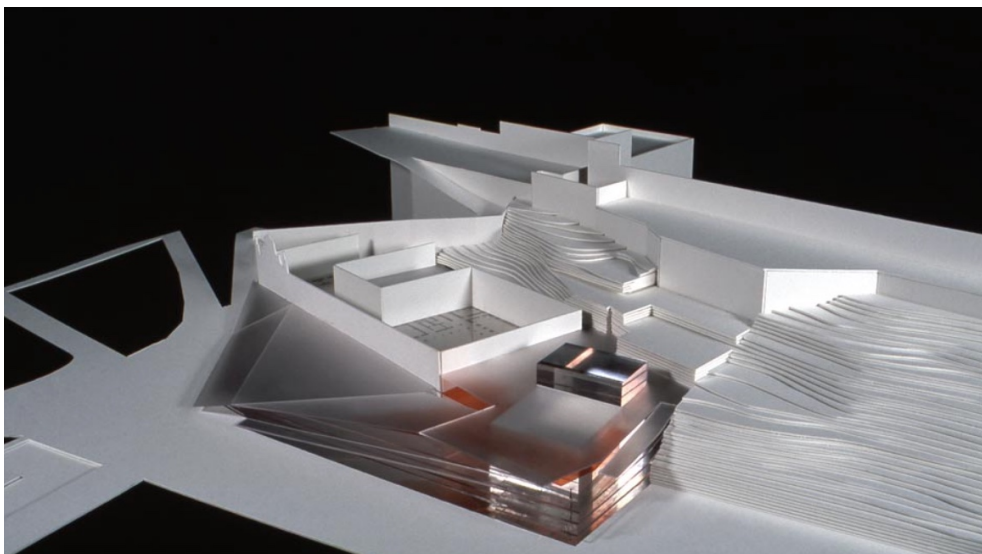
¹⁰³ *idem*.



Figura 32- O Convento de São Francisco antes da intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A fachada principal. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecido].



Figura 33- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. A fachada principal. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecido].



Figuras 34 e 35- O Convento de São Francisco após a intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça. Fotografias da maquete [autor desconhecido]; [ano da publicação, 2003].

peças do seu tempo. Enquanto pessoas “quase-arquitetos” entendemos que intervir num edifício possa ser vantajoso para este. Por este motivo, não concordamos inteiramente com a teoria anti-intervencionista de Ruskin. O Convento, à data das intervenções, estava abandonado, sendo que ou continuaria nesta posição ou seria intervencionado. Consideramos que, cada caso é um caso. Deste modo, as generalizações e o emprego desta teoria poderia prejudicar muitos edifícios. Contudo, compreendemos a ideia de conservação da memória do edifício. Poderia ter existido, por parte do arquiteto, alguma pesquisa e sensibilidade para o desenho da plataforma. A intervenção de Carrilho da Graça peca por não ter feito um estudo da história do convento e do lugar onde este se implanta, porque ainda que trouxe de volta a ideia de plataforma que faz o acesso ao convento, não respeitou os vestígios que existiam da antiga plataforma, desenhando e projetando uma nova.

Para além desta questão, poder-nos-emos debruçar sobre o desenho da nova plataforma e a sobre a forma como o seu desenho alterou um lugar e a percepção que temos dele. Já referimos, anteriormente, que o arquiteto alterou a colocação da fachada principal no território, quando projetou uma nova fachada. Esta nova fachada encontra-se à mesma cota da Avenida da Guarda Inglesa e tem a mesma altura que a praça desenhada pelo arquiteto. Parece-nos perspicaz a utilização da topografia do território para alojar programa. A questão aqui é a maneira como esta se apresenta, na sua relação com o meio envolvente. Embora, o arquiteto vá buscar a cota da altura de edifícios que se encontram perto, a nova fachada parece-nos fora de escala e deslocada da realidade do meio urbano, onde se encontra. O desenho desta nova fachada contribui também para o afastamento visual dos habitantes da cidade de Coimbra, retirando e modificando-lhes a memória que tinham do Convento.

Camilo Boito acredita que não se deveria intervir em edificado, mas sim tomar medidas preventivas para a salvaguarda do edifício, tais como a manutenção deste. Contudo, na maior parte dos casos, estas medidas preventivas nunca chegam a ser efectuadas ou apresentam falhas. Por esse motivo, as acções de recuperação tornam-se mais violentas. Quando é necessário intervir de uma forma mais relevante, o autor acredita que a nova intervenção deve distinguir-se da antiga. Supomos que, na intervenção do Arquitecto Carrilho da Graça, a razão para a transferência do auditório do terreno entre o claustro e a igreja, para o terreno a norte do complexo conventual, tinha que ver com este aspecto. O autor do projeto optou por distinguir a nova edificação da antiga, já existente, através dos materiais utilizados, pela sua morfologia.

Assim, compreendemos que, apesar de considerarmos que o desenho do novo volume do auditório não perturba a leitura do convento, as principais críticas que podemos fazer ao projeto do Arquiteto Carrilho da Graça têm que ver com a descontextualização do edifício do meio e da história, provocada pelo desenho do espaço público exterior e do volume do estacionamento.



Figura 36- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. O exterior.

IV. Projeto para a Igreja do Convento de São Francisco pelo Arquiteto Gonçalo Byrne (2009-2017)

O início do projeto para a Igreja do Convento de São Francisco deu-se em 2009, altura em que foi entregue ao Arquiteto Gonçalo Byrne, pela Diocese de Coimbra, a recuperação da mesma. Por esta altura, o complexo conventual estava entregue a duas entidades. Enquanto que o Convento tinha sido entregue, em 1996, à Câmara Municipal de Coimbra, a Igreja do Convento estava entregue, desde a mesma data, à Diocese de Coimbra. Em 2009, após a entrega do projeto de recuperação da Igreja ter sido entregue a Gonçalo Byrne, este imóvel passa a ser propriedade da Câmara Municipal de Coimbra.

O estudo prévio do projeto realizou-se entre 2009 e 2012, onde ocorreram trabalhos de levantamento e ainda escavações arqueológicas. Seguiu-se o projeto de licenciamento, prolongando-se até 2014. O projeto de execução e o consequente começo das obras de requalificação começaram no final de 2014 e estenderam-se até 2017.

A proposta de intervenção pretende dar resposta a atividades com um carácter social e cultural. Com a recuperação da Igreja do Convento pretende-se readquirir o património histórico do edifício. Como Nelson Correia Borges refere,

"A recuperação deste espaço é em grande parte a reparação de um erro do passado, o devolver à cidade e ao país uma peça do seu património artístico edificado, em si mesmo um alto valor cultural que emerge como uma moeda de ouro há muito perdida e finalmente reencontrada."¹⁰⁴

¹⁰⁴ Borges, Nelson Correia in Byrne, Gonçalo. *Projeto de Licenciamento, Memória Descritiva*. Lisboa, 14 de novembro de 2014, página 4.



Figura 37- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A nave principal para a capela-mor [Gonçalo Byrne]; [ano da publicação, 2017].



Figura 38- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A capela-mor. [Gonçalo Byrne]; [ano da publicação, 2017].



Figura 39- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A nave principal, [autor desconhecido]; [ano da publicação, 2017].

Isto é, a acção de recuperação da igreja, juntamente com a reabilitação dos restantes espaços do convento, desejam trazer de volta a vida que existiria anteriormente ao abandono do edifício, ocorrido no século XX. Assim, pretendia-se que a proposta apresentada se adaptasse à nova realidade existente, tanto à nova realidade metropolitana e territorial da cidade de Coimbra, como ao surgimento de um novo programa, a aplicar no edifício conventual.

O espaço que outrora estava reservado para acontecimentos religiosos é agora palco de espectáculos artísticos e culturais. O espaço da igreja conseguiu facilmente adaptar-se ao novo programa. Uma das principais características das igrejas que, embora não fossem da Companhia de Jesus, mas adoptaram o modelo jesuíta, é o desenho e a concepção de um espaço interior, como se este se tratasse de uma praça pública. Ao nível da volumetria, as igrejas apresentam-se como uma caixa, com a forma de um paralelepípedo. Este aspecto é facilmente compreendido na Igreja do Espírito Santo, em Évora, pela morfologia da sua planta, desenhada e projetada como uma grande salão. Com todas estas características, facilmente esta igreja poderia ser retirada do seu contexto da vida litúrgica, para um contexto recreativo. No Convento de São Francisco de Coimbra, conforme já visto anteriormente, o modelo de igreja não é exactamente igual. Contudo, este desenho de um grande salão, com uma nave principal ampla, conseguimos encontrar também no convento franciscano de Coimbra. A ideia é que o espaço da igreja tenha um carácter flexível, que possa ser mais polivalente.

Desta forma, o que se pretende é a conexão espacial entre a igreja e o convento, convertido, agora, num Centro Cultural. Pretende-se preservar e não violentar este espaço, conservando, o mais possível, as suas características originais. Como já foi referido em capítulos anteriores, este imóvel apresentava já algumas modificações, coetâneas da ocupação fabril, do século XIX e XX.

Assim, esta intervenção distingue-se da intervenção de João Luís Carrilho da Graça para o Convento de São Francisco, uma vez que esta última, para além das obras de reabilitação do convento, propunha ainda a criação de um novo espaço, um auditório. A intervenção do arquiteto Gonçalo Byrne pretende recuperar o espaço da igreja, tanto exterior como interiormente.

"Deste modo a proposta, (...), será orientada no sentido da recuperação dos elementos arquitectónicas existentes, sem contudo pretender a reconstituição integral dos elementos originais, ou a anulação completa das diferentes ocupações e intervenções que o edifício foi acolhendo, e sofrendo, ao longo da sua existência."¹⁰⁵

¹⁰⁵ Byrne, Gonçalo. Projeto de Licenciamento, *Memória Descritiva*. Lisboa, 2012, página 5.



Figura 40 - a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, antes da intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A fachada existente.[autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecida].



Figura 41- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A nova fachada. [Gonçalo Byrne]; [ano da publicação, 2017].



Figura 42- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, antes da intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. O nártex. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecida].

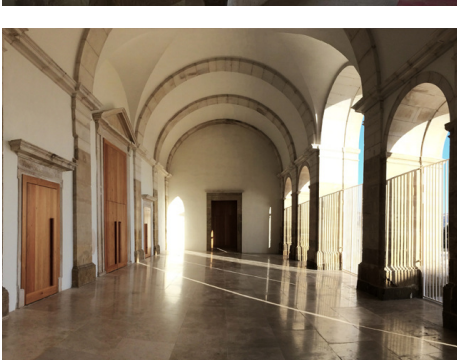
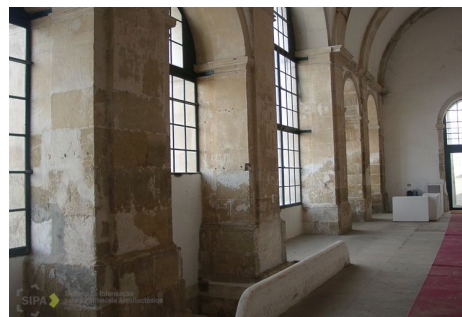


Figura 43- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, antes a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. O nártex. [autor desconhecido]; [ano da publicação desconhecida].

Figura 44- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. O nártex. [Gonçalo Byrne]; [ano da publicação, 2017].

Byrne apresenta, assim, uma postura diferente em relação ao seu projeto para o concurso do Convento de São Francisco. No projeto do arquiteto para a reabilitação do edifício conventual, este opta por retirar as marcas da ocupação fabril, uma vez que entende que o contexto original onde este outrora estava inserido, foi prejudicado¹⁰⁶. Contudo, no projeto para a recuperação da igreja do convento, o arquiteto toma a posição de restaurar os elementos existentes, sejam eles os originais ou as modificações, resultantes da apropriação do espaço, pela unidade fabril.

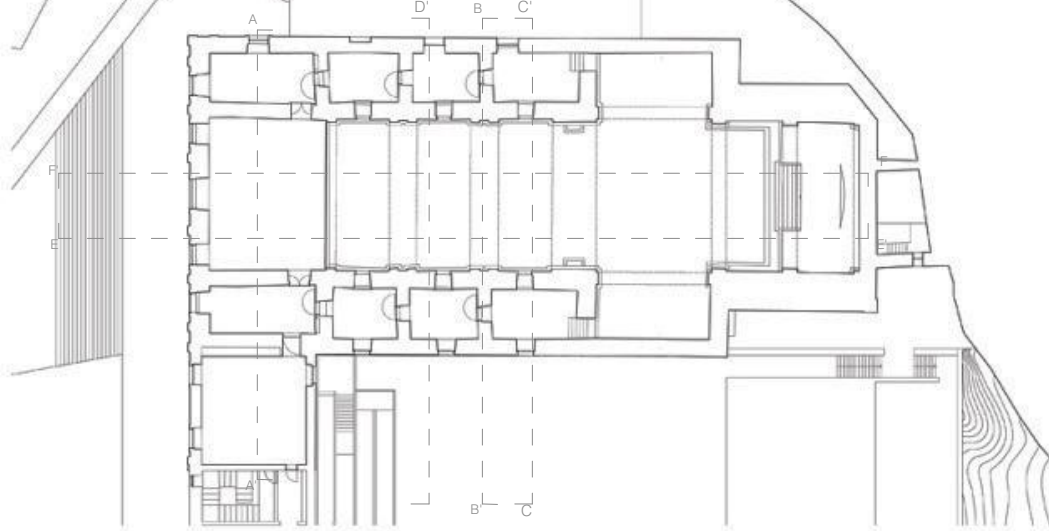
Como o processo de atribuição do projeto de recuperação da igreja não se processou da mesma forma que o projeto para o convento, apenas existe o projeto do atelier do Arquiteto Gonçalo Byrne. Por altura do início das obras na igreja, as obras do convento estariam já a finalizar. Assim, as questões que se prendiam com o acesso à igreja, já teriam sido resolvidas pelo Arquiteto Carrilho da Graça. Desta forma, o acesso à igreja fazia-se por umas escadas, desenhadas pelo arquiteto Carrilho da Graça. Segundo as leituras que realizámos, a escadaria que lá se encontrava em ruínas e que era o único acesso conhecido à plataforma e à igreja, foram retiradas. O Arquiteto responsável pelas obras no convento construí umas novas.

Na fachada principal, a intervenção pretende conciliar esta proposta com a proposta do arquiteto Carrilho da Graça, nomeadamente a reparação de rebocos, pintura de paramentos exteriores, limpeza e reparação de cantarias e estatuária e, ainda, a substituição de caixilhos.

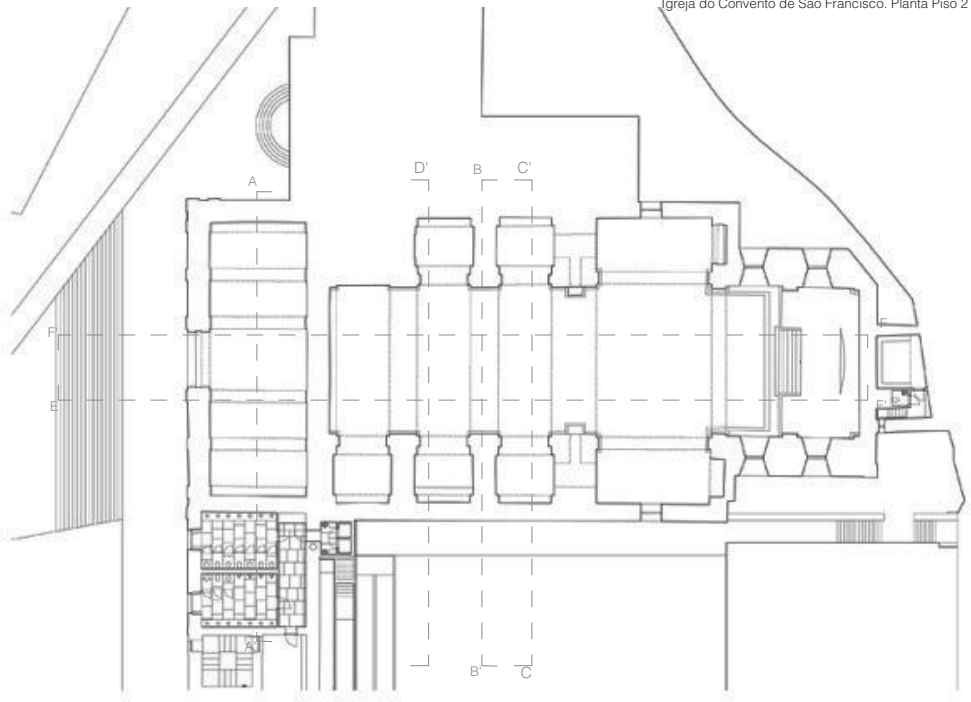
Pretende-se que o espaço do nártex volte a ser um espaço de mediação entre a rua e o espaço interior da igreja. Deste modo, é necessário retirar a caixilharia que existia e colocar um gradeamento. Este permitia manter a leitura original da fachada principal da igreja, impedindo o acesso ao nártex e, consequentemente à igreja. Foi colocado um pavimento sobre o pavimento existente, possibilitando a conservação do piso original. Foi retirado um sistema de rampas, que se encontrava a norte do nártex, e que fazia a ligação entre a igreja e o convento. Deste modo, continua a haver uma passagem, mas agora esta é efectuada com os pavimentos ao mesmo nível.

No interior do espaço da Igreja foi necessário substituir os rebocos das paredes, e proceder à limpeza de cantarias ou substituição destas, por se encontrarem danificadas. A proposta propõe, ainda, a remoção de vários elementos que nos remetem para a ocupação fabril e que não possuam grande valor patrimonial. Entre estes encontram-se, por exemplo, uma

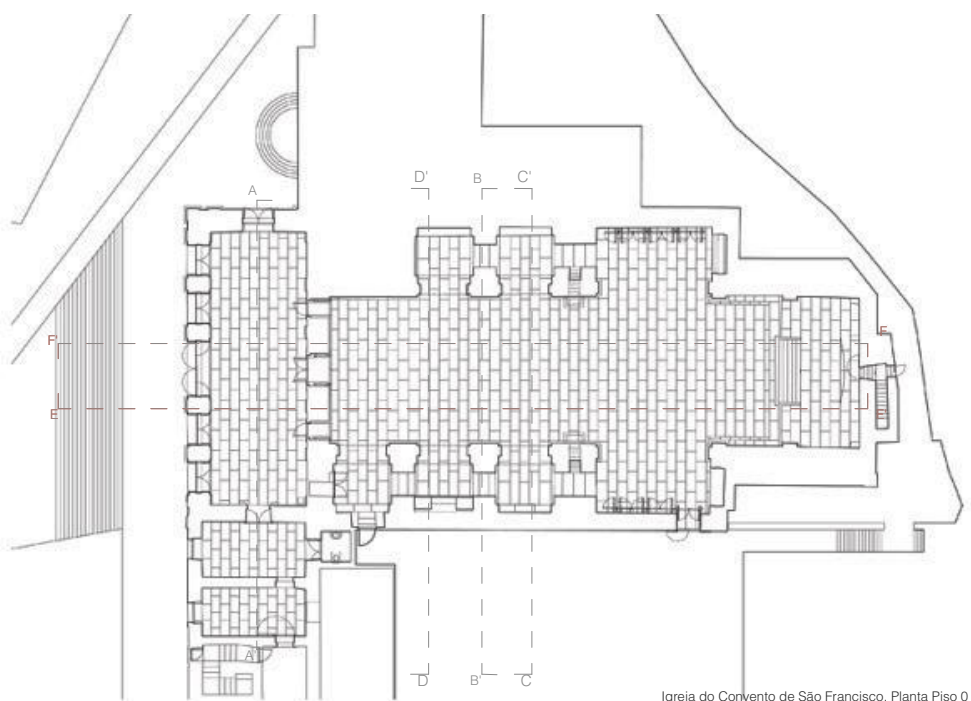
¹⁰⁶ "Trata-se de um imponente complexo patrimonial, hoje sem força e sobretudo enfraquecido na sua majestade hierática pela eliminação do contexto original, ou pela focalização de intervenções urbanas mais recentes", Angelillo, Antonio, Solà-Morales, Ignasi de, Portas, Nuno. *Gonçalo Byrne : opere e progetti*. Milano: Electa, 2006, 3ª edição, página 152.



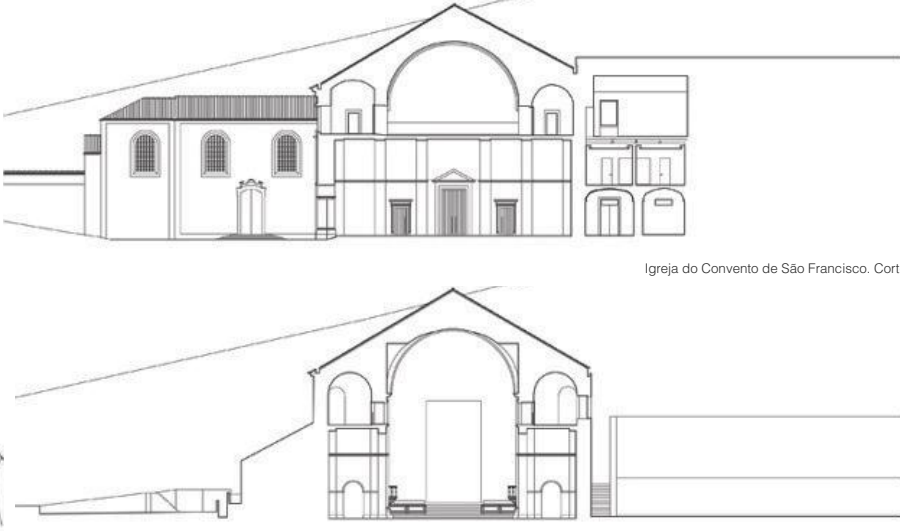
Igreja do Convento de São Francisco. Planta Piso 2



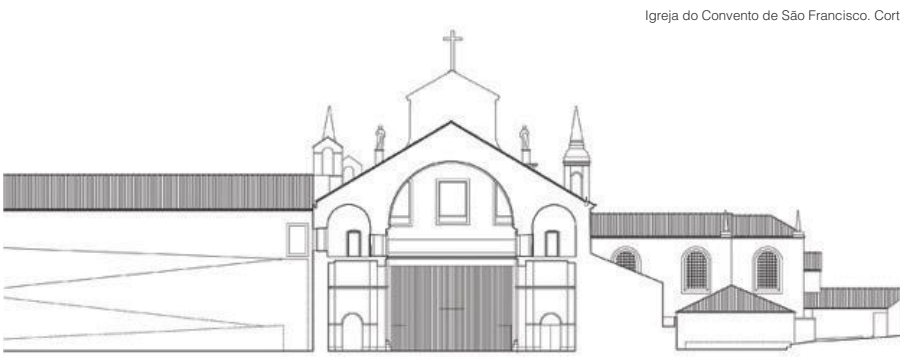
Igreja do Convento de São Francisco. Planta Piso 1



Igreja do Convento de São Francisco. Planta Piso 0



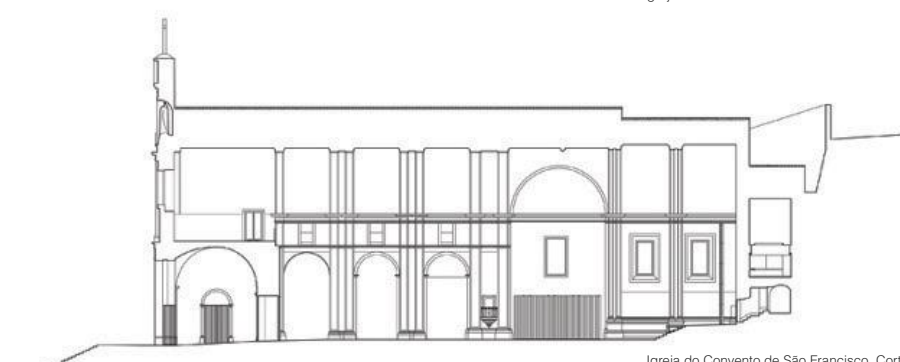
Igreja do Convento de São Francisco. Corte AA'



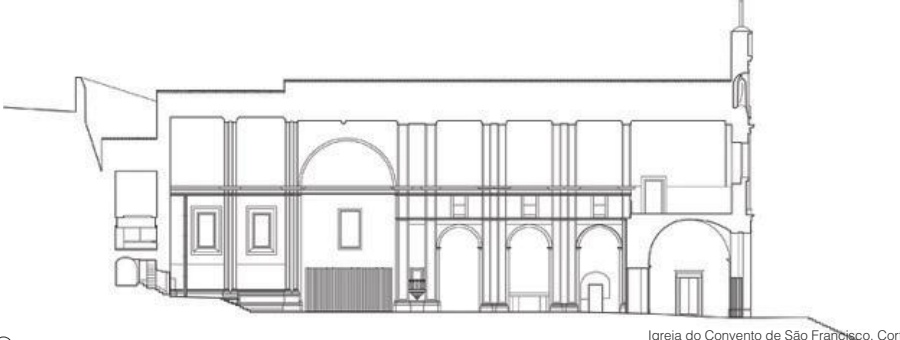
Igreja do Convento de São Francisco. Corte BB'



Igreja do Convento de São Francisco. Corte CC'

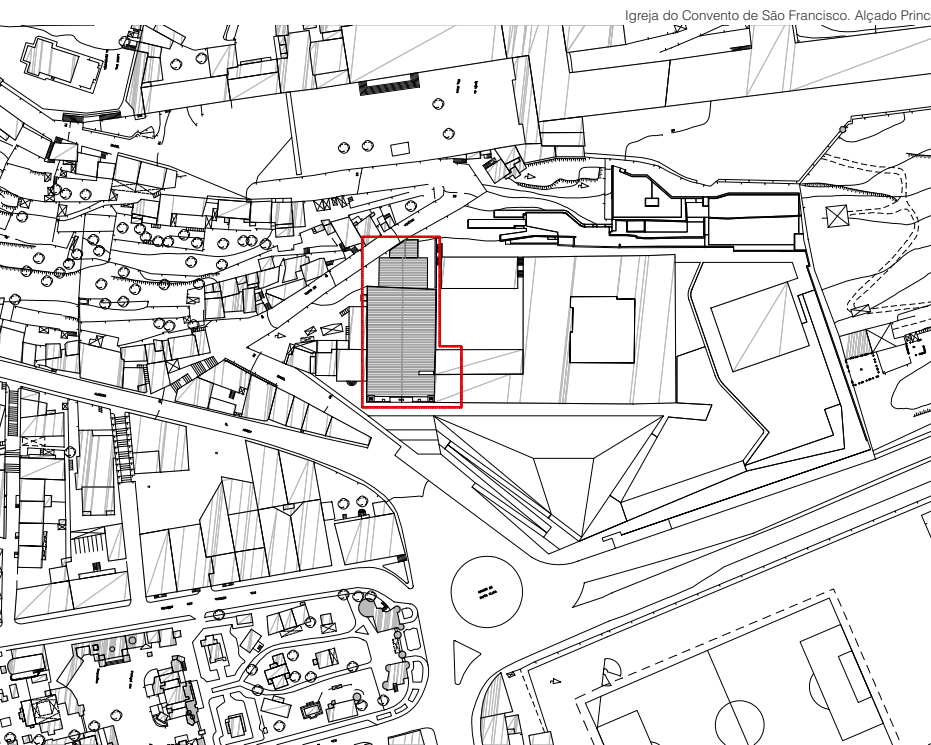
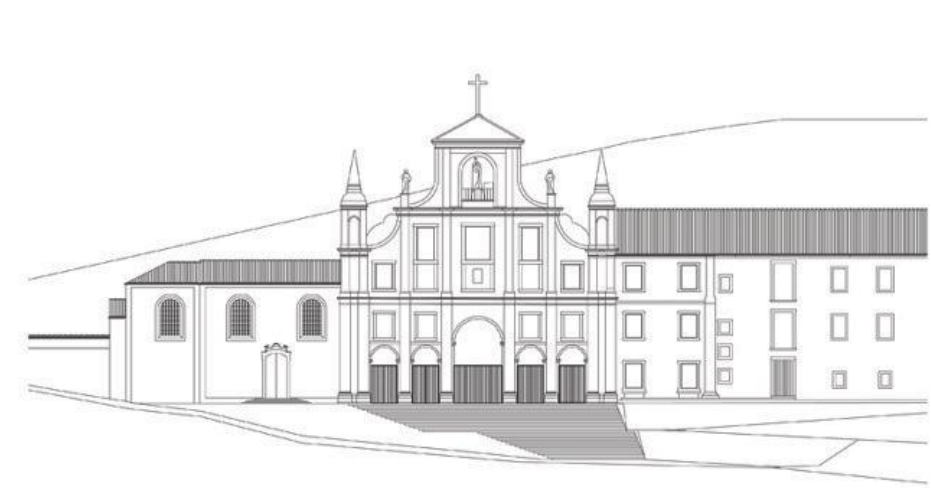


Igreja do Convento de São Francisco. Corte DD'



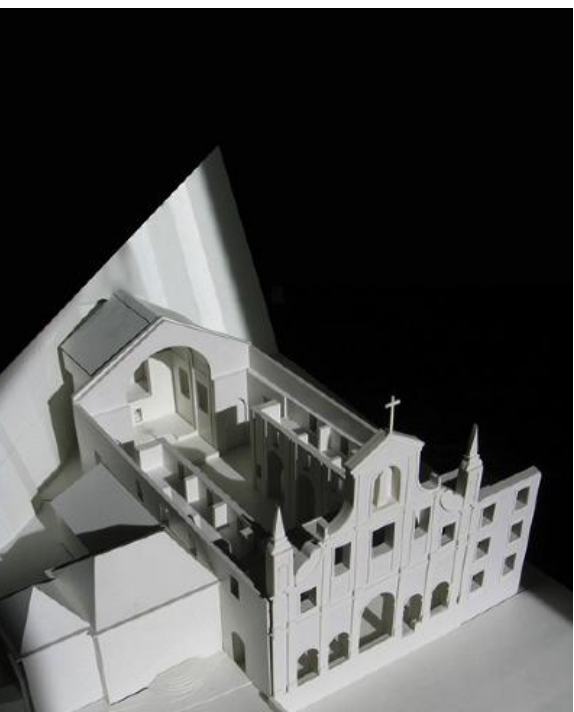
Igreja do Convento de São Francisco. Corte EE'

Igreja do Convento de São Francisco. Corte FF'



Igreja do Convento de São Francisco. Alçado Principal.

Igreja do Convento de São Francisco. Planta de Coberturas.



Igreja do Convento de São Francisco. Fotografias de maquete.

estrutura de madeira, junto ao coro alto, ou outros elementos de dimensões reduzidas. Foi necessária a instalação de um pavimento pétreo, onde funcionará um sistema de aquecimento radiante, nas naves principal e laterais, que vai permitir o conforto para a utilização do espaço. Este sistema foi também utilizado em outros espaços da igreja, como no Coro Alto e na Tribuna.

Está prevista a remoção de umas escadas coetâneas da presença fabril nos espaços do convento e na igreja, junto da primeira capela colateral, localizada do lado da epístola, próxima do nártex. Estas escadas impediam a revelação de painéis de azulejo, anteriores à ocupação fabril. Foi projetada, aqui, uma porta que fazia ligação entre a igreja e o pátio, localizado a norte, que pensamos ter existido anteriormente, à ocupação fabril.

Parte do pavimento da capela-mor que se encontra a uma cota mais alta, vai ser rebaixado, para existir uma continuidade desde a nave principal, passando pelo transepto até à capela-mor. De salientar que, o pavimento da nave foi alteado. Desta forma, os dois pavimentos encontram-se à mesma cota. Contudo, o espaço restante da capela-mor continuará elevado, na relação com os outros espaços. Assim, esta última zona alteada funciona como um palco, para o grande salão. Se fizéssemos um corte longitudinal pela igreja, vemos que o modelo de síntese, isto é, a construção original foi alterada. A noção de progressão dos espaços anteriores foi transformada. Enquanto que, anteriormente, a cota do piso era constante, desde o início da nave principal até ao encontro do transepto com a capela-mor. Neste ponto, no arranque do desenho da capela-mor, esta elevava-se perante a grande sala. Esta era uma estratégia para a hierarquização dos espaços interiores da igreja. A capela-mor, onde eram feitas as leituras e onde estaria o sacerdote, encontrava-se mais elevada. Desta forma, com o novo desenho, esta elevação recua. O Arquiteto justifica esta decisão como, uma forma de trazer ainda mais ambivalência ao espaço da igreja¹⁰⁷.

O altar-mor encontra-se muito danificado, com o desaparecimento de outros elementos que o compunham. Apenas ficou uma pequena porta. Este espaço sofreu mais estragos, devido à sua proximidade aos terrenos que se encontram encostados às paredes exteriores dele. Propõe-se a instalação de uma estrutura leve, que permita ocultar a pequena porta, permitindo uma maior ambivalência ao espaço, visto que poderá, por exemplo, ser utilizada para projetar imagens. O espaço de abside, localizado a uma cota superior, será utilizado como um espaço de apoio ou um camarim.

¹⁰⁷ (...) parte do pavimento da capela-mor será rebaixada de modo a que o mesmo fique nivelado com a cota do transepto e da nave principal tendo em vista as diversas possibilidades de ocupação desta zona, de acordo com as diferentes atividades que se prevê que a Igreja possa acolher." Byrne, Gonçalo. Projeto de Licenciamento, *Memória Descritiva*. Lisboa, 2012, páginas 9 e 10.



Figura 45- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, antes da intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A capela-mor. [Gonçalo Byrne]; [ano da publicação, 2017].



Figura 46- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A capela-mor. [Gonçalo Byrne]; [ano da publicação, 2017].



Figura 47- a Igreja do Convento de São Francisco de Coimbra, após a intervenção do Arquiteto Gonçalo Byrne. A nave e a capela-mor. [autor desconhecido]; [ano da publicação, 2017].

Foi proposta, na ala norte do transepto, a remoção de uma rampa, acrescentada ao volume da igreja nas ocupações dos séculos XIX e XX. Todavia, o vão associado a esta rampa é mantido, uma vez que se acredita ser original do convento. Este vão permite fazer o acesso da igreja ao pátio, a norte desta.

A intervenção de Gonçalo Byrne não se restringe apenas ao espaço da igreja. Contempla também a reabilitação do piso térreo dos espaços adjacentes ao nártex (nascente), que poderá ser utilizado como espaço de apoio ao funcionamento do espaço da igreja.

A intervenção de Gonçalo Byrne, apesar das opções projetuais tomadas, não apresenta distinção ou preferência pelas várias ocupações que o edifício teve. Apesar de, tanto no exterior como no interior, terem sido removidos elementos que remetiam para a ocupação fabril, parece-nos que a sua remoção foi causada pela apropriação do programa no edifício. Camilo Boito escreve que não se deve apenas preservar as formas do edifício, como ele foi construído, mas também os seus acrescentos¹⁰⁸. Compreendemos que o arquiteto teve respeito pelos vários momentos, que se refletiram na arquitetura, composição e estrutura do convento.

Entendemos que, a alteração da espacialidade do interior da igreja não está devidamente justificada pelo autor do projeto. Apesar de parte do pavimento da capela-mor continuar alteado, o restante, que se encontrava, à mesma cota, vai ser rebaixado, para existir uma continuidade desde a nave principal, passando pelo transepto até à capela-mor. O arquiteto justifica esta intervenção com a adaptação do espaço ao programa, que pressupunha o desenho de uma grande sala, onde existissem altimetrias constantes. O espaço da capela-mor, que se mantinha com a mesma cota, albergava a zona dos camarins e de apoio à grande sala. Olhando aos pressupostos da história, os princípios inerentes ao modelo de síntese, que cruza o modelo nacional da arquitetura chã praticado pela Companhia de Jesus, com o modelo internacional, facilmente se adaptavam ao programa proposto para a Igreja do Convento. Por este motivo, não compreendemos esta opção projetual. A intervenção de Byrne modifica a percepção e a memória que temos do espaço interior da igreja, deixando de haver sequência de cotas a partir da deslocação do espaço. Como Ruskin escreve,

"Eles não nos pertencem. Eles pertencem, em parte, aos que os edificaram, em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão."¹⁰⁹

¹⁰⁸ "Não se deve apenas preservar a pátina dos edifícios antigos, mas também os acrescentos sucessivos de que o tempo os carregou: verdadeiros estratos (...)" Choay, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017, páginas 167 e 168.

¹⁰⁹ Ruskin, John. *The Lamp of Memory*. página 201 in Choay, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017, páginas 159.

Considerações Finais

O objeto de estudo da presente dissertação é o Convento de São Francisco, de Coimbra. O principal objetivo é fazer a leitura das intervenções ocorridas desde o final do século XX até 2017. Para isso, recorreremos à compreensão do passado deste edifício.

Vários anos passaram desde o abandono do edifício, que se deu nos anos noventa do século XX. No final desta década, inicia-se, na cidade, o debate¹¹⁰ sobre o que poderia ser feito para valorizar o edifício e toda a envolvente próxima, na margem poente do rio Mondego. Após vários anos de discussão surge o concurso para a reabilitação do Convento de São Francisco. O concurso processa-se em duas fases. Para a segunda fase, são admitidos quatro candidatos.

O terceiro capítulo da presente dissertação, analisa as diferentes propostas de cada candidato. Compreendemos que não têm todos a mesma visão, para a requalificação do edifício. Sobretudo, nem todas têm a mesma visão da história do edifício. Entre as diversas propostas, apenas a dos arquitetos Fernando e José Bernardo Távora prevê e valoriza os elementos herdados da ocupação fabril. Os restantes assumiram a sua existência, todavia consideravam que as modificações perturbam e empobrecem o edifício.

Contudo, foi o arquiteto Carrilho da Graça quem efectuou o projeto. Entendemos que o projeto tem alguns problemas de colocação do edifício na paisagem. Ainda para mais, quando sabemos que a colocação deste no território é uma das temáticas mais importantes do processo projetual do arquiteto,

"A paisagem (ou o território) é uma maneira de ver o mundo como suporte, como ponte de partida para os projetos, com todas as suas características."¹¹¹

¹¹⁰ Este debate não se iniciou, por consequência do abandono do edifício. Foi em parte causado por este abandono, mas também pela necessidade de valorizar a margem poente do Rio Mondego, que começava, por esta altura, a ser olhada como parte integrante da cidade e não como uma zona periférica.

¹¹¹ Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Luís Carrilho da Graça in <http://anabelamotaribeiro.pt/joao-luis-carrilho-da-graca-115979> - consultado a 4 de outubro de 2017, 11:45h.

Assim, entendemos que, a colocação do complexo conventual na paisagem foi deturpada, especialmente com o desenho da nova praça. A nova fachada, que desenha o volume do estacionamento, encimado pela nova praça, parece-nos descontextualizada do meio urbano onde se insere.

Embora o traçado do novo volume do auditório tenha alguma presença na paisagem, não é um elemento que interfira na leitura do convento. Na verdade, é interessante perceber como o novo volume entra em sintonia com o antigo, parecendo, a uma grande distância, que o prolonga. A junção dos dois edifícios rivaliza com a colocação do Convento de Santa Clara-a-Nova, na paisagem, no Monte da Esperança.

Desta forma, na intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça consideramos que houve um corte entre o passado, sobretudo com o mais recente, e o presente do edifício. É certo que houve um desaparecimento das memórias daquele lugar, não só na forma em como ele se vivia, mas também na forma como este se apresentava na cidade. Referindo as teorias de John Ruskin, sobre a intervenção em edifícios, que evocámos na presente dissertação, percebemos que umas das coisas a ter em consideração, quando intervimos em edificado, é a preservação da memória deste.

A propósito da reabertura do Convento São Francisco, em abril de 2016, a Câmara Municipal de Coimbra desenvolveu o projeto de arte urbana, designado “FIO | Memórias como Matéria-Prima¹¹²”. Aqui, temos o testemunho de vários trabalhadores da antiga fábrica,

“Custou-me muito cá entrar. Quando entrei, fiquei assim: estou num outro Mundo. Conhecia mais ou menos, há aqui escadas que desapareceram. Pronto, foi tudo alterado. Chocou-me muito. Chocou-me, porque foram anos que se viveram aqui, como eu lhe digo, de muita luta, muito sacrifício, de muita dor. Quando cheguei aqui, comecei a olhar para isto e disse: isto não pode ser. Está cá um Mundo completamente daquele que eu conheci na altura.”¹¹³

“Os meus filhos andaram sempre aqui na zona e hoje o ponto de encontro é na nossa fábrica. Isto não é o convento de São Francisco, é a nossa fábrica, minha e dos meus filhos. Sem pessoas não era nada, não conseguíamos fazer nada.”¹¹⁴

Através de testemunhos de antigos trabalhadores da fábrica, compreendemos em quanto a memória que tinham daquele espaço foi apagada, com a recente intervenção. A presença da antiga fábrica no edifício ainda está muito presente na memória das pessoas.

Apesar da reabilitação do Convento de São Francisco e atitude do Arquiteto Carrilho da Graça terem sido marcadas pelo desaparecimento do que restou da ocupação fabril, a operação de recuperação da igreja do convento, realizada pelo Arquiteto Gonçalo Byrne tem

¹¹² in <https://vimeo.com/166251568>, consultado a 20 de setembro de 2018, às 09:59h.

¹¹³ Abreu, José Heleno de. antigo trabalhador da fábrica de lanifícios, responsável pelo planeamento, in <https://vimeo.com/166251568>, consultado a 20 de setembro de 2018, às 09:59h.

¹¹⁴ Machado, Arménia. antiga trabalhadora da fábrica de lanifícios, chefe de linha de confecção, in <https://vimeo.com/166251568>, consultado a 20 de setembro de 2018, às 09:59h.

uma atitude diferente. A sua intenção é recuperar os elementos presentes, sem que haja a anulação das diferentes ocupações. Contudo, através da análise do projeto, percebemos que alguns elementos deixados pela mais recente ocupação terão sido retirados, com o objetivo de melhor perceber os elementos originais. O arquiteto refere que, alguns destes elementos se encontravam danificados e, por esse motivo, foram também retirados. Estes elementos tratavam-se de acrescentos à estrutura original do edificado, por isso seria normal que pudessem estar deteriorados.

Na recuperação da igreja, Gonçalo Byrne tem o compromisso de dar continuidade tanto aos pressupostos presentes na história do edifício, como à intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça¹¹⁵. Por este motivo, o arquiteto dá a continuidade à intervenção do Arquiteto Carrilho da Graça, nomeadamente nos alçados da igreja do convento.

Contudo, quando falamos dos espaços interiores da igreja, percebemos que a sua espacialidade foi alterada. O nivelamento dos pavimentos da nave e parte da capela-mor faz com que haja a perda da narrativa de percurso pelo espaço interior da igreja. Enquanto que, anteriormente, existia uma progressão altimétrica entre os dois espaços interiores, agora havia uma continuidade entre eles. Este novo desenho retirou a hierarquização dos espaços e encurtou a base das pilastras.

Respondendo à questão de qual das propostas de intervenção no convento apresentadas, recuperava os princípios de implantação da Ordem de São Francisco, a resposta seria a proposta dos arquitetos Fernando e José Bernardo Távora, por se aproximar mais da conformação original do convento, sobretudo pelo desenho do seu espaço público exterior. A presença do edifício na paisagem foi alterada no tempo da ocupação fabril. Contudo, seria trazida, segundo a sua forma original para o presente, pela mão destes arquitetos. Desde o princípio que estes assumiram que a intervenção no convento teria de ter em conta a história do edifício e do lugar. Deste modo, a inserção do edifício no lugar é modificada, sendo recuperada a mesma ideia que existia anteriormente: um espaço exterior alteado sobre a cidade, a que os arquitetos designaram de adro, com a fachada principal com o desenho original. Apesar de este espaço exterior ser um requisito do programa, cada arquiteto tinha a liberdade no seu desenho. Assim, a nova plataforma surgia alteada sobre a cidade, revelando um distanciamento ao público, não nas suas ações, mas para poder ser contemplada, característico das implantações franciscanas. A sua posição ativa revelava uma tentativa de domínio do território,

¹¹⁵ "Prevê-se a reparação pontual de patologias nos rebocos e posterior pintura dos paramentos exteriores, (a coordenar com a intervenção prevista para o Centro de Congressos que irá ocupar os restantes edifícios do complexo monacal de S. Francisco)" in Byrne, Gonçalo. Projeto de Licenciamento, *Memória Descritiva*. Lisboa, 2012.

margem poente do rio, tal como acontecia com o morro da alta de Coimbra, na margem nascente. O acesso ao adro seria feito através de uma dupla escadaria, igual à existente, que por esta altura se encontrava em ruínas. O volume do auditório encontrar-se-ia por detrás do volume do convento. Desta forma, como não poderia ser observado do exterior, este novo volume não assumia a sua presença na paisagem urbana.

Olhando para a implantação do conjunto dos arquitetos, conseguimos perceber através do seu desenho que existe uma tentativa de desenhar dois claustros, para além do claustro existente: um no terreno entre a igreja e o claustro e outro no terreno a norte. Existem inclusive elementos que afirmam a centralidade deste. Este desenho reforça o facto de no desenho inicial do convento, em 1602, poder ter o desenho de mais um claustro, como era comum em muitos conventos franciscanos.

Concluindo, embora não consigamos compreender algumas das opções projetuais presentes nas intervenções do Convento de São Francisco, pensamos que a ideia de dinamização e valorização da margem poente do Rio Mondego, presente no programa proposto pela Câmara Municipal de Coimbra, está lentamente a ser introduzida neste local, muito graças às intervenções já concluídas.

Bibliografia

Monografias

ALARCÃO, Jorge de. Coimbra : a montagem do cenário urbano. Fotografia de Filipe Jorge, João Boavida. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008

ALARCÃO, Jorge de, et al. História de Arte em Portugal. Lisboa: Alfa, 1986

ALBIERO, Roberta, SIMONE, Rita. João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003)

ALBERTI, Leon Battista. Da arte edificatória, trad. do latim Arnaldo Monteiro do Espírito Santo ; introd., notas e rev. Mário Júlio Teixeira Krüger. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2011

ALVES COSTA, Alexandre. Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa. Outros textos sobre Arquitectura Portuguesa. Porto: Faup, 1995

ANGELILLO, Antonio, SOLÀ-MORALES, Ignasi de, PORTAS, Nuno. Gonçalo Byrne : opere e progetti. Milano: Electa, 2006, 3ª edição

A sociedade e a cultura de Coimbra no renascimento. IV Centenário da Morte de João de Ruão. Coimbra: EPARTUR, 1982

BANDEIRINHA, José António. Coimbra from the sky. Fotografia Filipe Jorge, Lisboa: Argumentum, 2ª ed., 2004 (1ª edição 2003)

BIASE, Carolina di. Il restauro e i monumenti : materiali per la storia del restauro. Milano: Libreria Clup, 2003

BORGES, Nelson Correia. Coimbra e Região. Lisboa: Presença, 1987

BIASE, Carolina di. Nuova complessità e progetto per la città esistente : atti del seminario dell'Indirizzo di tutela e recupero del patrimonio storico e architettonico della Facoltà di architettura di Milano. Milano: Franco Angeli, 1989

BOITO, Camillo. Conserver ou restaurer: les dilemmes du patrimoine. Besançon: L' Imprimeur, 2000

BRANDI, Cesare. Teoria do restauro. Torino: Giulio Einaudi, 1977

BYRNE, Gonçalo. Projeto de Licenciamento, Memória Descritiva. Lisboa, 2012

CANIGGIA, Gianfranco. Strutture della spazio autropico : studi e note. Firenze: Alinea, 1988

CAPITEL, Antón. Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. Madrid: Alianza, 2ª edición revisada y ampliada, 2009

CHOAY, Françoise. Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017

GIOVANNONI, Gustavo. Vecchie città ed edilizia nuova. Milano: Cittàstudio, 1995, 2ª edição

GONZALEZ-VARAS, Ignacio; Conservación de bienes culturales : teoría, historia, principios y normas. Madrid: Ediciones Cátedra, Madrid, 2005, 6ª edição.

CORREIA, José Eduardo Horta. Arquitectura portuguesa : renascimento, maneirismo, estilo chão. Lisboa: Presença, 2a ed, 2002 (1ª edição 1991)

CORREIA, Vergílio, GONÇALVES, Nogueira. Inventário Artístico de Portugal Cidade de Coimbra, Vol. II. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947

CORREIA, Vergílio. A arte em Coimbra e arredores. Coimbra: Academia Nacional de Belas Artes, 1953

CORREIA, Vergílio. Obras, 5v.. V. I - Coimbra ; V. II - Estudos de História de Arte. Arquitectura. Coimbra: Universidade, 1946-1949

DIAS, Pedro. Coimbra. Arte e História. Porto: Paisagem, 1983

GOMES, Saúl António. O Mosteiro de S. Francisco de Coimbra nos alvares de Quinhentos in Arquivo Coimbrão: Boletim da Biblioteca Municipal, coordenação de Maria José Pinho de Miranda, volume 40. Coimbra: Biblioteca Municipal de Coimbra, setembro de 2008

GONÇALVES, A. Nogueira. Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra. Lisboa: Coimbra: Academia Nacional de Belas Artes, 1947

GREGOTTI, Vittorio. Território da Arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1994, 2ª edição

História de Arte Portuguesa, direcção de Paulo Pereira. Lisboa: Temas e Debates, 1995

KUBLER, George. A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988)

KUBLER, George. A forma do tempo: observações sobre a história dos objectos. Lisboa: Vega, 2004, 4ª edição

LINAZASORO, José Ignacio. Permanencias y arquitectura urbana : las ciudades vascas de la época Romana a lá Ilustración. Barcelona : Gustavo Gili, 1978

LOPES, Sandra Dias. O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã. Prefácio Nelson Correia Borges, Fotografia Manuel Dias, Coimbra: GAAC, 1998 (1ª edição 1972)

LOPES, Sandra Dias. O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã. Anexos, Coimbra: GAAC, 1998 (1ª edição 1972)

MARQUES, José. Os Franciscanos no norte de Portugal nos finais da Idade Média. Porto: Arquivo Distrital do Porto, 1982

MARTÍ ARÍS, Carlos. Le variazioni dell'identità. Barcelona: Serbal, 1993, 1ª edição

MARTINS, Maria. Convento de Santa Clara-a-Velha em Coimbra: tempo submerso. Fotografia de Maria Martin, Textos de Fernando de Azevedo, Pedro Dias, Lisboa: Bertrand, 1997

MAZZEI, Otello. L'Ideologia del "Restauro" Architettonico da Quatremère a Brandi. Pregiudizi e profezie sulla conservazione. Milano: Libreria Universitaria del Politécnico, 1980

NETO, Maria João Baptista. Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais: 1929-1960. Porto : Faup Publicações, 2001

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos. Lisboa: Edições 70, setembro de 2016

ROSSA, Walter. Fomos condenados à cidade. Uma década de estudos sobre património urbanístico. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015

ROSSI, Aldo. A Arquitetura da Cidade. Lisboa: Edições 70, abril de 2018 (1ª edição 1966)

RUSKIN, John. Las siete lámparas de la arquitectura. Barcelona: Alta Fulla, 1987

SERRÃO, Vítor. O renascimento e o maneirismo. Lisboa: Presença, 1ª edição, 2002

SILVA, Jorge Henrique Pais da. Estudos sobre o Maneirismo. Lisboa: Estampa, 1983

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. Ordens Religiosas em Portugal: das origens a Trento: guia histórico. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

TEIXEIRA, Vítor Gomes. O Maravilhoso no Mundo Franciscano Português da Baixa Idade Média. Porto: Granito, Editores e Livreiros, 1999

VENTURI, Robert. Complejidad y contradicción en la arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, 2ª Edição (1ª edição 1966)

VIDLER, Anthony. Historias del presente inmediato. La invención del movimiento moderno arquitectónico. Barcelona: Gustavo Gili, 2011

VIOLLET-LE-DUC, Eugène; Entretiens sur l'architecture,, Pierre Mardaga éditeur, Bruxelles, 1986

Dissertações

ALARCÃO e SILVA, Pedro Duarte Santos de. Construir na ruína : a propósito da cidade romanizada de Conimbriga. Porto : Faup, 2009. - 2 vol. - Dissertação de doutoramento em arquitectura

CORREIA, Isabel Maria Marques. Coimbra : cidades da cidade. Prova Final orientada por Manuel Fernandes de Sá, Porto: Faup, 2005

CRUZ, Rita. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por Marta Oliveira, Porto: Faup, 2011

FERREIRA, Teresa Cunha. Il Portogallo di Alfredo de Andrade : città, architettura, patrimonio. Santarcangelo di Romagna: Maggioli, 2014

GASPAR, Christopher Philippe. O Património Industrial na Baixa de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, orientada por João de Lima Mendes Ribeiro. Coimbra: Darq, junho de 2013

GASPAR, Joana Paula Ramos Henriques. Centrar a cidade no rio : os projectos para a transformação da frente fluvial da cidade de Coimbra. Prova Final orientada por Manuel Fernandes de Sá, Porto: Faup, 2000

GONÇALVES, Cláudio Ferreira. A expectante margem esquerda. Programa base de intervenção entre pontes Ponte de Santa Clara e Ponte do Açude. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por António Bettencourt. Coimbra: Darq, 2015

LOPES, Nuno Valentim. Projecto, património arquitectónico e regulamentação contemporânea : sobre práticas de reabilitação no edificado corrente. Dissertação de doutoramento apresentada à FAUP. Porto : Faup, 2015

MACEDO, Francisco Pato de. Santa Clara-a-Velha de Coimbra: singular mosteiro mendicante. Dissertação de Doutoramento em História de Arte, Coimbra: Fluc, 2006

MEIRELES, Maria Adelaide. A arquitectura Gótica Mendicante em Portugal. Dissertação para a Licenciatura em Ciências Históricas. Porto: Flup, 1971

SANTOS, Pedro João Rodrigues dos. O Convento de São Francisco da Ponte. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1997

SILVA, José Miguel, O Monumento e o lugar. Relação entre o espaço público e o monumento na intervenção patrimonial contemporânea. Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e núcleos urbanos: Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2010

Sites Consultados

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

<http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>, consultado a 4 de outubro de 2017, 11:37

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74011>, consultado a 15 de agosto de 2018, 10:16

<https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/cultura-1/visitas-guiadas/1454-igreja-de-santo-antonio-dos-olivais-1/file>, consultado a 15 de agosto de 2018, 10:16

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2790, consultado a 15 de agosto de 2018: 11:27

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=22431, consultado a 15 de agosto de 2018: 11:28

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=22431, consultado a 15 de agosto de 2018, às 10:41

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2632, consultado a 15 de agosto de 2018, às 10:52

Artigos e Revistas

AAVV, AA31 2004: João Luís Carrilho da Graça - Works, Coleção "AA Arquitecturas de Autor", Pamplona, T6 Ediciones, 2004

ALÇADA, Margarida. Universidade de Coimbra. Revista Monumentos 8. Lisboa: Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, março de 1998

ALÇADA, Margarida. Santa Clara-a-Nova. Revista Monumentos 18. Lisboa: Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, Março de 2003

ALÇADA, Margarida. Coimbra: da Rua Sofia à Baixa. Revista Monumentos 25. Lisboa: Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, setembro de 2006

LOBO, Rui. Coimbra: evolução do espaço urbano. Em cima do joelho. N.º 3, 2000

Entrevistas e Conferências - Gonçalo Byrne

Entrevista com Gonçalo Byrne, realizada por Elisabeth Évora Nunes e Luísa França Luzio para a Revista História de Arte, nº4, em 2007, https://run.unl.pt/bitstream/10362/12589/1/ART_12_Entrevista_3.pdf, consultada 17 de julho de 2017, 14:35

Entrevista com Gonçalo Byrne, Jornal de Negócios, 20 de outubro de 2017, <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/goncalo-byrne-goste-se-ou-nao-a-cidade-e-antes-de-tudo-um-produto-financeiro>

Conferência "Discursos Revisitados: Gonçalo Byrne apresenta Rafael Moneo" <https://tv.up.pt/videos/wtqmvqo>, realizada a 20 de abril de 2010, consultada a 17 de julho de 2017, 14:38

Entrevistas, Conferências e Exposições - João Luís Carrilho da Graça

Conferência intitulada "L'arquitectura de l'hospital del segle XXI", de l'Escola Sert del COAC, Barcelona, 2 de dezembro de 2015

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, "700+25 Arquitectura na Cidade", Ano Zero, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra in <https://www.youtube.com/watch?v=r242b0-ajZ0>, consultado a 4 de outubro de 2017

Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Luís Carrilho da Graça in <http://anabelamotaribeiro.pt/joao-luis-carrilho-da-graca-115979> - consultado a 4 de outubro de 2017, 11:45

Programa Espaços&Casas nº233 Convento São Francisco, emitido a 21 de setembro de 2013 na Sic Notícias in <https://www.youtube.com/watch?v=VeZVeSKpBbs>, 6 de dezembro de 2017, 12:05

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, <http://www.tvi24.iol.pt/videos/a-casa-de-quem-faz-as-casas/joao-luis-carrilho-da-graca-casa-vaga/5895a5720cf22b4ee2d15dd9#/iol/login>, dia 6 de julho, 11:02

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, para o ciclo de conferências "Inside a Creative Mind", <https://www.youtube.com/watch?v=NVc7fig3nbY>, dia 6 de julho, 11:04

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça e Ana Tostões, para o programa Câmara Clara da RTP, a 1 de junho de 2008, <https://www.youtube.com/watch?v=srkSAf68-dI>, dia 6 de julho, 11:04

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, pelo Diário de Notícias, 11 de agosto de 2016, <https://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/carrilho-da-graca-se-a-arquitetura-e-boa-pode-mudar-a-vida-das-pessoas-e-da-cidade-5332855.html>, dia 6 de julho, 11:04

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, Estudo Prévio, revista do Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, <http://www.estudoprevio.net/entrevistas/35/joao-carrilho-da-graca>, dia 6 de julho, 11:05

Exposição “Carrilho da Graça: Lisboa”. Curadoria Marta Sequeira e Susana Rato. Garagem-Sul, Centro Cultura de Belém, Lisboa: 2015

Exposição “Carrilho da Graça: Lisboa”. Curadoria Marta Sequeira e Susana Rato. Bookpress. Garagem-Sul, Centro Cultura de Belém, Lisboa: 2015

Elementos desenhados do Concurso:

A proposta de Reichen & Robert Architectes e Mário Bento: plantas, plantas de localização e fotografias de maqueta.

A proposta de Gonçalo Byrne: plantas, cortes e alçados.

A proposta de Fernando Távora e José Bernardo Távora: plantas, plantas de localização, cortes e alçados.

Elementos desenhados da intervenção do Arq. Carrilho da Graça: plantas, cortes e axonometria de conjunto.

Elementos desenhados da intervenção do Arq. Gonçalo Byrne: plantas, cortes, alçados, fotografias, e fotografias de maqueta.

Referências de Imagens

Figura 1: <http://www.museummachadocastro.gov.pt/pt-PT/projetos%20inclusao/ContentDetail.aspx>, 27 de setembro de 2018, 18:56h.

Plantas dos modelos nacional, internacional e de síntese da Arquitetura chã, em Portugal:

Igreja do Espírito Santo, Évora - Igreja da Casa Professa de São Roque, Lisboa - Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706*, tradução de Jorge Henrique Pais da Silva e prefácio de José Eduardo Horta Correia. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988), página 83.

Igreja da Casa Professa de São Roque, Lisboa - Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706*, tradução de Jorge Henrique Pais da Silva e prefácio de José Eduardo Horta Correia. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988), página 64.

Igreja de São Vicente de Fora, Lisboa - Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706*, tradução de Jorge Henrique Pais da Silva e prefácio de José Eduardo Horta Correia. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988), página 84.

Sé Nova Coimbra - Kubler, George. *A arquitectura portuguesa chã : entre as especiarias e os diamantes : 1521-1706*, tradução de Jorge Henrique Pais da Silva e prefácio de José Eduardo Horta Correia. Lisboa: Vega, 2005, 2ª edição (1ª edição 1988), página 147.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00005476, 25 de setembro de 2018, 11:54h.

Igreja do Convento de São Francisco, Coimbra - GB Arquitectos + BB Arquitectos. Planta da Proposta, Piso 0. Projeto de Execução, dezembro de 2014.

Fachadas e espaços Interiores dos modelos nacional, internacional e de síntese da Arquitetura chã, em Portugal:

Igreja do Espírito Santo, Évora -

<https://viverevora.blogspot.com/2011/03/evora-perdida-no-tempo-nave-central-da.html>, 25 de setembro de 2018, 10:53h.

<https://viverevora.blogspot.com/2011/03/evora-perdida-no-tempo-nave-central-da.html>, 25 de setembro de 2018, 10:53h.

Igreja da Casa Professa de São Roque, Lisboa -

<http://www.pportodosmuseus.pt/2015/10/12/museu-de-sao-roque-integra-maior-rede-de-museus-do-mundo/>, 30 de maio de 2018, 15:00h.

<http://aps-ruasdelisboacomhistrria.blogspot.com/2016/10/largo-trindade-coelho-vii.html>, 30 de maio de 2018, 10:51h.

Igreja de São Vicente de Fora, Lisboa -

<https://toponimialisboa.wordpress.com/2018/04/17/igreja-e-mosteiro-de-sao-vicente-de-fora/>, 30 de maio de 2018, 10:54h.

<https://www.lisbonshopping.pt/pt/pontos-de-interesse/igreja-mosteiro-de-sao-vicente-de-fora/igreja-mosteiro-de-sao-vicente-de-fora/>, 30 de maio de 2018, 15:02h.

Sé Nova Coimbra -

Fotografia de autor.

Fotografia de autor.

Igreja de São Lourenço, Porto -

Fotografia de autor.

<http://geocastemaia.blogspot.com/2012/07/centro-historico-do-porto.html>, 15:04h.

Igreja do Convento de São Francisco, Coimbra -

Fotografia de autor

<https://www.bbarquitectos.pt/16-Requalificacao-da-Igreja-de-S-Francisco-em-Coimbra>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Plantas do Convento de São Francisco, após a ocupação fabril (com a legenda dos espaços interiores originais) - Santos, Pedro João Rodrigues dos. *O Convento de São Francisco da Ponte*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1997 (Anexos).

Plantas do Convento de São Francisco, após a ocupação fabril - Santos, Pedro João Rodrigues dos. *O Convento de São Francisco da Ponte*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra. Coimbra: 1997 (Anexos).

Figura 2: <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>, 25 de setembro de 2018, 16:33h.

Figura 3: <http://historiasasabores.blogspot.com/2007/03/pontes-de-coimbra-ponte-de-santa-clara.html>, 27 de setembro de 2018, 16:33h.

Figura 4: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 5: <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>, 25 de setembro de 2018, 16:33h.

Figura 6: GASPARD, Christopher Philippe. O Património Industrial na Baixa de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, orientada por João de Lima Mendes Ribeiro. Coimbra: DARQ, junho de 2013, página 98.

Figura 7: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/falta-1-ano-par-coimbra-acolher-os/>, consultado a 24 de setembro de 2018, 14:42h.

Figura 8: Fotografia de autor.

Figura 9: <https://www.oasrn.org/concursos.php?pag=noticia&id=48>, 27 de setembro de 2018, 11:28h.

Figura 10: Fotografia de autor

Figura 11: GONÇALVES, Cláudio Ferreira. *A expectante margem esquerda. Programa base de intervenção entre pontes Ponte de Santa Clara e Ponte do Açude*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por António Bettencourt. Coimbra: DARQ, 2015, página 38.

Figura 12: GONÇALVES, Cláudio Ferreira. *A expectante margem esquerda. Programa base de intervenção entre pontes Ponte de Santa Clara e Ponte do Açude*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, orientada por António Bettencourt. Coimbra: DARQ, 2015, página 40.

Figura 13: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

A proposta de Reichen & Robert Architects e Mário Bento: elementos cedidos pelo Arquiteto José Bernardo Távora.

A proposta de Gonçalo Byrne: ANGELILLO, Antonio, SOLÀ-MORALES, Ignasi de, PORTAS, Nuno. Gonçalo Byrne : opere e progetti. Milano: Electa, 2006, 3ª edição páginas 152 e 153.

A proposta dos arquitetos Fernando Távora e José Bernardo Távora: elementos cedidos pelo Arquiteto José Bernardo Távora.

Figura 14: <https://www.noticiasdecoimbra.pt/corpo-de-antonio-arnaut/>, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h. Desenhos retirados de, Albiero, Roberta, Simone, Rita. *João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti*. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003), páginas 128 até à 131.

Figura 15: <https://odespertar.com/2017/04/13/estacionamento-gratuito-no-convento-sao-francisco/>, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h.

Figura 16: Fotografia de autor.

Figura 17: Fotografia de autor.

Figura 18: Fotografia de autor.

Figura 19: Fotografia de autor.

Figura 20: <http://www.elevogroup.com/pt/portfolio/museu-machado-de-castro/>, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h.

Figura 21: https://www.archdaily.com.br/br/01-49125/teatro-e-auditorio-em-poitiers-carrilho-da-graca-arquitectos/49125_49144, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h.

Figura 22: Fotografia de autor.

Figura 23: Fotografia de autor.

Figura 24: Fotografia de autor.

Figura 25: Fotografia de autor.

Figura 26: Fotografia de autor.

Figura 27: <http://www.coimbraconvento.pt/pt/espacos/sala-conventual/>, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h.

Figura 28: <http://www.coimbraconvento.pt/pt/espacos/sala-d-dinis/>, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h.

Figura 29: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 30: Fotografia de autor.

Figura 31: Fotografia de autor.

Figura 32: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 33: <http://www.afaconsult.com/portfolio/83511/92/centro-de-congressos-convento-de-s-francisco>, consultado a 24 de setembro de 2018, 10:20h.

Figura 34: Albiero, Roberta, Simone, Rita. *João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti*. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003), páginas 128 até à 131.

Figura 35: Albiero, Roberta, Simone, Rita. *João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti*. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003), páginas 128 até à 131.

Figura 36: Fotografia de autor.

Figura 37: <https://www.bbarquitectos.pt/16-Requalificacao-da-Igreja-de-S-Francisco-em-Coimbra>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Figura 38: <https://www.bbarquitectos.pt/16-Requalificacao-da-Igreja-de-S-Francisco-em-Coimbra>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Figura 39: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1222373&page=16>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Figura 40: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 41: <https://www.bbarquitectos.pt/16-Requalificacao-da-Igreja-de-S-Francisco-em-Coimbra>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Figura 42: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 43: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 44: <https://www.bbarquitectos.pt/16-Requalificacao-da-Igreja-de-S-Francisco-em-Coimbra>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Plantas, Cortes e Alçado: cedido pelo Arquiteto Gonçalo Byrne.

Figura 45: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48h.

Figura 46: <https://www.bbarquitectos.pt/16-Requalificacao-da-Igreja-de-S-Francisco-em-Coimbra>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Figura 47: <https://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1222373&page=16>, consultado a 24 de setembro de 2018, 13:34h.

Anexos

Cronologia do Convento de São Francisco

I.I. A primeira fixação dos frades menores na Ermida de Santo Antão dos Olivais (1217-1247)

1217 - "(...) chegaram os primeiros franciscanos a Coimbra, instalando-se precariamente em Santo António dos Olivais, aonde existia a pequena ermita de Sant'Antão." ¹¹⁶

I.II. Da fundação do Convento de São Francisco da Ponte à nova construção (1247/8-1602)

1247-1248 - "começou a obra do convento, junto à cidade ao lado de Santa Clara, a jusante da ponte, no sítio das actuais ínsuas" ¹¹⁷

I.III. Da fundação do novo convento de São Francisco à Extinção das Ordens Religiosas (1602-1834)

2 de maio de 1602 - "lançada a primeira pedra do convento, pelo bispo-conde D. Afonso de Castelo Branco, na falda do monte da Senhora da Esperança" ¹¹⁸

29 de novembro de 1609 - "frades passam para o novo convento" ¹¹⁹

30 de maio de 1834 - "Suprimidas as ordens religiosas, foram arrematados por um particular o convento e a cerca" ¹²⁰

I.IV. A instalação de um edifício fabril (1875-1986)

1875 - "José Vitorino Botelho de Miranda instala em parte do edifício conventual, fábrica de massas alimentícias" ¹²¹

1888 - "começa a laborar a Fábrica de Lanifícios de Santa Clara, que ocupa o convento mais de um século e deixa marcas de aplicação do vapor à indústria têxtil, a chaminé, e o descaracteriza" ¹²²

II. "Concurso para o projeto de Recuperação do Convento de S. Francisco (para Centro de Congressos) e área ribeirinha envolvente" (1996)

1995 - "adquirido pela Câmara Municipal de Coimbra (...) para centro de congressos com espaço polivalente para 1500 pessoas, salas de exposições, estacionamento em cave, (...) " ¹²³

1998 - "encontra-se a decorrer o concurso, entre os arquitectos seleccionados Gonçalo Byrne, Carrilho da Graça, Fernando Távora e Reichen & Robert Architects (...) para o projeto de recuperação e ampliação do convento (...) " ¹²⁴

¹¹⁶ Gonçalves, A.Nogueira, Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra, Lisboa, 1947, p.90.

¹¹⁷ Gonçalves, A.Nogueira, Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra, Lisboa, 1947, p.90.

¹¹⁸ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.

¹¹⁹ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.

¹²⁰ Gonçalves, A.Nogueira, Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra, Lisboa, 1947, p.90.

¹²¹ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.

¹²² http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.

¹²³ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.

¹²⁴ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.

III. Sobre a intervenção no Convento de S. Francisco (Arq. J. L. Carrilho da Graça, 1998-2016)

2003 - são publicados uma serie de desenhos de projeto para o convento em Albiero, Roberta; Simone, Rita. *João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti*. Milão: Electa, 2006, páginas 128 à 131.

outubro de 2010 - "as obras de requalificação do antigo de São Francisco tiveram início em outubro de 2010"¹²⁵

2016 - "abertura do espaço ao público, após obras de remodelação, conforme projeto de Carrilho da Graça"¹²⁶

IV. Projeto para a Igreja do Convento de S. Francisco (Arq. G. Byrne, 2009-2017)

1996 - A Igreja do convento foi entregue à Diocese de Coimbra.

2009 - Após a entrega do projeto de recuperação da igreja ter sido entregue ao Arquiteto Gonçalo Byrne, esta passa a ser propriedade da Câmara Municipal de Coimbra, assim como resto do edifício.

2009 - 2012 - Neste período de tempo, realizou-se o estudo prévio, onde foram realizados trabalhos de levantamento e escavações arqueológicas.

2012 - 2014 - Este período de tempo corresponde ao projeto de licenciamento.

2014 - 2017 - Seguiu-se o projeto de execução, juntamente com o início das obras na igreja.

2017 - a Igreja é aberta ao público.

¹²⁵ <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/> , consultado a 4 de outubro de 2017.

¹²⁶ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017.



Convento de São Francisco de Coimbra:

intervensões de João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Património Arquitetónico 2017/2018

Ângela Dias Costa

**Convento de São Francisco de Coimbra:
intervenções de João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne**

Índice

Introdução

I. Para a construção de um cenário

II. Intervenções de João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne

Conclusão

Bibliografia

Referências Iconográficas

Introdução

O tema que está presente neste trabalho tem que ver com a leitura de dois projetos, o Convento de São Francisco e a igreja do Convento de São Francisco, de dois arquitetos diferentes, João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne, respectivamente. Estes dois projetos são intervenções em edificado já existente e são duas leituras de como intervir num mesmo lugar.

O Convento de São Francisco de Coimbra começou a ser construído em 1602, na margem esquerda do Rio Mondego, depois da demolição de um antigo convento franciscano muito próximo, junto da ponte que fazia a travessia do rio, que não resistia às cheias constantes. Sabemos que o convento se manteve com a mesma função até à extinção das ordens religiosas em Portugal, em 1834. A partir desta data, o convento franciscano teve os mais variados programas, desde sede de Junta de Freguesia até a um edifício fabril.

É neste contexto que surgem as intervenções do dois arquitectos. Depois de um longo tempo em que o convento esteve desabitado, este é comprado, em 1998, pela Câmara Municipal de Coimbra. Aqui, começa um novo ciclo para o Convento de São Francisco, em Coimbra.



Imagens 1 e 2 - Convento de São Francisco: relação com a paisagem

I. Para a construção de um cenário

Em 1217, começaram a chegar os primeiros franciscanos à cidade de Coimbra. De início e na ausência de um espaço conventual dedicado a si, instalaram-se em Santo António dos Olivais, na ermida de Santo Antão. Coimbra foi o primeiro local português que os frades franciscanos, vindos de Itália adoptaram para a sua implantação. A partir de Coimbra e com a ordem do rei, expandiram-se para o resto do país.

Cerca de 30 anos mais tarde, em 1247, “começou a obra do convento, junto à cidade ao lado de Santa Clara, a jusante da ponte, no sítio das actuais ínsuas”¹. A mudança de Santo António dos Olivais para Santa Clara pressupõe não só um “crescimento da presença de franciscanos em Coimbra”², mas prende-se com o facto de o primeiro local se encontrar longe da cidade, impedindo os frades de interagirem com os fiéis. O primitivo convento ficou conhecido por São Francisco da Ponte.

Em 1602 “lançou-se a primeira pedra do mosteiro novo”³, num ponto mais alto que o primitivo convento, para evitar as enchentes provocadas pelo rio Mondego. Não se sabendo bem qual a autoria do projeto do novo edifício, aponta-se o nome de Vincenzo Cazale⁴. Sabe-se que em 1609, os frades fizeram a passagem do convento primitivo para o novo convento, que se vai implantar na encosta, embora as obras tenham continuado até ao final do século.⁵ As suas obras foram um processo moroso, uma vez que o dinheiro para a construção dependia de esmolas de todo o reino. Foi, em 1659, instituída a Venerável Ordem Terceira, no convento.⁸

Como foi referido anteriormente, o Convento de São Francisco implantou-se na margem esquerda do Rio Mondego. Este local sempre viveu “à sombra” da margem direita, onde todo o poder se encontrava. Contudo, a deslocação dos frades franciscanos de Santa António dos Olivais para aqui, denota a importância que este local tinha para a cidade de Coimbra. Por aqui, passava a estrada romana, que ligava Bracara Augusta e

¹ Gonçalves, A.Nogueira, Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra, Lisboa, 1947, p.90;

² <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/> , consultado a 4 de outubro de 2017, 21:22

³ idem.

⁴ <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/> , consultado a 4 de outubro de 2017, 21:25

⁵ Após as enchentes dos Conventos de São Francisco da Ponte e Santa Clara a Velha, estes decidem implantar-se, não num local de cota baixa, mas na encosta do Monte da Senhora da Esperança.

Olisipo⁶, sendo que este seria um local de passagem de pessoas, mantendo ainda a relação forte de proximidade com a outra margem, muita potencializada com a construção da ponte de pedra sobre o Mondego.⁷ Coincide também com a aproximação ao rio e com a ocupação próxima dele, que ocorreu no final da Idade Média. Apesar disso, este complexo composto pelos dois novos conventos continha um carácter secundário na relação com a grande Acrópole da Alta. Enquanto que aqui, embora “estes três complexos [Convento Santa Clara-a-Velha, Convento São Francisco e Convento Santa Clara-a-Nova] tenham funcionado como pólos de desenvolvimento local, que estabelecem matrizes de ocupação do espaço com grande impacto ao nível da vizinhança, não constituíam impulso suficiente para fixar outras atividades e consolidar o tecido urbano,(...)”⁸, na margem direita surge como um local óbvio de implantação: elevação sobre o Mondego, ponto dominante na paisagem, posição estratégica e local onde existe o fácil atravessamento do rio. Foi um território de crescimento progressivo ao longo dos anos. Observamos isso, aquando da passagem da universidade para Coimbra no reinado de D.João III, onde o local para a implantação dos edifícios escolhido foi a Rua da Sofia (na baixa), deslocando-se, mais tarde, para a alta de Coimbra.

Assim, apesar da construção destes três monumentos não ter resultado numa expansão que se esperava na sua construção, funcionam como uma unidade, que pretende criar um cenário. Um cenário observável da margem direita, uma vez que na margem esquerda não temos noção da relação entre as cercas. A utilização da mesma linguagem de alçado e a sua colocação na paisagem mostra-nos que existe um cuidado e uma relação entre eles.

Com a extinção das ordens religiosas, a 30 de maio de 1834⁹, os franciscanos abandonaram o convento e este foi vendido em leilão a um particular. A igreja foi utilizada como Junta de Freguesia de Santa Clara.

Mais tarde, em 1875, é instalado no convento, mais precisamente na igreja, uma fábrica de massas alimentícias. Contudo, apenas sobrevive cerca de treze anos, uma vez que, em 1888, é instalado uma nova fábrica no convento. A Fábrica de Lanifícios de Santa

⁶ Correspondendo actualmente aos territórios de Braga e Lisboa, respectivamente

⁷ Construção da ponte de pedra sobre o Mondego em 1131 in Dias, Pedro, Coimbra, Arte e História, Porto, 1983, p.13;

⁸ Alçada, Margarida, março de 2003, Revista Monumentos 18, Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, Lisboa, p. 9

⁹ <http://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=111750>, consultado a 13 de outubro de 2017, 21:30

Clara é parte importante na história do convento, porque permaneceu aqui mais de um século e foi quem provocou inúmeras mudanças, que descaracterizaram o convento.

No final do século XX, entre 1986 e 1995, a Câmara Municipal de Coimbra adquire este imóvel, de modo a que este espaço seja aproveitado “para centro de congressos com espaço polivalente para 1500 pessoas, salas de exposições, estacionamento em cave, (...)”¹⁰. Foi aberto um concurso público onde foram pré-seleccionados os arquitectos Gonçalo Byrne, Carrilho da Graça, Fernando Távora e Reichen & Robert Architects, para fazerem a reabilitação e a ampliação do convento.

Carrilho da Graça foi o arquitecto escolhido para projetar as obras no convento, enquanto coube a Gonçalo Byrne as obras na igreja.

*

A construção do novo convento foi iniciada, como já referido, em 1602. Os autores do projeto não estão bem definidos, contudo surgem os nomes de Vincenzo Cazale¹¹ e Isidro Manuel¹², sendo que este último foi o mestre de obras.

O conjunto edificado apresenta uma planta longitudinal irregular. Numa visão geral do complexo, a sul encontramos a igreja e a norte o claustro. Estes dois elementos são ligados pelo dormitório, que compreende a Sala do Capítulo, a zona do Refeitório, cozinha e espaços de apoio e oficinas.

A igreja localizada a sul do convento caracterizava-se por conter uma galilé aberta para a cidade e uma nave única. Esta contém 3 capelas colaterais intercomunicantes, O transepto é inscrito e a sua capela-mor apresenta uma forma relativamente curta, com dois tramos à mesma altura e possui a mesma largura da nave principal .

A norte da igreja situa-se todo o complexo conventual. Segue-lhe a ala dos dormitórios, que ocupa a frente virada a nascente. Esta possui “três séries de janelas sobrepostas rectangulares enquadadas nos extremos e repartidas ao centro por outras rasgadas”.¹³

¹⁰ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 21:31

¹¹ “(...) com projeto, provavelmente, da autoria do arquitecto Vincenzo Cazale”, <http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>, consultado a 4 de outubro de 2017

¹² “Foi mestre de obras o arquitecto Isidro Manuel e é possível que seja também o autor do projeto.” in Dias, Pedro, Coimbra, Arte e História, Porto, 1983, p.198;

¹³ Gonçalves, A.Nogueira, Inventário Artístico de Portugal, Cidade de Coimbra, Lisboa, 1947, p.91;

O claustro do convento tinha uma solução que o autor Nogueira Gonçalves designou de “severa e corrente”¹⁴Encontra-se na parte mais a norte do edificado, envolvido por quatro alas e numa cota elevada. As fachadas das alas caracterizam-se por ter três panos e dois registos diferentes.

A fachada apesar de modesta contém alguns elementos que a embelezam e a tornam elegante. Possui cinco panos de parede e diferentes registos arquitectónicos.

¹⁴ *idem*.



Mapa da Cidade de Coimbra

Margem esquerda do rio Mondego

- 1 - Convento Santa Clara-a-Nova
- 2 - Convento São Francisco
- 3 - Novo Edifício proposto por de João Luís Carrilho da Graça
- Reabilitação do Convento e da Igreja do Convento São Francisco por João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne, respetivamente
- 3 - Convento Santa Clara-a-Velha

II. Intervenções de João Luís Carrilho da Graça e Gonçalo Byrne

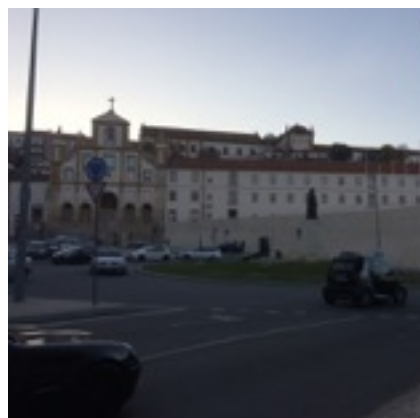
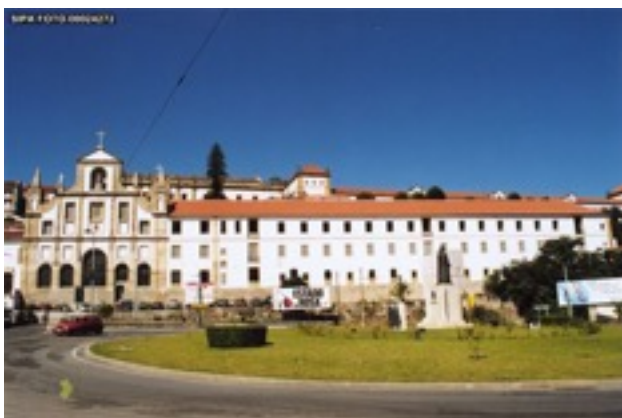
A partir da compra do convento feita pela Câmara Municipal de Coimbra, em 1986, inaugura-se o que se espera ser mais um novo ciclo para este edifício. Em 1998, é aberto um concurso e só em 2010 começaram as obras no convento. O que nos parece mais relevante neste edifício é a esperança, muitas vezes fomentada pelos agentes políticos, que está presente nas reformas mais recentes efectuadas neste edifício, depois de tantos anos em que esteve inabitado. Uma esperança que se traduz no lugar, no programa, no projeto.

O convento iniciou, assim, um novo ciclo. Desde 1834 que este espaço já não era mais um lugar dedicado à religião. Depois de albergar um edifício fabril, a Câmara Municipal de Coimbra propunha um Centro de Convenções e Espaço Cultural. Deste modo, o Convento, com um novo programa, permitia aliar a cultura, a educação e a economia, permitindo a dinamização da cidade. Esta nova visão programática permite ao edifício poder ter os mais diversos usos, sendo que não está confinado a uma única e específica utilização, tornando o espaço do convento mais ambivalente. Do ponto de vista da implantação, este edifício tem uma posição estratégica, uma vez que se encontra junto a uma importante via, a A31 (liga Coimbra- Sul ao IP3) e, encontra-se relativamente próximo do centro da cidade.

Quando em 1998, o concurso público “Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento de São Francisco” foi lançado pela Câmara Municipal de Coimbra, vários foram os Arquitectos que concorreram e que contribuíram para o debate, nomeadamente Fernando Távora e Gonçalo Byrne. Todavia foi João Luís Carrilho da Graça quem ganhou o concurso. Mais tarde, em 2009, a Câmara adquire a igreja do convento e abre um concurso para a sua reabilitação, designado de “Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento de São Francisco - Requalificação da Igreja”, sendo que é o Arquitecto Gonçalo Byrne quem fica responsável pelas obras.



Imagens 3 e 4 - Convento de São Francisco: antes de depois das intervenções



Imagens 5 e 6 - Convento de São Francisco: antes de depois das intervenções

As duas intervenções dos dois arquitectos são bastante diferentes. Ao arquitecto João Luís Carrilho da Graça foi pedido que *restaurasse* a parte do edifício que apenas dizia respeito ao convento e que projetasse um novo corpo que seria o novo espaço para o auditório do centro de convenções. Para além disto, Carrilho da Graça resolveu também a questão do acesso ao edifício, uma vez que este não tinha acesso direto, porque a plataforma que existiria apresentava-se em ruínas. Assim, o arquitecto desenha uma praça a uma cota mais alta da rua, mas que permitia o acesso por escadas e rampas tanto ao convento como à igreja. Gonçalo Byrne apenas se encarregou de *restaurar* a Igreja do convento.

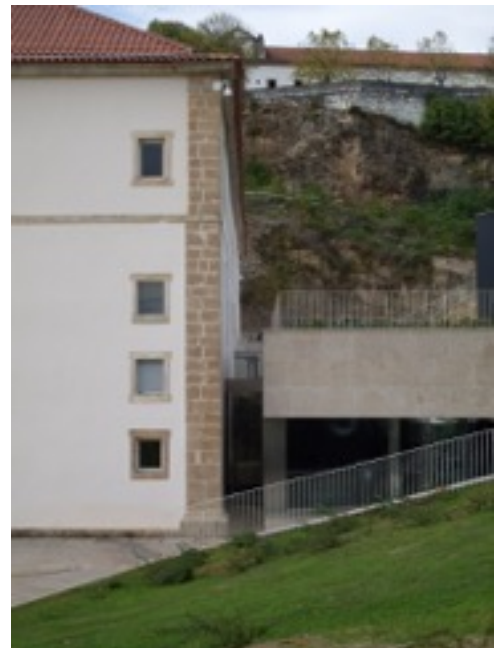
Como já foi referido, as duas intervenções são bastantes diferentes e poderiam resultar em resultados muito diferentes. Todavia, Byrne quanto entrevistado na igreja teve em conta as intervenções do arquiteto Carrilho da Graça, uma vez que estas ocorreram mais cedo. Como o edifício não seria mais um edifício religioso, sendo que agora seria um “Centro de Convenções e Espaço Cultural do Convento de São Francisco”, as duas intervenções tiveram de ter em atenção as exigências para esta nova função, como por exemplo, a criação de grandes espaços amplos, que permitiam albergar as salas de exposições. A proposta não seria só adequar o convento ao programa, mas também adequá-lo aos dias de hoje e às suas exigências. Com um edifício, com um carácter público e que pretende servir toda a população, tem de criar acessibilidades que respondam às necessidades de todos os utilizadores. Este aspeto é relativamente novo para o panorama da arquitetura, mas é fundamental quando queremos criar arquitetura para todos, a que todos possam aceder.

Após ter lido acerca das terminologias da intervenção em edificado, as que mais se enquadram nestas intervenções são a *reabilitação* e o *restauro*. Reabilitar, no sentido em que os arquitetos pretendiam “devolver a um edifício a sua capacidade de ser utilizável, de o tornar habilitado a funcionar novamente, implicando muitas vezes para tal, alterações de conteúdo.”¹⁵ Como o convento já não era habitado desde o princípio do século XX, este, aquando da compra da câmara, encontrava-se já debilitado e a precisar de obras que lhe dessem habitabilidade. Parte da intervenção dos arquitetos foi mesmo projetar uma nova habitabilidade, de forma a que o edifício pudesse voltar a ser utilizado, com um novo programa.

¹⁵ Hass, Lara Rodrigues. “Intervenção arquitetónica em contexto arqueológico : o atelier 15 em Idanha-a-Velha”, dissertação de mestrado integrado, prof. responsável Pedro Alarcão e Silva. Porto: Faup, Ano letivo 2016/2017, pág.57



Imagens7 e 8- Convento de São Francisco: antes de depois das intervenções



Imagens 9 e 10 - Convento de São Francisco: o novo auditório, proposta de Arq. Carrilho da Graça

Como já foi referido, o edifício encontrava-se com algumas fragilidades. Para as combater, foram propostas obras de restauro do edifício, “cujo objetivo é a conservação da sua autenticidade e a sua apropriação pela comunidade.”¹⁶ Por definição restauro permite “restituir o estado inicial (mesmo que parcialmente) ou um estado posterior à edificação do edifício, deteriorado pela acção do tempos e/ou alterado em épocas seguintes.”¹⁷ Assim, o que os arquitetos fizeram foi trazer de volta o estado do edifício, conservando deste modo a memória daqueles que o habitaram e daqueles que o viveram. Como Ruskin afirma “a arquitectura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser”.¹⁸ O grande objetivo final destas duas intervenções era mesmo a conservação de uma memória, por esse motivo não foram aplicadas grandes mudanças no edifício, diria que as necessárias para que haja habitabilidade e de maneira a que o novo programa se integre aqui. Mesmo o novo edifício do auditório surge à parte do grande edifício, como que em segundo plano. A decisão de não integrar um auditório no convento foi bem pensada, uma vez que o auditório nunca se conseguiria integrar no convento, sem que fosse necessário grandes intervenções e grandes mudanças nos espaços, quando a ideia principal é manter, dentro das possibilidades, o edifício tal como ele existia.

Qual seria a legitimidade de, ao invés de restaurar o edifício, destruí-lo e construir um novo, onde fossem criadas, logo à partida, as condições que estamos habituados nos dias de hoje? Ou como Ruskin pergunta “Que recordam então os edifícios antigos?”¹⁹ Recordam as pessoas do seu tempo, são o espelho de como se pensava na época, são no fundo, o espelho de uma sociedade, “os edifícios do passado falam connosco, fazem-nos escutar vozes () que nos envolvem num diálogo.”²⁰ Para Ruskin, o mais importante é preservar a memória do edifício, das pessoas, sendo que uma intervenção num edifício pode apagar e acabar com toda a memória que se tinha dele. Este autor é um anti-

¹⁶ Carta De Cracóvia, “Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído”, 2000, pág.6

¹⁷ Hass, Lara Rodrigues. “Intervenção arquitetónica em contexto arqueológico : o atelier 15 em Idanha-a-Velha”, dissertação de mestrado integrado, prof. responsável Pedro Alarcão e Silva. Porto: Faup, Ano letivo 2016/2017, pág.57 in Pereira, António, “Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído, pág.29

¹⁸ Choay, Françoise. Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017 pág.147 e 148 in Ruskin, “The Lamp of Memory”

¹⁹Choay, Françoise. Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017, página 148

²⁰ *idem*.

intervencionista radical, isto é, não concorda que se façam intervenções em quaisquer edifícios, porque estes não nos pertencem, mas pertencem sim às pessoas do seu tempo.

Viollet-le-Duc apresenta uma visão totalmente contrária, uma visão intervencionista. Enquanto que Ruskin acha que restaurar um edifício ou uma cidade seria como dar vida a um morto, Viollet-le-Duc afirma que restaurar um edificado é “restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento”²¹

Na minha opinião, penso que este tema tem de ser tratado de uma forma menos radical e olhar caso a caso. Por exemplo, o objeto de estudo do presente trabalho estava abandonado e a sua utilidade principal (ser um convento) já tinha sido mudada cerca de dois séculos antes da sua compra, logo a melhor forma de o trazer de volta, para os tempos modernos, seria intervir no edificado, restaurando-o e reabilitando-o. Qual seria a vantagem de termos edifícios abandonados pelas nossas cidades sem que os pudéssemos habitar? Nenhuma, porque os monumentos históricos não pertencem apenas às pessoas do seu tempo, pertencem às pessoas de cada tempo, que eles passam, ou seja, o Convento de São Francisco não pertence só às pessoas que viveram a sua construção no século XVII, mas pertence sim a todas as pessoas desde o século XVII até aos dias de hoje, correspondendo, assim, ao tempo de vida de cada edifício.

Contudo, penso que as intervenções a fazer, têm de ser cautelosas. Quando se intervém em monumentos históricos, temos de nos basear, fundamentalmente, na história do edifício e restaurar apenas o que chegou aos dias de hoje, sem tentar fazer uma cópia daquilo que já não existe do edifício, porque nesse caso, com os avanços técnicos que temos nos dias correntes, o exercício de copiar nunca seria fiel.

Apesar de ainda estar num fase primária do estudo das intervenções do Convento de São Francisco, a intervenção de Carrilho da Graça peca por não ter feito um estudo da história do convento e do lugar onde este se implanta, porque ainda que trouxe de volta a ideia de plataforma que faz o acesso ao convento, não respeitou os vestígios que existiam da antiga plataforma e projetou uma nova. Parece-me que seria importante perceber como se fazia o acesso ao edifício, visto que por altura do concurso (1998) não existiria forma de aceder ao edifício, apenas existiam ruínas de algo.

²¹ Choay, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017, pág.160

Assim, penso que todas as intervenções que se realizam seja em edifícios ou mesmo em cidades tem de ser bastante refletidas e olhar para a história de cada edifício e para cada lugar. Não deveria existir uma regra de intervenção que se pudesse ser reproduzida em cada edificado. A ideia é que os edifícios continuem a ser especiais e únicos e que espelhem uma sociedade, uma forma de pensar.

Conclusão

Com este trabalho pretendemos refletir acerca de como se deve intervir em monumentos históricos, discutindo um caso concreto de intervenção, o Convento de São Francisco, em Coimbra.

Com este objeto de estudo, aprendemos que é necessário, antes de intervirmos, haver uma estudo prévio cerca do edificado e mesmo do lugar onde este se implanta. As intervenções devem refletir a história de um lugar, de um edifício, a história de uma sociedade. Não concordamos com as visões mais radicais em como se deve intervir num monumento histórico, mas sim apoiamos uma visão mais suave, todavia que não descaracterizem o edifício.

Bibliografia

Monografias

ALARCÃO, Jorge de. Coimbra : a montagem do cenário urbano. Fotografia de Filipe Jorge, João Boavida. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008

ALARCÃO, Jorge de, et al. História de Arte em Portugal. Lisboa: Alfa, 1986

ALBIERO, Roberta, SIMONE, Rita. João Luís Carrilho da Graça: opere e progetti. Milão: Electa, 2006 (1ª edição 2003)

A sociedade e a cultura de Coimbra no renascimento. IV Centenário da Morte de João de Ruão. Coimbra: EPARTUR, 1982

BANDEIRINHA, José António. Coimbra from the sky. Fotografia Filipe Jorge, Lisboa: Argumentum, 2ª ed., 2004 (1ª edição 2003)

BORGES, Nelson Correia. Coimbra e Região. Lisboa: Presença, 1987

CHOAY, Françoise. Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 3ª edição, fevereiro de 2017

CORREIA, José Eduardo Horta. Arquitectura portuguesa : renascimento, maneirismo, estilo chão. Lisboa: Presença, 2ª ed, 2002 (1ª edição 1991)

CORREIA, Vergílio, GONÇALVES, Nogueira. Inventário Artístico de Portugal Cidade de Coimbra, Vol. II. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947

CORREIA, Vergílio. A arte em Coimbra e arredores. Coimbra: Academia Nacional de Belas Artes, 1953

CORREIA, Vergílio. Obras, 5v.. V. I - Coimbra ; V. II - Estudos de História de Arte. Arquitectura. Coimbra: Universidade, 1946-1949

DIAS, Pedro. Coimbra. Arte e História. Porto: Paisagem, 1983

GONÇALVES, A. Nogueira. Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra. Lisboa: Coimbra: Academia Nacional de Belas Artes, 1947

História de Arte Portuguesa, direcção de Paulo Pereira. Lisboa: Temas e Debates, 1995

LOPES, Sandra Dias. O convento de S. Francisco da Ponte : valor da arte Coimbrã. Prefácio Nelson Correia Borges, Fotografia Manuel Dias, Coimbra: GAAC, 1998

MARTINS, Maria. Convento de Santa Clara-a-Velha em Coimbra: tempo submerso. Fotografia de Maria Martin, Textos de Fernando de Azevedo, Pedro Dias, Lisboa: Bertrand, 1997

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos. Lisboa: Edições 70, setembro de 2016

Dissertações

CORREIA, Isabel Maria Marques. Coimbra : cidades da cidade. Prova Final orientada por Manuel Fernandes de Sá, Porto: Faup, 2005

CRUZ, Rita. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: da fundação ao processo de valorização. Dissertação de Mestrado orientada por Marta Oliveira, Porto: Faup, 2011

GASPAR, Joana Paula Ramos Henriques. Centrar a cidade no rio : os projectos para a transformação da frente fluvial da cidade de Coimbra. Prova Final orientada por Manuel Fernandes de Sá, Porto: Faup, 2000

Sites Consultados

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

<http://www.coimbraconvento.pt/pt/convento-sao-francisco/historia/>, consultado a 4 de outubro de 2017, 11:37

Artigos e Revistas

AAVV, AA31 2004: João Luís Carrilho da Graça - Works, Coleção "AA Arquitecturas de Autor", Pamplona, T6 Ediciones, 2004

ALÇADA, Margarida. Universidade de Coimbra. Revista Monumentos 8. Lisboa: Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, março de 1998

ALÇADA, Margarida. Santa Clara-a-Nova. Revista Monumentos 18. Lisboa: Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, Março de 2003

ALÇADA, Margarida. Coimbra: da Rua Sofia à Baixa, Revista Monumentos 25. Lisboa: Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, setembro de 2006

Entrevistas e Conferências

Entrevista a João Luis Carrilho da Graça, "700+25 Arquitectura na Cidade", Ano Zero, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra in <https://www.youtube.com/watch?v=r242b0-ajZ0>, consultado a 4 de outubro de 2017

Entrevista de Anabela Mota Ribeiro a João Luís Carrilho da Graça in <http://anabelamotaribeiro.pt/joao-luis-carrilho-da-graca-115979> - consultado a 4 de outubro de 2017, 11:45

Programa Espaços&Casas nº233 Convento São Francisco, emitido a 21 de setembro de 2013 na Sic Notícias in <https://www.youtube.com/watch?v=VeZVeSKpBbs>, 6 de dezembro de 2017, 12:05

Referências Iconográfias

Imagem 1 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

Imagem 2 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

Mapa - <https://www.google.pt/maps/place/Coimbra/@40.2287387,-8.4864863,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xd22f9144aacd16d:0x634564477b42a6b9!8m2!3d40.2033145!4d-8.4102573?hl=pt-PT>, consultado a 10 de janeiro de 2018, 10:48, com intervenção do autor

Imagem 3 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

Imagem 4 - Fotografias de autor

Imagem 5 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

Imagem 6 - Fotografias de autor

Imagem 7 - http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4240, consultado a 13 de outubro de 2017, 20:48

Imagem 8 - Fotografias de autor

Imagem 9 - Fotografias de autor

Imagem 10 - Fotografias de autor